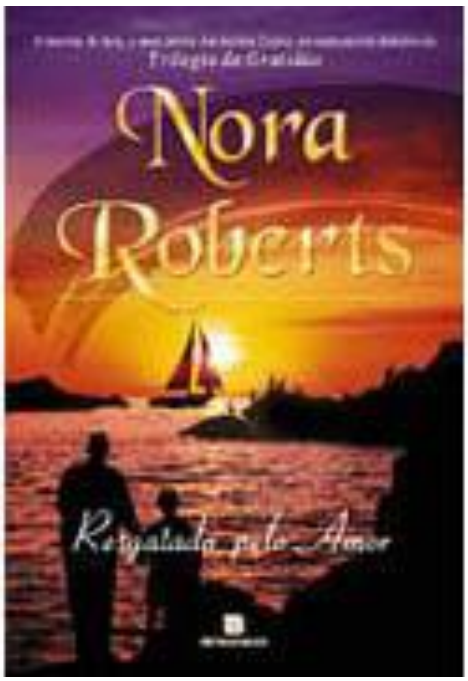

Título: BAÍA DE CHESAPEAKE.
Autora: Nora roberts.

BAÍA DE CHESAPEAKE.
Título original: Chesapeake Blue.
(c) 2002 Nora Roberts.
Tradução: Madalena Teixeira Bastos.
Revisão: Selecções do Reader's Digest.

Leitor mundialmente famoso,
Este que está prestes a aprender
que a única arte verdadeiramente
importante é a arte do coração.

ELE IA a caminho de casa.

A costa oriental do Maryland é um mundo de pântanos e charcos, de vastos campos com plantações alinhadas como soldados. De rios de planície com curvas acentuadas e ribeiros secretos nos quais a maré penetra e onde a garça vai alimentar-se. De caranguejos e da baía, e dos barqueiros que os apanham.

Por mais lugars onde tivesse vivido na primeira e miserável década da sua vida, ou nos últimos anos à medida que se aproximava do final da sua terceira década, só se sentia realmente em casa na Costa.

Eram vários os aspectos e várias as recordações dessa casa, e todos eles se encontravam registados com tanta nitidez e brilho como o sol que se reflectia nas águas da Chesapeake.

Enquanto atravessava a ponte, o seu olho de artista queria capturar aquele momento: a água de um azul intenso e os barcos que deslizavam à superfície, as ondas brancas e a arremetida das gaivotas vorazes. A forma como a terra se cobria de espuma e derramava os seus castanhos e verdes. Todas as folhas das árvores-da-borracha e dos carvalhos que cresciam, com aqueles lampejos de cor que eram as flores sob o sol primaveril.

Queria recordar aquele momento como recordava a primeira vez que atravessara a baía até à Costa Oriental, um rapazinho carrancudo e assustado ao lado de um homem que lhe prometera uma vida.

Ia no banco ao lado do homem que mal conhecia e que ia ao volante. Tinha a roupa do corpo e um saco de papel com os parcos bens.

Sentia um nó no estômago dos nervos, mas afivelara uma expressão aborrecida no rosto e pusera-se a olhar pela janela.

Ficando com o velho, não estaria com ela. Era o melhor que conseguira arranjar. Além disso, o velhote até era um gajo porreiro.

Não tresandava a álcool nem aos rebuçados de mentol que alguns dos cretinos que Gloria levava para o pardieiro onde viviam usavam para disfarçar esse cheiro. E das poucas vezes que tinham estado juntos, o velho, Ray, pagara-lhe um hambúrguer ou uma pizza e conversara com ele.

Pela sua experiência, os adultos não conversavam com os garotos. Diziam-lhes coisas, conversavam à sua volta, mas não falavam com eles.

Ray falava. E também ouvia. E quando lhe perguntara de chofre se Seth queria ir viver com ele, ele pensou que talvez, mas só talvez, fosse ter uma oportunidade.

Longe dela. Era o melhor de tudo. Quanto mais andassem de carro, mais longe ficariam dela.

Se as coisas se complicassem, podia sempre fugir. O tipo era mesmo velho. Grande, mas velho. Aquele cabelo branco todo e aquele rosto largo e cheio de rugas. Lançou-lhe uns olhares rápidos e de viés e começou a desenhar mentalmente aquele rosto.

Os olhos dele eram mesmo azuis, e isso era um pouco estranho, pois os dele também eram. E parecia cansado agora.

— Já estamos quase a chegar — disse Ray quando se aproximaram da ponte. — Tens fome?

— Não sei. Sim, acho que sim.

— Diz-me a experiência que os rapazes têm sempre fome. Criei três pirralhos levados da breca.

Havia alegria naquele vozeirão, mas era forçada. O rapaz podia só ter dez anos, mas reconhecia o tom da falsidade.

— Porque é que me está a levar para sua casa?

— Porque precisas de uma casa.

— Não minta. As pessoas não fazem coisas dessas.

— Algumas fazem. Eu e Stella, a minha mulher, fazíamos.

— E disse-lhe que me ia levar? Ray sorriu, mas era um sorriso triste.

— À minha maneira, disse. Ela já morreu há algum tempo. Devias gostar dela.

Ele não sabia o que dizer.

— O que é que é suposto eu fazer quando chegarmos ao lugar para onde vamos?

— Viver — respondeu Ray. — Ser um rapaz. Ir à escola, meteres-te em confusãos. vou ensinar-te a andar à vela.

— Num barco?

Ray desatou a rir, um barulho forte e ressonante que encheu o carro e que, por qualquer motivo que o rapaz não entendeu, lhe desfez o nó que sentia no estômago.

— Sim, num barco. Tenho um cachorrinho desmiolado, calham-me sempre os desmiolados, que estou a tentar educar. Podes ajudar-me nisso. Vais ter tarefas a cumprir. Vamos estabelecer as regras, e tu vais segui-las. Não julgues que lá porque sou velho vou deixar-te fazer o que queres.

— Pagou-lhe.

Ray tirou os olhos da estrada por instantes e fitou os olhos que eram da mesma cor que os seus.

— É verdade. É a linguagem que ela compreende, tanto quanto pude perceber. Ela nunca te compreendeu, pois não, rapaz?

— Se se zangar comigo, ou se cansar de mim, ou se pura e simplesmente mudar de ideias, vai mandar-me de volta. Mas eu não volto.

Estavam na ponte agora, e Ray encostou o carro à berma e virou-se no banco de modo a ficarem frente a frente.

— Eu vou zangar-me contigo, e na minha idade é normal que me canse de vez em quando. Mas vou fazer-te uma promessa, dou-te a

minha palavra de honra que nunca te vou mandar de volta.

— Se ela...

— Eu não a deixo levar-te — disse Ray, antecipando-se-lhe. — Farei o que for preciso. Tu pertences-me agora. Fazes parte da minha família, e vais ficar comigo até quereres. Quando um Quinn faz uma promessa — acrescentou, e estendeu-lhe a mão -, é para a cumprir.

Seth olhou para a mão que lhe era estendida e afastou a dele, que estava húmida.

— Não gosto que me toquem. Ray acenou com a cabeça.

— Está bem. Mas já te dei a minha palavra de honra. — Voltou novamente à estrada. — Estamos quase a chegar — repetiu.

Passados alguns meses, Ray morrera, mas cumprira a sua promessa. Cumprira-a através dos três homens a quem fizera seus filhos. Esses homens tinham dado uma vida àquele rapazinho franzino, desconfiado e traumatizado.

Tinham-lhe dado um lar e feito dele um homem.

Cameron, o cigano impaciente e exaltado; Ethan, o barqueiro paciente e estável; Phillip, o executivo elegante e astuto. Tinham-no apoiado, lutado por ele. Tinham-no salvo.

Eram os seus irmãos.

A LUZ DOURADA do sol de fim de tarde refletia-se na erva do pântano, nos charcos, nas planícies com as suas plantações em fileiras. Chegou-lhe através das janelas abertas o cheiro a mar quando passou, sem a atravessar, pela pequena vila de St. Christopher.

Pensara em entrar na vila e ir diretamente para o velho estaleiro de tijolo. Barcos Quinn que ainda eram de madeira e construídos por encomenda e que nos dezoito anos da empresa tinham conquistado grande reputação pela sua qualidade e pela arte demonstrada no seu fabrico.

Deviam lá estar, mesmo àquela hora. Cam a praguejar enquanto acabava um trabalho minucioso qualquer na cabina. Ethan a tratar a madeira. Phil, lá em cima no escritório, a arquitetar uma campanha publicitária qualquer.

Podia ir ao Crawford's comprar uma embalagem de seis cervejas. Talvez bebessem uma gelada ou, o que era mais provável ainda, Cam lhe atirasse um martelo e lhe dissesse para arregaçar mas era as mangas e deitar mãos ao trabalho.

Agradava-lhe, mas não era isso que o impelia no momento. Não era isso que o empurrava pela estreita estrada rural onde o pântano ainda se esgueirava das sombras e as árvores com os seus troncos torcidos espalhavam as folhas lustrosas de Maio.

De todos os lugares que já vira — desde as grandes cúpulas e pináculos de Florença à beleza florida de Paris, aos montes estonteantemente verdes da Irlanda -, nada lhe tirara a respiração, lhe enchera o coração, como a velha casa branca com as suas barras azul-claras desbotadas construída num terreno irregular que descia até às águas calmas.

Estacionou no carreiro por detrás do velho Vette branco que pertencera a Ray e Stella Quinn. O carro parecia novinho em folha como no dia em que saíra do stand de automóveis. «Obra de Cam», pensou ele. Cam diria que era uma questão de mostrar o devido respeito por um carro excepcional. Mas tinha a ver com Ray e Stella, com os laços familiares, com o amor.

Os lilases em frente à casa estavam em flor. O que também tinha a ver com amor, refletiu ele. Dera o pequeno arbusto a Anna no Dia da Mãe, quando tinha doze anos. Ela chorara, recordou. com os seus olhos enormes e castanhos inundados de lágrimas, rira-se e batera-lhes o tempo todo enquanto ele e Cam o plantavam.

Anna era a mulher de Cam, o que fazia dela sua irmã. Mas no

fundo do coração, que era o que interessava, ela era sua mãe, pensou.

Saiu do carro, gozando aquela agradável tranquilidade. Já não era um garoto franzino com pés demasiado grandes e olhar desconfiado.

Crescera e os pés já não eram grandes de mais. Media um metro e oitenta e cinco e era rijo. O cabelo escurecera e era agora mais castanho-bronze do que louro como na juventude. Ao passar agora a mão por ele, lembrou-se de que tencionara cortá-lo antes de partir de Roma. Os irmãos iam gozar com ele por causa do rabo-de-cavalo, o que queria dizer que teria de mantê-lo, só por uma questão de princípio.

Encolheu os ombros e, enfiando as mãos nos bolsos das calças de ganga já velhas, começou a andar enquanto examinava tudo à sua volta. As flores de Anna, as cadeiras de balouço no alpendre, o bosque que ladeava a casa e onde ele brincara em garoto. O velho cais a balouçar na água e o barco à vela branco amarrado a ele.

Parou a olhar com o seu rosto encovado e bronzeado virado para a água. Formou-se um sorriso nos seus lábios firmes e carnudos. O peso que trazia no coração sem se aperceber começara a aligeirar-se.

Uma bala preta saiu disparada de entre as árvores.

— Witless! — O cão parou, derrapando, com as orelhas a abanarem e a língua pendurada enquanto observava o homem.

— Anda cá, não se passou assim tanto tempo. — Agachou-se e estendeu uma mão. — Lembras-te de mim?

Witless (que significa tolo) fez o sorriso tonto que os levara a batizarem-no assim, deitou-se imediatamente no chão e rebolou, expondo a barriga para ser afagada.

— Assim mesmo é que é.

Tinha sempre havido um cão naquela casa. Um barco no cais, uma cadeira de balanço no alpendre e um cão no jardim.

— Afinal, lembras-te de mim. — Enquanto fazia festas a Witless, olhou para o canto do jardim onde Anna plantara uma hidrângea por

cima da sepultura do cão dele. O leal e muito amado Bobalhão.

— Sou o Seth — murmurou ele. — Estive demasiado tempo fora. Ouviu o motor de um carro e o chiar de pneus. Ele ainda estava a levantar-se e já o cão saltara e desatara a correr para a porta de casa.

Querendo saborear o momento, Seth seguiu-o lentamente. Ouviu a porta do carro bater e a seguir a voz alegre e viva dela a falar com o cão.

Então, ficou a olhar para Anna Spinelli Quinn, o cabelo escuro desgrenhado da viagem, os braços cheios de sacos que tirara do carro. Fez um enorme sorriso quando a viu tentar escapar à demonstração desesperada de afeto por parte do cão.

— Quantas vezes é que tenho de explicar-te esta regra tão simples? Não podes saltar para cima das pessoas, principalmente para cima de mim. Particularmente quando estou de saia-e-casaco.

— E que lindo saia-e-casaco — gritou Seth. — Mas as pernas ainda são mais bonitas.

Ela levantou a cabeça de rompante, abriu muito os seus olhos castanho-escuros, revelando o choque, o prazer e dando-lhe as boas-vindas num só olhar.

— Oh, meu Deus! — Sem se preocupar com o conteúdo dos sacos, atirou-os para dentro do carro. E correu.

Seth pegou nela, atirou-a ao ar e rodopiou com ela antes de voltar a pousá-la no chão.

— Seth. Seth. — Abraçou-se a ele, ignorando o cão, que saltava e ladrava e fazia os possíveis por meter o focinho entre eles. — Nem consigo acreditar que estás aqui.

— Não chores.

— Só um pouquinho. Deixa-me olhar para ti. — Levou as mãos ao rosto dele enquanto se afastava. «Tão bonito», pensou ela. «Tão crescido.» Passou-lhe uma mão pelo cabelo. As lágrimas continuavam a

correr enquanto ela sorria. — Um ar muito boêmio. Estás ótimo.

— Tu és a mulher mais bonita do Mundo. Ela abanou a cabeça.

— Quando é que chegaste? Pensei que estavas em Roma.

— E estava, mas apeteceu-me vir para cá.

— Se tivesses telefonado, tínhamos ido buscar-te.

— Queria fazer-lhes uma surpresa. — Avançou para o carro e tirou os sacos dela. — Cam está no estaleiro?

— Deve estar. Dá cá que eu levo.

— E Kevin e Jake?

Subiu o carreiro com ele e olhou para o relógio pensando nos filhos.

— Que dia é hoje?

— Quinta-feira.

— Kevin está nos ensaios de uma peça de teatro da escola, e Jake, no treino de softball. Kevin já tirou a carta, santo Deus, e vai buscar o irmão. — Abriu a porta de casa.

Estava na mesma, pensou Seth. Não interessava a cor das paredes nem se o velho sofá fora substituído, nem se havia um novo candeeiro na mesa. Estava na mesma porque ele sentia que estava na mesma.

— Senta-te e conta-me tudo. — Fez-lhe sinal com a cabeça para se sentar à mesa da cozinha, debaixo da qual Witless já se esparramara.

— Claro, depois de ajudar a arrumar isto tudo. — Quando a viu franzir o sobrolho, parou com o pacote de leite na mão. — O que foi?

— Estou a lembrar-me de que toda a gente, incluindo tu, desaparecia sempre quando era preciso arrumar as compras.

— Porque estavas sempre a dizer que nós arrumávamos as coisas nos lugares errados.

— E arrumavam de propósito, só para eu os expulsar da cozinha.

— E tu descobriste?

— Eu descubro tudo quando se trata dos meus meninos. Não me escapa nada, menino. Aconteceu alguma coisa em Roma?

— Não. — Continuou a esvaziar os sacos. Sabia onde estava tudo na cozinha de Anna. — Não me meti em confusão nenhuma, Anna.

«Mas estás perturbado», pensou ela, porém não comentou por enquanto.

— vou abrir um bom vinho branco italiano. Vamos beber um copo e podes contar-me as coisas maravilhosas que andaste a fazer.

Ele fechou o frigorífico e voltou-se para ela.

— Peço desculpa por não ter vindo cá passar o Natal.

— Nós compreendemos, meu amor. Tinhas uma exposição em Janeiro. Ficámos tão orgulhosos, Seth. Cam deve ter comprado uma centena de exemplares da Smithsonian quando publicaram um artigo sobre ti. O jovem artista americano que seduzira a Europa.

Ele encolheu um dos ombros, um gesto tão típico dos Quinns que ela sorriu.

— Senta-te lá — ordenou ela.

— Eu sento-me, mas preferia que tu me contasses as novidades.

— Está bem. — Abriu a garrafa e foi buscar dois copos. — Estou a fazer mais trabalho administrativo do que propriamente trabalho de assistente social. A assistência social envolve muita papelada, mas não é tão gratificante. Entre isso e dois adolescentes em casa, não me sobra tempo para me aborrecer. O negócio dos barcos vai de vento em popa.— Passou o copo a Seth. — Aubrey está lá a trabalhar.

— Estás a gozar? — Só de pensar na garota que considerava mais sua irmã do que os verdadeiros familiares fê-lo sorrir. — Como é que ela está?

— Lindamente. É linda, esperta, teimosa e, segundo Cam, um gênio com a madeira. Acho que Grace ficou um pouco desapontada

quando Aubrey desistiu da dança, mas é difícil contrariar uma filha quando vemos que está feliz. E a Emily de Grace e de Ethan seguiu as pisadas da mãe.

— Vai mesmo para Nova Iorque no final de Agosto?

— Não é todos os dias que se tem a oportunidade de dançar na Companhia Americana de Balé. E Deke sai ao pai ... é calmo, esperto e fica feliz quando está no mar. Queres comer alguma coisa?

— Não. — Estendeu o braço e pousou a mão sobre as mãos dela.— Continua.

— Está bem, então. Phillip continua o guru de marketing e publicidade da empresa. Acho que nenhum de nós, nem mesmo Phil, alguma vez pensou que ele abandonaria a firma de publicidade de Baltimore, desistiria da vida urbana e viria enterrar-se em St. Chris. Mas é assim há, quê?, catorze anos, por isso acho que não se trata de um capricho. E claro que ele e Sybill ainda têm o apartamento em Nova Iorque. Ela está a escrever outro livro.

— Pois é, eu falei com ela. — Afagou a cabeça do cão com o pé. Como é que estão os garotos?

— Malucos, como todo e qualquer adolescente respeitável. Bram esteve loucamente apaixonado por uma garota chamada Cloe na semana passada, mas é provável que já a tenha esquecido. Os interesses de Fiona dividem-se entre os rapazes e as compras. bom, mas ela só tem catorze anos, por isso é normal.

— Catorze! Ela ainda não tinha dez anos quando eu fui para a Europa. Não é possível que Kevin já tenha carta de condução e Aub esteja a construir barcos. Bram a correr atrás das garotas. Eu lembro-me ... Calou-se e abanou a cabeça.

— De quê?

— Lembro-me de quando Grace estava grávida de Emily. Parece que foi há cinco minutos, e agora Emily vai para Nova Iorque. Como é

que já podem ter passado dezoito anos e tu estares na mesma, Anna?

— Oh, tive tantas saudades tuas. — Ela riu-se e apertou-lhe a mão.

— Eu também tive saudades tuas. De vocês todos.

— Vamos já resolver isso. Vamos reunir toda a gente e organizar uma enorme e ruidosa festa de boas-vindas à Quinn no domingo. O que é que achas?

— Melhor não pode haver.

O cão ladrou, saiu de debaixo da mesa e correu para a porta da rua.

— Cameron — disse Anna. — Vai lá fora ter com ele. Atravessou a casa, como tantas vezes. Abriu a porta de rede, como tantas vezes. E olhou para o homem no relvado em frente à casa, a brincar com o cão e a tentar arrancar-lhe um bocado de corda da boca.

Continuava alto e com a constituição de um velocista. Mas já tinha uns cabelos grisalhos. Trazia as mangas da camisa de trabalho arregaçadas até ao cotovelo e umas calças de ganga coçadas. Estava de óculos escuros e com uns tênis Nike bastante usados.

Aos cinqüenta, Cameron Quinn ainda parecia um jovem.

Em vez de o cumprimentar, Seth deixou que a porta de rede batesse atrás de si. Cameron olhou. Disseram mil palavras mudas. Milhares de sentimentos e recordações. Seth desceu os degraus calado, enquanto Cameron atravessava o relvado. Depois, ficaram frente a frente.

— Espero que aquela lata velha à frente de casa seja alugada disse Cameron.

— E é. Foi o melhor que se arranjou assim de uma hora para a outra. Acho que vou devolvê-lo amanhã e usar o Vette por uns tempos.

Cameron fez um sorriso zombeteiro e respondeu:

— Nem sonhes, pá. — Deu um murro amigável no braço de Seth e

depois abraçou-o com força. — Por que raio é que não nos avisaste que vinhas?

— Foi um impulso. Apeteceu-me vir. Precisava de vir — disse Seth.

— Está bem. Anna está pendurada ao telefone a avisar toda a gente de que vamos matar um vitelo?

— Muito provavelmente. Disse que comíamos o vitelo no domingo.

— Está bem. Já te instalaste?

— Não. Tenho as coisas no carro.

— Vamos lá buscá-las.

— Cam. — Seth estendeu a mão e tocou no braço de Cam. — Eu queria voltar para casa. Não é só para cá ficar uns dias. Pode ser?

Cam tirou os óculos de sol, e os seus olhos cor de fumo fixaram-se nos de Seth.

— O que é que se passa contigo, achas que isso é coisa que se pergunte? Queres que fique chateado contigo ou quê?

— Ficas sempre chateado com toda a gente. bom, mas eu ajudo no que for preciso.

— Sempre ajudaste. E, além disso, tivemos saudades de ver a tua carantonha por estas bandas.

E aquelas eram as boas-vindas de Cameron Quinn, pensou Seth.

TINHAM MANTIDO o quarto dele na mesma. A cama era a mesma em que dormira, sonhara e acordara. Atirou a bolsa despreocupadamente para cima da cama e pousou o kit de pintura já gasto — o mesmo que Sybill lhe dera no dia em que fizera onze anos — na mesa de trabalho que Ethan lhe fizera.

Ia precisar de arranjar um espaço para montar um estúdio, pensou. Enquanto o tempo se mantivesse bom, podia pintar lá fora, mas

precisava de um lugar para guardar as telas, o equipamento. Talvez houvesse espaço no velho armazém do estaleiro, mas não serviria para sempre. E ele queria ficar ali para sempre.

Já bastava de viagens por agora. Tivera de partir, de se desenvencilhar sozinho. Precisara de aprender. Precisara de pintar.

Por isso, estudara em Florença e trabalhara em Paris. Vagueara pelas montanhas da Irlanda e da Escócia. Vivera com pouco dinheiro. Quando precisara de escolher entre comer ou pintar, passara fome.

Já passara fome. Fizera-lhe bem, esperava, lembrar-se de como era não ter ninguém que lhe desse de comer, o agasalhasse e o protegesse.

Tirou o papel de desenho, guardou o carvão e os lápis. Estavam alguns dos seus primeiros desenhos pendurados nas paredes do quarto. Cam ensinara-lhe a fazer as molduras numa velha caixa de corte no estaleiro. Seth tirou um da parede para o examinar. Eram promissoras aquelas linhas toscas e indisciplinadas, pensou.

Mas revelavam, sobretudo, a promessa de uma vida.

Reproduzira-os bastante bem, concluiu ele. Cam, com os polegares enfiados nos bolsos, numa postura de confronto. Depois, Phillip, de aspecto afável, muito próximo de uma elegância que quase disfarçava a adquirida na rua. Ethan, paciente, sólido como pau-brasil, com a roupa de trabalho.

Pintara-se também a si próprio juntamente com os outros. Seth com dez anos, pensou. Magricela, ombros estreitos e pés grandes, queixo levantado para esconder uma coisa mais dolorosa que o medo: que era a esperança.

«Um momento da vida», pensou Seth agora, «captado com um lápis de grafite.» Ao fazer aquele desenho, começara a acreditar, bem no seu íntimo, que era um deles. Um Quinn.

— Quando alguém se mete com um Quinn — murmurou ao voltar

a pendurar o quadro na parede -, está a meter-se com eles todos.

— TOCA A LEVANTAR, pá. Isto aqui não é pensão.

O tom daquela voz e o sadismo gritante que escondia fizeram Seth gemer. Virou-se de barriga para baixo e tapou a cabeça com a almofada.

— Vai-te embora. Para longe, muito longe daqui.

— Se achas que vais passar os dias aqui em casa a dormir até ao meio-dia, estás muito enganado.

Seth abriu um olho e virou-o até fitar o despertador da mesinha-de-cabeceira. Ainda nem eram 7. Enterrou novamente a cara no colchão.

Cam arrancou-lhe os lençóis, agarrou-lhe nos tornozelos e arrastou-o para o chão.

Seth olhou para o seu malfeitor.

— O que é que se passa contigo? Este é o meu quarto, a minha cama, e eu estou a tentar dormir.

— Veste-te. Tenho uma coisa para fazeres lá fora — disse Cam, saindo em grandes passadas do quarto. — Tens cinco minutos.

— Pois, pois. — Havia coisas que nunca mudavam, pensou Seth enquanto enfiava umas calças de ganga e uma sweatshirt e saía do quarto em passo cadenciado.

— Mãe! Não encontro os sapatos!

Seth olhou para o quarto de Jake quando ia a caminho das escadas.

— Estão aqui em baixo — respondeu Anna. — Mesmo no meio da minha cozinha, que não é bem o lugar deles.

— Não são esses sapatos. São os outros.

Aquela dinâmica familiar que conhecia tão bem tê-lo-ia feito sorrir, mas ainda não eram sequer 7 horas.

— Que diabo deu a Cam? — perguntou a Anna ao entrar com o seu passo pomposo na cozinha. — Há café? Porque é que acordam sempre todos a gritar nesta casa?

— Cam está à tua espera lá fora. Sim, ainda há meia cafeteira de café, e toda a gente acorda a gritar porque é assim que gostamos de saudar o dia. Vai lá fora, Seth, ou ainda estragas o bom humor de Cam.

Seth saiu pela porta da cozinha com uma caneca de café na mão.

Ali estavam eles, quase como Seth os pintara há vários anos. Cam, com os polegares nos bolsos. Phillip, todo janota de fato, Ethan, com um boné desbotado em cima do cabelo desgrenhado.

Seth engoliu o café e o nó que tinha na garganta.

— Foi por causa disto que me arrancaste da cama?

— Sempre com a resposta na ponta da língua. — Phillip abraçou-o. Os seus olhos, quase do mesmo amarelo-dourado dos cabelos, passaram de relance pela sweatshirt e pelas calças rotas de Seth.

— Não aprendeste nada comigo? — Apontou para a manga, de um cinzento insípido, abanando a cabeça. — É mais do que óbvio que foi um desperdício teres estado em Itália.

— São só roupas, Phil. Pomo-las para não termos frio nem sermos presos.

Phil recuou com ar magoado.

— Onde é que eu falhei?

— A mim, ele parece-me bem. Ainda está um pouco magro. O que é isto? — Ethan agarrou no cabelo de Seth.

— Tinha-o preso num lindo rabo-de-cavalo ontem à noite — disse-lhe Cam. — Estava amoroso.

— Vamos dar-te uma fita cor-de-rosa — disse Ethan, soltando uma gargalhadinha e abraçando-o com força.

Phillip tirou a caneca da mão de Seth e deu um gole.

— Achamos que devíamos vir cá ver-te antes de domingo.

— É bom vê-los. — Seth olhou para Cam. — Podias ter dito que estavam cá todos em vez de me teres arrancado da cama.

— Foi muito mais divertido assim. bom — disse Cam, balançando o corpo apoiado nos calcanhares.

— bom — concordou Phillip, e pousou a caneca no corrimão do alpendre.

— bom — disse Ethan, puxando novamente o cabelo de Seth e agarrando-lhe num braço.

— O que é que foi?

Cam limitou-se a sorrir e agarrou no outro braço de Seth, que não precisou de ver os olhos deles a brilharem para perceber.

— Vá lá. Devem estar a gozar, não?

— Tem de ser. — Antes de Seth começar a debater-se, Phillip agarrou-lhe nas pernas. — Nem sequer tens de preocupar-te porque vais molhar a roupita tão moderna, nem nada.

— Parem com isso. — Seth resistiu e tentou espernear enquanto o levavam do alpendre. — Estou a falar a sério. A água deve estar gelada.

— E provavelmente vais ao fundo como uma pedra — disse Ethan calmamente enquanto o levavam à força para o cais.

Tentou libertar-se deles, fazendo um enorme esforço para não se rir.

— São precisos três de vocês para me levarem. Seus velhos fracalhotes — ripostou. «com mãos de ferro», pensou.

O comentário fez que Phillip erguesse o sobrolho.

— A que distância é que conseguimos atirá-lo?

— Vamos descobrir. Um — anunciou Cam enquanto o balançavam no cais.

— Eu mato-vos. — Seth contorcia-se como um peixe, praguejando e rindo.

— Dois — disse Phillip com um sorriso zombeteiro. — É melhor

susteres a respiração, garoto.

— Três. Bem-vindo a casa, Seth — disse Ethan enquanto os três o atiravam ao ar.

Tinha razão. A água estava gelada. Ficou sem ar, pois não sustivera a respiração, e completamente gelado. Quando veio à tona, afastando o cabelo, ouviu as gargalhadas deliciadas dos irmãos e viu-os em fila no cais, com o Sol que acabara de nascer iluminando a velha casa branca por detrás deles.

«Eu sou o Seth Quinn», pensou. «E regressei a casa.»

O MERGULHO MATINAL contribuiu muito para eliminar ojet lag. Uma vez que estava a pé, decidiu lançar mãos ao trabalho. Foi a Baltimore devolver o carro alugado, e depois de muita conversa e negociata com um vendedor de automóveis, dirigiu-se à Costa na pele de orgulhoso proprietário de um Jaguar prateado descapotável.

Vender os quadros era uma lâmina de dois gumes. Doía-lhe o coração sempre que tinha de separar-se de um deles. Mas estava a vendê-los bastante bem e podia muito bem aproveitar-se disso. Os irmãos iam ficar verdes de inveja quando vissem o novo bólide.

Abrandou quando atravessou St. Chris. A vilazinha à beira-mar, com os cais movimentados e ruas calmas, representava outro quadro para ele, um quadro que já recriara inúmeras vezes.

A Rua do Mercado, com as suas lojas e restaurantes, era paralela ao cais, onde os apanhadores de caranguejo ainda montavam bancas aos fins-de-semana para representar para os turistas. A vila estendia-se para trás, com as suas velhas mansões vitorianas, casas de madeira de dois pisos à frente e um atrás à sombra de árvores frondosas.

Seth passou pelo Crawford's e pensou nos seus suculentos combinados, nos cones com o gelado a escorrer e nos mexericos da vila.

Andara de bicicleta por aquelas ruas na companhia de Danny e

Will McLean. Atravessara-as no Chevy em segunda mão que ele e Cam tinham reparado no Verão em que ele fizera dezesseis anos.

Estacionou o carro para poder ir a pé até ao cais. Queria estudar a luz, as sombras, as cores e formas, e quem lhe dera ter trazido o bloco de desenho.

Ficava constantemente surpreendido com a beleza do Mundo. Como esta se modificava e variava mesmo enquanto a observava. A forma como o sol incidia na água num momento exato, como os seus raios se espalhavam ou desapareciam num piscar de olhos por detrás de uma nuvem. Ou ali, pensou ele, na curva da bochecha daquela menina quando levantou o rosto para olhar para uma gaivota. A forma como o riso lhe moldava a boca ou a forma como os seus dedos se entrelaçavam nos da mãe com absoluta confiança. Havia muita força naquilo.

Ficou a ver um barco branco a adernar na água azul, com as velas enfunadas ao vento. Apercebeu-se de que lhe apetecia voltar a andar à vela. Talvez conseguisse raptar Aubrey durante umas horas.

Dirigiu-se novamente ao carro. Uma tabuleta na fachada de uma loja chamou-lhe a atenção. BOTÃO E FLOR, leu. Florista. Era nova. Aproximou-se, reparando nos vasos festivos pendurados dos dois lados da montra. A própria montra estava repleta de plantas e do que, na opinião dele, eram bugigangas. Mas engenhosas, pensou Seth, dando por si divertido com a vaca malhada com amores-perfeitos derramando-se nas suas costas. No canto inferior direito da montra estava escrito: DRUSILLA WHITCOMB BANKS, PROPRIETÁRIA.

Não era um nome que ele reconhecesse, e visto que, como a inscrição informava, a loja tinha aberto em Setembro do ano anterior, imaginou uma viúva atarantada, já velhota. Cabelo branco, concluiu, vestido engomado estampado com rosas discretas, sapatos confortáveis a condizerem e lunetas penduradas ao pescoço por uma corrente

dourada.

Ela e o marido costumavam vir a St. Chris passar fins-de-semana prolongados, e quando ele morrera, ela ficara com demasiado dinheiro e tempo. Por isso, mudara-se para ali e abrira a florista para poder viver num lugar onde tinham passado bons tempos juntos a fazer uma coisa com que sonhara secretamente durante anos.

A história fazia que gostasse de Mrs. Whitcomb Banks e do seu gato arrogante. Ela tinha de ter um gato chamado Ernestine.

Decidiu fazê-la a ela e às muitas mulheres da sua vida felizes. com flores a ocuparem-lhe os pensamentos, Seth abriu a porta e ouviu o tilintar das campainhas.

A proprietária, pensou ele, tinha um olho artístico. As flores eram as tintas dela. Borrara-as, salpicara-as e espalhara-as muito bem. Jorros de cores, mistura de formas, contraste de texturas, cobriam a tela da loja. Estava arrumada, como esperara, mas não demasiado organizada.

E a extravagância novamente, reparou, encantado. Porcos de ferro forjado, rãs a tocarem flauta, gárgulas mal encaradas. Havia vasos e jarras, fitas e cordões, pratos fundos com ervas e plantas de interior viçosas. Pareceu-lhe um tumulto organizado num espaço limitado e bem aproveitado. Bem concebido, Mrs. Whitcomb Banks, concluiu ele, e preparou-se para gastar à grande.

A mulher que entrou pela porta ao fundo por detrás do comprido balcão não se assemelhava à imagem que Seth fizera da viúva talentosa, mas sem dúvida que o lugar dela era num jardim bem arranjado. A viúva mereceu mais pontos por ter contratado uma empregada que fazia um homem pensar em fadas e princesas encantadas.

— Posso ajudá-lo?

— Oh, claro. — Seth aproximou-se do balcão e fitou-a. «Alta, magra e perfeita como uma rosa», pensou. O cabelo dela era mesmo

preto e cortado rente, acompanhando a forma adorável da cabeça, deixando exposto o pescoço elegante, qual pé de flor. Era um estilo que requeria muita coragem feminina e autoconfiança, pensou ele.

Deixava o rosto completamente nu, de modo que o seu marfim delicado formava uma tela perfeitamente oval. Os deuses estavam de bom humor quando a criaram e tinham-lhe desenhado um par de olhos rasgados verde-musgo em forma de amêndoa, e depois haviam acrescentado uma auréola âmbar em torno das pupilas.

O nariz era pequeno e fino, a boca, grande, a condizer com os olhos, e de lábios carnudos, pintados de um rosa-escuro e sedutor.

O queixo tinha uma ligeira racha, como se o Criador tivesse passado por ali o dedo em sinal de aprovação.

Ia pintar aquele rosto; sem sombra de dúvida. E o resto também. Viu-a deitada numa cama coberta de pétalas de rosa vermelhas, com aqueles olhos de fada a brilharem com o poder de adormecer, os lábios ligeiramente entreabertos, como se tivesse acabado de acordar depois de ter sonhado com o amante.

O sorriso dela não esmoreceu enquanto a observava, mas as asas escuras das sobrancelhas levantaram-se.

— E em que posso ajudá-lo?

A voz era bonita. Forte e suave, mas não era autóctone, concluiu ele.

— Podemos começar pelas flores — retorquiu. — É uma bela loja.

— Obrigada. E em que tipo de flores estava a pensar?

— Já lá vamos. — Debruçou-se no balcão. — Já trabalha aqui há muito tempo?

— Desde o início. Se já está a pensar no Dia da Mãe, tenho umas flores amorosas ...

— Não, eu já tratei do Dia da Mãe. A senhora não é de cá. A pronúncia — explicou ele. — Um pouco mais para norte, talvez.

— Muito bem. DC.

— E o nome da loja. Botão e Flor. É tirado de Whistler? Pôs um ar admirado.

— Para dizer a verdade, é. É a primeira pessoa a descobrir. «A obra de arte tem de surgir como a flor ao pintor ... tão perfeita em botão como já em flor.»

— É provável que o tenha reconhecido porque é isso que eu faço. Pintar.

— Ai sim? — Teve de lembrar-se de ser paciente, de entrar no ritmo. Fazia parte do negócio numa vilazinha ter conversas longas e intermináveis com desconhecidos. Ela já formara a sua opinião sobre ele. O rosto era-lhe vagamente familiar, e os olhos, de um azul intenso, exprimiam francamente o seu interesse. Não ia flertar apenas para vender flores, mas podia ser simpática.

Viera para St. Chrís para ser simpática. Como concluíra que ele pintava casas, tentou pensar num arranjo floral ao alcance das suas posses.

— Trabalha cá?

— Agora, trabalho. Estive fora uns tempos. Trabalha aqui sozinha?— Olhou à sua volta. — A proprietária aparece por cá?

— Eu trabalho sozinha, por enquanto. E a proprietária sou eu. Ele olhou novamente para ela e desatou a rir.

— Meu Deus, enganei-me redondamente. É um prazer conhecê-la, Drusilla Whitcomb Banks. Eu sou Seth Quinn. — Estendeu-lhe a mão.

Seth Quinn. Enfiou a mão na dele automaticamente e modificou rapidamente a imagem que fizera dele. Apercebeu-se de que não era da vila que conhecia aquele rosto, mas sim de uma revista. Não pintava casas, apesar das calças de ganga velhas e da camisa desbotada, era artista. O rapaz da vila aclamado por toda a Europa.

— Admiro o seu trabalho — disse-lhe ela.

— Obrigado. Eu admiro o seu e devo estar a atrapalhá-la. vou recompensá-la. Tenho umas senhoras a quem quero impressionar. Pode ajudar-me.

— Senhoras? No plural?

— Sim. Três, não, quatro — corrigiu, pensando em Aubrey. Umas flores numa linda caixa. Deixe-me pensar. — Calculou o caminho a percorrer e o tempo que levaria a fazê-lo e decidiu que iria primeiro a casa de Sybill. -A primeira é sofisticada, chique, intelectual e prática, possuidora de uma natureza terna. Rosas, diria eu.

— Se desejar ser previsível. Ele olhou para Dru.

— Sejamos imprevisíveis.

— Só um momento. Tenho uma coisa lá atrás de que deve gostar. «Já há aqui uma coisa de que gosto», pensou ele quando ela se dirigia para a porta ao fundo. Tocou ao de leve no peito junto ao coração.

Phillip, pensou Seth enquanto vagueava pela loja, aprovaria as linhas clássicas e bem proporcionadas do fato cor de pêssego maduro que ela tinha vestido. Ethan, imaginou ele, ia pensar numa forma de poder ajudá-la no trabalho todo que acarretava gerir aquela loja. E Cam, bom, Cam iria olhar demoradamente para ela e sorrir.

Regressou com uma braçada de flores exóticas, simples e cor de beringela reluzentes.

— Lírios Calla — elucidou. — Elegantes, simples, cheios de classe e desta cor espectacular.

— Acertou em cheio.

Ela enfiou-os numa jarra em forma de cone.

— A próxima?

— Calorosa, antiquada, no bom sentido do termo. — Sorriu só de pensar em Grace. — Simples também no mesmo sentido. Doce, mas sem ser tola, e inflexível.

— Tulipas — disse ela, e avançou para um armário-frigorífico com

porta de vidro. — Deste rosa-suave. Uma flor tranquila que é mais resistente do que parece.

— Bingo. É boa nisto.

— Pois sou. — Ela estava a divertir-se agora ... não apenas com a venda, mas com o jogo que ela envolvia. -A terceira?

«Aubrey», pensou ele. Como é que podia descrever Aubrey?

— Jovem, fresca, divertida. Dura e inquestionavelmente leal.

— Espere aí. — com a descrição em mente, Dru voltou a correr lá atrás. E regressou com um ramo de girassóis do tamanho de pratos de sobremesa.

— São perfeitos. Foi talhada para o negócio, Drusilla. Era o melhor elogio que podia receber, pensou ela.

— Não fazia sentido não ser. E já que está prestes a bater o recorde de vendas a um só cliente, trate-me por Dru. E a quarta senhora?

— Ousada, linda, esperta e sexy. com um coração de ... — O coração de Anna, pensou ele. — com um coração indescritível. A mulher mais espantosa que eu já conheci.

— E conhece bastantes, ao que parece. Um minuto. — Foi novamente lá atrás e desta vez voltou com lírios asiáticos de um escarlate triunfante.

— Oh, meu Deus! São a cara da Anna. — Estendeu a mão para tocar numa das pétalas vermelhas. — Parecem-se tanto com a Anna. Acaba de fazer de mim um herói.

— É um prazer poder ajudar. vou embrulhá-las e pôr uma fita a condizer com as flores em cada uma das caixas. Os cartões estão incluídos no preço. Pode escolhê-los, estão ali em cima do balcão.

— Não preciso de cartões. — Ela não tinha aliança, reparou. Pintava-a na mesma, mas se fosse casada, isso significaria o fim dos outros planos.

— Que flor é a sua?

Ela olhou-o de relance enquanto punha as primeiras flores numa caixa branca forrada a papel.

— Todas. Eu gosto de variedade. — Atou uma fita púrpura-escura em volta da primeira caixa. — Tal como você, ao que parece.

— Custa-me destruir a ilusão de que tenho um harém. São todas irmãs — disse, apontando para as flores. — Embora os girassóis sejam para uma sobrinha-prima-irmã. O parentesco exato é um pouco dúbio.

— Hum-hum.

— São as mulheres dos meus irmãos e a filha mais velha de um deles. Achei melhor esclarecer isto, uma vez que vou pintá-la.

— Ai vai? — Atou a segunda caixa com uma fita rosa com rendilhado branco. — A sério?

Ele sacou do cartão de crédito.

— Está a pensar que eu quero é vê-la nua, e eu não poria qualquer objeção a isso.

— E porque haveria de pôr? — perguntou ela, agarrando na fita dourada.

— Exatamente. Mas porque é que não começamos pela cara? É um rosto bonito. Agrada-me a forma da sua cabeça.

Os dedos dela tremeram um pouco pela primeira vez. Parou soltando uma risadinha e olhou fixamente para ele. Chegara a altura de despachar o Mr. Quinn artista.

— Sinto-me lisonjeada por a forma da minha cabeça lhe agradar.— Agarrou no cartão de crédito dele. — E por alguém com o seu talento e reputação querer pintar-me. Mas o negócio mantém-me muito ocupada. E sou muito ociosa do pouco tempo livre que me resta.

— Fecha todos os dias às seis e não abre aos domingos. «Devia ter ficado aborrecida», pensou ela, mas ficou foi intrigada.

— Não lhe escapa nada, hem? — Empurrou o talão para ele

assinar.

— Todos os detalhes são importantes. — Depois de assinar o recibo, agarrou num dos cartões-de-visita dela e virou-o ao contrário. Fez um esboço rápido do rosto dela como se fosse uma flor de pé alto, depois acrescentou o número de telefone de casa antes de assinar. Para o caso de mudar de ideias — disse ele. Ela olhou para o cartão e sorriu.

— Podia provavelmente vender isto por uma soma agradável.

— Tem demasiada classe para isso. — Empilhou as caixas e agarrou nelas. — Obrigado pelas flores.

— Não tem de quê. — Deu a volta ao balcão para lhe abrir a porta.— Espero que as suas ... irmãs as apreciem.

— Vão apreciar. — Lançou-lhe um último olhar. — Eu volto.

— Eu estou por cá. — Enfiou o esboço no bolso e fechou a porta.

FORA FANTÁSTICO ver Sybill e passar uma hora a sós com ela. E ver o prazer com que ela arranjara as flores numa jarra alta e transparente.

Eram perfeitas para ela, concluiu, tal como a casa que ela e Phillip tinham comprado e mobilado, a maciça mansão vitoriana com todos os detalhes estilizados, era perfeita para ela.

Mudara de penteado ao longo dos anos, mas voltara ao que mais lhe agradava a ele: o cabelo lustroso balouçando quase rente aos ombros com aquela riqueza de tons de um casaco de vison caro. Trazia uma blusa branca simples e calças pretas com pinças.

Tinha dois filhos bastante ativos e era ao mesmo tempo uma socióloga experiente e escritora famosa. E parecia extremamente serena, pensou Seth. Ele sabia bem que aquela serenidade lhe custara a ganhar. Crescera na mesma casa que a mãe dele. Meias-irmãs que pareciam faces opostas da mesma moeda.

Dado que pensar em Gloria DeLauter o fazia sentir um nó no estômago, Seth afastou aquele pensamento e concentrou-se em Sybill.

— Quando tu, Phil e os garotos foram a Roma há uns meses, eu estava longe de pensar que a próxima vez que nos veríamos seria aqui.

— Eu queria muito que voltasses. — Serviu-os a ambos de um copo de ice tea. — Por vezes, no meio de uma coisa qualquer, parava e pensava: «Falta qualquer coisa. O que é?» Depois: «Oh, pois, é o Seth. Falta o Seth. Que tola.»

— Que simpática. — Apertou-lhe a mão antes de pegar no copo que ela lhe preparara. — Obrigado.

— Conta-me tudo — exigiu ela.

Falaram do trabalho dele e do dela. Das crianças. Quando ele se levantou para se ir embora, ela abraçou-o.

— Obrigada pelas flores. São maravilhosas.

— Comprei-as numa loja nova na Rua do Mercado. A dona parece conhecer a fundo o negócio. Já lá foste?

— Uma ou duas vezes. — Como o conhecia muito bem, Sybill sorriu. — Ela é muito bonita, não é?

— Quem? — Mas vendo Sybill inclinar a cabeça, sorriu. — Fui apanhado. Pois é, tem uma carinha e pêras. O que é que sabes dela?

— Nada, para ser franca. Mudou-se para cá no Verão passado, acho eu, e abriu a loja no Outono. Creio que é da zona de DC. Acho que os meus pais conhecem uns Whitcombs e uns Banks dessa zona, podem ser parentes dela. — Encolheu os ombros. — Não tenho a certeza. Não falo muito com os meus pais hoje em dia.

Ele tocou-lhe na bochecha.

— Lamento.

— Não lamentes. Têm dois netos fantásticos que ignoram completamente. — «Como te ignoraram a ti», pensou ela.

— A tua mãe nunca te perdoou teres-te posto do meu lado.

— Azar o dela — disse Sybill com muita clareza, pegando-lhe no rosto. — Sorte a minha. E não fui só eu que te defendi. Nunca se está

sozinho nesta família.

Ela tinha razão, pensou Seth a caminho do estaleiro. Um Quinn nunca estava só.

QUANDO DRU ACABOU de embrulhar as flores que vendeu a seguir e ficou sozinha na loja, tirou o esboço do bolso.

Seth Quinn queria pintá-la. Não lhe apetecia nada posar, ser escrutinada, imortalizada. Mesmo por umas mãos assim tão talentosas. Mas estava curiosa relativamente ao conceito, assim como relativamente a Seth Quinn.

O artigo que lera sobre ele incluía alguns pormenores sobre a vida pessoal. Sabia que tinha vindo para a Costa Oriental em criança, acolhido por Ray Quinn antes de este ter morrido num acidente de automóvel. Tanto quanto sabia, Ray era avô dele, e depois de ele morrer, Seth fora criado pelos seus três filhos adotivos e pelas respectivas mulheres à medida que haviam aparecido. Ele referira-as como irmãs, a propósito das flores que comprara.

Mas o que mais lhe interessara fora o que o artigo dizia sobre o trabalho dele e como a família encorajara o seu talento desde garoto. Tinha sido uma criança cheia de sorte, com uma família que o amava o suficiente para o soltar — para o deixar descobrir, falhar ou vingar por sua conta. E que, ao que parecia, o acolhia da mesma maneira altruísta.

Contudo, era difícil imaginar o homem que os Italianos tinham apelidado de U maestro giovane, o jovem mestre, a instalar-se em St. Christopher para pintar o mar. Tal como era difícil para muitas pessoas que a conheciam imaginar Drusilla Whitcomb Banks, uma jovem da alta sociedade, satisfeita a vender flores numa lojeca em frente ao mar.

Não lhe interessava o que as pessoas pensavam. Viera para ali para se livrar das exigências e expectativas, do controle cerrado da família e da revolta constante de se sentir usada como corda esfiapada na interminável guerra entre os pais.

Viera para St. Christopher em busca de paz, a paz por que ansiara quase toda a sua vida. E estava a encontrá-la.

Embora a mãe ficasse encantada — talvez, teimosamente, porque a mãe ficaria encantada com a perspectiva de a filha chamar a atenção de Seth Quinn -, Dru não fazia tenções de cultivar esse interesse. Nem o interesse artístico, nem o interesse sexual óbvio que vira no olhar dele ao fitá-la. Nem, se quisesse ser honesta, o interesse sexual óbvio que sentira por ele.

Os Quinns eram, tanto quanto soubera, uma família grande, complexa e difícil de controlar. E só Deus sabia como ela estava farta de famílias.

«Uma pena», admitiu, batendo com o cartão antes de o enfiar numa gaveta. O jovem mestre era atraente, divertido e simpático. E qualquer homem que se desse ao trabalho de comprar flores para as irmãs e quisesse certificar-se de que as flores se adequavam ao estilo da pessoa que ia recebê-las merecia uma pontuação elevada.

«Uma pena para ambos» murmurou ela, e fechou a gaveta dando-lhe uma última pancadinha.

SETH ESTAVA a pensar em Dru, tal como ela estava a pensar nele. Não duvidava de que ela ia consentir em posar. Possuía um arsenal inteiro de armas para combater a relutância de um modelo. Só precisava de decidir qual resultaria melhor com Drusilla.

Tamborilando com os dedos no volante ao ritmo marginal dos Aerosmith que irrompia da aparelhagem do carro, Seth pensou nela. Sentia-se bem na sua pele e não corava quando um homem lhe dava claramente a entender que ela o atraía.

Não era casada, e o instinto dele dizia-lhe que não estava comprometida. Uma mulher como Dru não se mudava atrás de um namorado ou de um amante. Mudara-se de Washington para ali, metera-se num negócio e geria-o sozinha porque era essa a sua

vontade.

Seth virou para o parque de estacionamento do velho armazém de tijolo que os Quinns haviam comprado. Primeiro, tinham alugado aquele edifício enorme, que fora um armazém de tabaco no século xviii, um estabelecimento de enlatados no século xix e um armazém famoso no início do século xx. Depois, convertera-se num estaleiro, transformado e equipado pelos irmãos Quinn. E há oito anos que lhes pertencia.

Seth olhou para cima, para o telhado, quando saiu do carro. Ajudara a reconstruí-lo, recordou, e quase partira o pescoço ao fazê-lo.

Dirigiu-se à entrada e ficou de mãos nas ancas a observar a tabuleta já gasta. BARCOS QUINN. E reparou que tinham acrescentado um nome aos quatro que lá estavam desde o início. Aubrey Quinn.

Ele ainda estava a sorrir e já ela saía de rompante pela porta. Tinha um cinto de ferramentas à cintura e um boné de basebol enterrado na testa. O cabelo, cor de mel torrado, enfiado pela presilha de trás, balançava-lhe nas costas.

Deu um grito de guerra ao avançar para ele. Deu um salto, içou-se com as mãos apoiadas nos ombros dele e enlaçou-lhe a cintura com as pernas. A aba do boné bateu em cheio na testa de Seth quando ela lhe deu um beijo longo e ruidoso.

Pôs-lhe os braços à volta do pescoço.

— Não te vás outra vez embora. Não te atrevas a ir embora.

— Não posso. Acontece muita coisa por aqui quando eu cá não estou. Afasta-te um pouco. — Afastou-a o suficiente para a observar. com dois anos, fora uma princesinha para ele. Aos vinte, era uma muIheraça atlética e atraente. — Meu Deus, como estás bonita.

— Ai sim? Tu também.

— Porque é que não estás na universidade?

— Não comeces. — Arregalou os olhos verde-claros e saltou para o chão. — Estive lá dois anos, e sentir-me-ia mais feliz presa a fazer

trabalhos forçados. É isto que eu quero fazer. — Apontou com o polegar para a tabuleta. — E o meu nome está ali para o provar.

— Sempre conseguiste dar a volta a Ethan.

— Talvez. Mas não foi preciso. O meu pai compreendeu, e depois da choradeira inicial, a minha mãe acabou por compreender também. Nunca fui tão boa aluna como tu, Seth, e tu nunca foste tão bom construtor de barcos como eu.

— Se vais começar a insultar-me, não te dou o presente.

— Onde está? O que é?

— Está no carro. — Apontou para o parque de estacionamento e teve a satisfação de a ver boquiaberta.

— Um Jaguar? Eh lá. — Atravessou o relvado a correr até ao parque de estacionamento e passou os dedos reverentemente pelo capo prateado luzidio. — Cam vai chorar quando o vir. Dá-me cá as chaves para eu o testar ... — disse ela enquanto ele tirava a caixa branca comprida do porta-bagagem. Piscou os olhos ao ver a caixa.

— Compraste-me flores. Oh, deixa ver! Que flores são? — Tirou um canivete do cinto, cortou a fita, depois arrancou a tampa. — Girassóis. Que ar tão alegre.

— Fizeram-me lembrar de ti.

— Como eu gosto de ti. — Olhou fixamente para as flores. — Fiquei tão zangada quando te foste embora. — A voz dela falhou, e ele deu-lhe uma palmadinha desajeitada no ombro. — Eu não vou chorar.— Voltou-se e abraçou-o novamente. — Gostei muito das flores.

— Ainda bem. — Deu uma palmada na mão que tentava enfiar-se no bolso dele. — Não vou dar-te as chaves. E tenho de me ir embora de qualquer maneira. Comprei flores para Grace e quero passar lá antes de ir para casa.

— Ela não está em casa. É a tarde que a minha mãe reserva para tratar dos assuntos dela, depois vai buscar Deke à escola e deixá-lo na

aula de piano. Eu levo-lhas.

— Diz-lhe que vou tentar passar lá amanhã, senão vemo-nos no domingo.

Aubrey pôs as flores dela e as da mãe na cabina da carrinha de caixa aberta.

— Vamos chamar Cam e mostrar-lhe o teu carro. Digo-te que ele não vai aguentar e desata a soluçar como um bebé. Estou morta por ver.

— Tu és mazinha, Aub. — Seth pôs-lhe o braço à volta dos ombros. — Eu gosto disso. Agora, conta-me tudo o que sabes sobre a florista. Drusilla.

— Ah! — Aubrey olhou de esguelha para ele enquanto avançavam para o edifício. — Daí este jardim florido.

— Talvez.

— Vamos combinar uma coisa. Vai ter comigo ao Shiney's depois do jantar. Aí por volta das oito. Paga-me um copo que eu despejo tudo.

— Não tens idade para beber.

— Pois, pois, como se eu nunca tivesse bebido uma cerveja. Não te esqueças de que daqui a menos de seis meses já tenho idade.

— Até lá, quando for eu a pagar, só bebes coca-cola. — Puxou-lhe a aba do boné para baixo e abriu a porta, ouvindo o ruído das ferramentas elétricas.

CAM AGUENTOU e não desatou a chorar, mas babou-se um pouco, pensou Seth ao estacionar em frente ao Shiney's Pub. Olhou para a carrinha de caixa aberta ao lado do carro dele. Uma coisa era certa, Aubrey era sempre pontual.

Abriu a porta do Shiney's e sentiu-se mais uma vez bem-vindo. «Outra constante de St. Chris», pensou. O Shiney's Pub parecia sempre que precisava de uma mangueirada, as empregadas tinham sempre belas pernas e as bandas eram sempre as piores bandas ao vivo de todo

o estado do Maryland.

Seth olhou para as mesas e para o bar à procura de uma lourinha com boné de basebol. Ela estava realmente ao balcão, toda curvas e completamente vestida de preto, com o cabelo mel torrado caindo em espiral pelas costas abaixo, enquanto tinha uma conversa calorosa com um tipo que parecia Joe College.

Seth avançou de lábios cerrados, preparando-se para um confronto e para mostrar a Joe College o que acontecia a um tipo que se metia com a irmã dele.

— Estás muito convencido. — A voz de Aubrey soou qual chicote.— A rotação do lançador é consistente, os jogadores das bases têm boas mãos. Os batedores estão a melhorar. Na altura do All-Star Game, já os Orioles estão a marcar quinhentas bolas.

— Não vão conseguir as quinhentas nem na temporada inteira ripostou o tipo.

— Vai uma aposta. — Aubrey arrancou uma nota de vinte do bolso e atirou-a para cima do balcão. E Seth suspirou. Podia ser um pedaço de mulher, mas ninguém se meteria com a Aubrey dele.

— Seth. — Ao vê-lo, Aubrey estendeu o braço, enfiou-o no dele e puxou-o para o balcão. — Sam Jacoby — disse ela, acenando em direção ao homem sentado ao lado dela.

— Já ouvi falar muito em si. — Sam estendeu-lhe a mão e deslizou para fora do banco. — Sente-se. Tenho de ir. Até breve, Aub.

— Vais ter de pagar-me os vinte dólares em Julho — gritou ela, e depois concentrou-se em Seth. — Sam até é bastante simpático, pena é aquela tendência para apoiar os Mariners.

— Pensei que estava a engatar-te.

— Sam? — Aubrey olhou para as mesas com um olhar complacente e feminino. — Claro. Está de reserva. Eu agora ando com Will McLean.

— Will? — Seth quase se engasgou. — Will McLean? — Só imaginar Aubrey e um dos seus amigos de infância assim juntos, pô-lo a fazer sinal ao barman. — Preciso de uma cerveja.

— Não nos vemos assim muito — prosseguiu Aubrey. — Ele é médico interno do St. Chris General. Os turnos no hospital são uma treta. Mas quando conseguimos encontrar-nos, vale a pena.

— Cala-te. Ele é velho demais para ti.

— Eu sempre gostei de homens mais velhos. — Deu-lhe deliberadamente um beliscão na bochecha. — Além disso, só são cinco anos de diferença. Mas se quiseres falar sobre a minha vida amorosa ...

— Não quero. — Seth agarrou na garrafa que o barman lhe pôs à frente e deu um trago. — Não quero mesmo.

— Está bem, já chega de falar de mim, então vamos falar de ti. Quantas línguas aprendeste lá pela Europa?

Não era um assunto que quisesse discutir com Aubrey.

— Eu não estive numa maratona sexual. Estive a trabalhar.

— Há garotas que gostam do tipo artístico. Talvez a tua florista seja uma delas e tenhas sorte.

— Conta-me mas é o que sabes sobre ela.

— Está bem. — Agarrou numa taça com aperitivos que estava em cima do balcão e começou a mastigar. — Então, ela apareceu pela primeira vez cá há cerca de um ano. Passou uma semana a dar umas voltas por aí, a ver lugars bons para o negócio — disse ela, acenando com a cabeça. — Foi Doug Motts quem me disse. Lembras-te de Dougie ... um garoto rechonchudo?

— Vagamente.

— Trabalha na Shore Realtors agora. Segundo Doug, ela sabia o que queria e disse-lhes para a contatarem em Washington, DC, se surgisse alguma coisa parecida. Por isso, Doug andou para aí a xeretar, a tentar recolher informações sobre a potencial cliente. Ela tinha-lhe dito

que visitara St. Chris umas vezes em garota, o que lhe deu uma pista.

— Ma Crawford — disse Seth a rir.

— Acertaste. O que Ma Crawford não sabe é porque não vale a pena saber. Ela lembrava-se dos Whitcomb Banks. Um nome assim, quem é que não haveria de lembrar-se? Mas foram mais longe porque ela se lembrava de Mrs. WB de quando era garota e vinha para cá com a família. A família era podre de rica. A firma Whitcomb Technologies, que aparece nas quinhentas mais da revista Fortune. O senador James P. Whitcomb, o cavalheiro do Maryland.

— Ah. Esses Whitcombs.

— Esses mesmo. O senador, que deve ser avô da florista, tinha um fraquinho pela Costa Oriental. E a filha, a atual Mrs. WB, casou com Proctor Banks, da Banks and Shelby Communication. Estamos a falar de uma megafortuna quando falamos nesta fusão.

— E a jovem, casadora e extremamente rica Drusilla aluga uma loja em St. Chris e vende flores.

— Compra um prédio em St. Chris — corrigiu Aubrey. — Uns meses depois de Doug ter tido a sorte de estar ao balcão da Shore Realtors quando ela lá entrou, o proprietário decidiu alugar o edifício. Cheirando-lhe a comissão, o bom do Doug telefonou à jovem a dizer que havia um lugar para alugar na Rua do Mercado, e ela fá-lo salivar quando lhe pergunta se os donos não estão interessados em vender. Quando eles dizem que sim, o negócio faz-se. E depois ela faz dele o homem mais feliz do Mundo ao pedir-lhe para lhe descobrir uma casa também. Vem cá, dá uma olhadela àquela mansão vitoriana em ruínas na Oyster Inlet. Mais um excelente negócio para a imobiliária — acrescentou Aubrey.

— Só tem ervas do pântano e moitas à volta. — Mas elevava-se sobre uma curva do rio de planície, recordou ele. Aquela água cor de tabaco que cintila como âmbar quando o sol brilha por entre os

carvalhos e as árvores-da-borracha.

— A tua menina é ciosa da sua privacidade — disse-lhe Aubrey. É fechada. Amável e prestável com os clientes, educada e até afável, mas cautelosa. É fria como uma pedra.

— É nova por cá. — Sabia o que era estar num lugar que tinha exactamente o que se queria, mas sem se ter a certeza de que se encontrara o nosso cantinho. — Pode muito bem ser que precise de um amigo.

— Por falar em amigos, a tua nova amiga acaba de chegar.

— Quem? — Percebeu mesmo antes de rodar no banco e de a ver. Avançava com ar decidido e gracioso por entre as mesas manchadas e as cadeiras desconjuntadas.

— Tem classe — foi a descrição resumida de Aubrey.

— Pois tem. — Seth tirou o dinheiro das bebidas do bolso e atirou-o para o balcão. — Vais ficar sozinha, garota.

Aubrey abriu muito os olhos, fingindo-se chocada.

— Estou espantada.

Seth deu-lhe um beijo apressado antes de partir ao encontro de Dru.

Ela parou numa mesa e começou a falar com uma empregada. A atenção de Seth estava tão concentrada em Dru que levou algum tempo a reconhecer a outra mulher.

Terri Hardgrove. Loura, mal-humorada e maciça. Ela e Seth tinham namorado durante uns meses memoráveis no penúltimo ano do liceu. A coisa não acabara bem, recordou Seth, e quase deu meia volta para evitar o confronto. Em vez disso, tentou sorrir prazenteiramente e continuou a avançar até ouvir um pouco da conversa.

— Afinal, não vou ficar com o tal espaço — dizia Terri enquanto equilibrava o tabuleiro numa das ancas. — O JJ e eu já resolvemos as nossas desavenças.

— O JJ. — Dru inclinou a cabeça. — Deve ser o tal estupor vigarista que você não queria voltar a ver nem com molho de tomate.

— bom. — Terri mudou de posição. — Nós ainda não tínhamos feito as pazes quando eu disse isso. É que eu vi a tabuleta a dizer aluga-se quando estava furiosa com ele. Mas nós já resolvemos tudo.

— Já percebi. Parabéns. Teria sido simpático ter lá ido hoje à tarde dizer-me, conforme combinado.

— Peço desculpa, mas nós estávamos ...

— Estavam a fazer as pazes — terminou Dru.

— Olá, Terri.

— Seth! Seth Quinn! Olhem só para ele — guinchou ela.

— Como é que vais?

— Eu estou ótima. Ouvi dizer que tinhas voltado, e aqui estás tu. Cheio de vida e bonito e famoso também. Já se passaram uns anos desde que andámos no Liceu de St. Chris.

— Uns anos, sim — concordou ele, e olhou para Dru.

— Já se conhecem? — perguntou Terri.

— Já. vou deixar-vos a recordar os velhos tempos — disse Dru.

— Temos tempo para isso. — Ele arrancou atrás de Dru, deixando para trás Terri, amuada.

— Que tal bebermos um copo?

— Não quero beber nada, obrigada, e vou-me embora daqui antes que os meus tímpanos fiquem permanentemente danificados com esta música horrorosa desta banda surpreendentemente barulhenta e destituída de talento. E a sua amiga loura está a olhar para mim como um cão de guarda — rematou Dru.

Ele abriu-lhe a porta.

— As flores fizeram um sucesso.

— Folgo em ouvi-lo. — Tirou as chaves da bolsa.— com que então tem um espaço para alugar?

— É o que parece. — Ela avançou, em sinal de despedida, para o Mercedes SUV (veículo utilitário desportivo).

Seth deitou a mão ao fecho da porta antes dela, depois encostou-se com ar descontraído à dita porta.

— Onde?

— Por cima da loja.

— E quer alugá-lo?

— Está vazio. Parece-me um desperdício de espaço. Só posso conduzir o carro se me deixar entrar — salientou ela.

— Por cima da loja — repetiu ele, e fez um esforço para se lembrar do edifício. — Três janelas à frente e atrás — disse ele em voz alta. Deve ter boa luz. De que tamanho é?

— Oitenta metros quadrados, incluindo uma pequena cozinha tipo cozinha de navio.

— Tem espaço suficiente. Vamos lá ver.

— Desculpe?

— Mostre-me o espaço. Pode ser que eu esteja interessado.

Ela abanou impacientemente as chaves que tinha na mão.

— Quer que eu lhe mostre o apartamento agora?

— Não quer desperdiçar espaço, porque há-de então desperdiçar tempo? — Abriu-lhe a porta do carro. — Eu vou atrás de si. Não demoro muito — disse ele com aquele sorriso fácil e dolente. — Sou rápido a tomar decisões.

ELA TAMBÉM ERA, pensou Dru ao sair em marcha atrás do parque de estacionamento. E já tinha uma opinião formada sobre Seth Quinn.

Era um homem confiante e talentoso. Era atraente. com aquele corpo magro e esbelto que parecia concebido para usar aquelas calças de ganga desbotadas. O farto cabelo louro-brilhante, escorrido e sem penteado definido. As faces encovadas, os olhos azuis e vivos. Não apenas vivos na cor, mas também na intensidade. A maneira como

olhava para as pessoas, como se visse algo que ninguém mais via. Algo que nem os próprios viam. Fazia que se pensasse nele.

As mulheres para ele eram como tintas numa paleta, concluiu. Podia molhar o pincel em qualquer uma delas a seu bel-prazer. A maneira como ele estava «embrulhado» com a loura ao balcão, cena em que Dru reparara mal entrara, dava que pensar.

Contudo, ali estava ela, admitiu, de regresso à loja para lhe mostrar o apartamento no segundo piso, quando o que mais queria era voltar para a sua querida e sossegada casinha.

Era a coisa mais sensata a fazer, claro. Não fazia sentido o espaço continuar vazio. Mas irritava-a o fato de ele ter partido do princípio de que ela se daria ao trabalho e à maçada só porque era esse o desejo dele.

Mal passava das 9 de uma noite fria de Primavera, mas quase não havia movimento junto ao mar. Havia uns pequenos barcos amarrados a balouçarem ao sabor da corrente e umas pessoas a passearem ao luar.

Como ela gostava daquela zona. Quase gritara de felicidade quando conseguira ficar com o prédio para a loja, sabendo que podia sair a qualquer hora do dia e ver a água, os barcos de pesca de caranguejo, os turistas. Sentir aquele ar húmido na pele. Mais ainda, sentir-se parte daquilo tudo por iniciativa própria, nas condições que estabelecera.

Teria sido mais inteligente, e outra vez mais sensato, ter ficado com a casa em cima para ela. Mas, consciente e deliberadamente, tomara a decisão de não viver no mesmo lugar onde trabalhava.

Apagou as luzes, desligou o motor e agarrou na bolsa. Seth já estava a abrir-lhe a porta antes de ela o fazer.

— Está bastante escuro. Tenha cuidado. — Agarrou-lhe no braço e levou-a até à escada de madeira para o segundo piso.

— Eu consigo ver, obrigada. — Afastou-se dele e abriu a bolsa à

procura das chaves. — Há lugar para estacionar — começou ela. — E uma entrada privativa, conforme pode ver.

— Sim, eu também consigo ver tudo muito bem. Ouça. — A meio das escadas, pôs-lhe a mão no braço para a fazer parar. — Ouça — repetiu, e olhou para as casas que ladeavam a rua por detrás dele. — É maravilhoso, não é?

Dru não conseguiu deixar de sorrir. Percebia perfeitamente o que ele queria dizer. E era maravilhoso aquele silêncio.

— Não vai estar assim tão silencioso daqui a umas semanas. — Ele olhou para o escuro, para as casas, para os relvados. — A partir dos finais de Maio, aí no Memorial Day, os turistas e os veraneantes começam a chegar. As noites são mais compridas, mais quentes, e as pessoas ficam cá fora. O que também pode ser fantástico, aquele barulho todo. Barulho de férias. O tipo de barulho que se ouve quando se tem um gelado na mão e não se está preocupado com as horas.

Ele voltou-se e apontou-lhe aqueles olhos azuis fortes. A intensidade do olhar era elementarmente física.

— Gosta de gelados? — perguntou ele.

— Não seria lá muito normal se não gostasse. — Subiu rapidamente o resto das escadas.

— Não vejo nada de anormal em si — murmurou ele, e ficou com os polegares enfiados nos bolsos à espera de que ela abrisse a porta.

Ela carregou no interruptor da parede para acender as luzes e deixou deliberadamente a porta aberta quando ele entrou. Viu logo que não precisava de ter-se preocupado: ele não estava a pensar nela agora.

Seth avançou até às janelas da frente e começou a falar baixinho.

— Desculpe?

— O quê? Oh, só estou a calcular a luz ... sol, ângulos. Coisas assim. — Voltou às janelas das traseiras e parou como fizera nas da

frente. E sussurrou como fizera nas da frente.

— A cozinha ... — ia Dru dizer.

— Isso não interessa. — Franziu o sobrolho e olhou para o tecto com tanta intensidade que ela deu por si a olhar fixamente também.

Passados segundos de estar ali calada a olhar fixamente para cima, sentiu-se ridícula.

— Há algum problema com o tecto?

— Hum-hum. Opõe-se a uma clarabóia... se for eu a pagar?

— bom ... não sei. Acho que ...

Ele vagueou novamente pela divisão, escolhendo o local para as telas, as tintas, o cavalete, um estirador para os esboços, estantes para o material e equipamento. Tinha de arranjar um sofá ou uma cama, pensou. Melhor, uma cama para o caso de trabalhar até tarde e decidir passar lá a noite. Ao fim de um bocado, comentou:

— O espaço é bom. com a clarabóia, a coisa é capaz de resultar. Fico com ele.

Ela lembrou-se de que ainda não concordara com a clarabóia, mas também não encontrava motivo nenhum para não concordar.

— Foi rápido, como previsto. Não quer ver a cozinha, a banheiro?

— Têm tudo o que as cozinhas e as casas de banho devem ter?

— Têm. Não tem banheira, só umpoliban.

— Não tenciono vir para aqui tomar banhos de espuma. — Avançou para as janelas da frente novamente. — Tem uma vista de primeira.

— Sim, é muito bonita. Não que isso seja da minha conta, mas presumo que tenha vários lugars onde ficar enquanto cá está. Para que é que precisa de um apartamento?

— Eu não quero vir para aqui viver. Preciso de um estúdio.

— Estou a ver. Então, vai ser um estúdio, o que explica a clarabóia.

— Eu preciso mesmo deste espaço. Preciso de voltar ao trabalho. O que é que me diz de um contrato de seis meses?

— Seis meses. Estava a pensar num ano.

— Seis meses dá-nos aos dois a possibilidade de acabar com tudo mais cedo.

Ela cerrou os lábios enquanto pensava.

— É verdade.

— Quanto é que pede?

Ela disse-lhe a renda que estava a pensar pedir.

— Quero o primeiro e o último mês de renda na assinatura do contrato.

— Eu pago-lhos amanhã. Tenho um compromisso com a família no domingo e tenho de encomendar a clarabóia, mas gostava de arrancar com a coisa já.

— Está bem. — Agradava-lhe a ideia de o ter a pintar por cima da loja. — Parabéns — disse ela, e estendeu-lhe a mão. — Arranjou um estúdio.

— Obrigado. — Agarrou na mão dela e segurou-a. Sem aliança, pensou novamente. Dedos compridos e de fada e unhas não pintadas.

— Já pensou em posar para mim?

— Não.

Ele sorriu da resposta curta e incisiva dela.

— Eu ainda a convenço.

— Não me deixo levar facilmente. Vamos já esclarecer isto antes de iniciarmos uma relação de negócios mutuamente satisfatória.

— Está bem. Tem um rosto forte e lindo. Como artista e homem, sinto-me atraído pelas qualidades de força e beleza. O artista quer traduzi-las, o homem, apreciá-las. Por isso, gostava de a pintar e passar tempo consigo.

Apesar da brisa que entrava pela porta aberta, ela sentia-se

demasiado só com ele.

— Tenho a certeza de que já teve o seu lote de mulheres para traduzir e apreciar. Como a loura boazona vestida de preto com que estava todo embrulhado no bar.

— Quem ...? — O humor dominou-lhe a expressão. Era como luz a irromper das sombras, pensou Dru.

— Loura Boazona Vestida de Preto — repetiu ele, vendo a frase como um título. — Ela vai adorar. Eu não estava embrulhado com ela. Era Aubrey. Aubrey Quinn. A filha mais velha do meu irmão Ethan.

— Estou a ver. Não me pareceu bem uma relação particularmente avuncular.

— Não me sinto tio dela. É mais uma relação de irmão mais velho. Ela tinha dois anos quando cheguei a St. Chris. Aubrey foi a primeira pessoa que eu amei completamente. Ela também tem força e beleza e eu já as traduzi e apreciei. Mas não exactamente da mesma maneira que gostaria de fazer consigo.

— Então, vai ficar desapontado. Não tenho tempo para posar e não me apetece ser apreciada. Você é muito atraente Seth, e se eu fosse superficial ...

— Sim. — Outro sorriso radioso. — Sejamos superficiais.

— Lamento. — Ele conseguira arrancar-lhe novamente um sorriso.

— Desisti de ser. Se fosse, talvez até gozasse da sua companhia. Mas assim, vamos ser práticos.

— Podemos começar por aí. bom, como já me fez uma pergunta, eu agora também posso fazer-lhe uma.

— Está bem, o que é que quer perguntar?

Ele percebeu pela expressão fechada e tensa que ela estava à espera de uma pergunta pessoal. Por isso, mudou de estratégia.

— Gosta de caranguejos cozidos no vapor?

Ela ficou a olhar para ele quase dez segundos, e deu-lhe o prazer

de ver o seu rosto relaxar.

— Sim, gosto.

— Ótimo. Vamos comê-los no nosso primeiro encontro. Eu venho cá amanhã assinar o contrato — acrescentou ele ao avançar para a porta aberta.

— Pode ser de manhã.

Ele olhou para baixo quando ela se inclinou para trancar a porta. O pescoço dela era comprido, elegante. O contraste entre este e o corte rígido do cabelo escuro era agudo e dramático. Inadvertidamente, passou um dedo pela curva que ele descrevia, só para avaliar a textura.

Ela ficou imóvel, e durante instantes ambos constituíram um retrato de si próprios. A mulher com o fato colorido e o homem de roupa grosseira com a ponta do dedo na curva do pescoço dela.

Ela endireitou-se com uma sacudidela, e Seth deixou cair a mão.

— Desculpe, é um hábito irritante que eu tenho.

— E tem muitos?

— Receio bem que sim. Não foi nada de pessoal. O seu pescoço descreve uma curva muito bonita.

— Especialista em elogios, simpáticos ou não. — Passou rapidamente por ele e desceu as escadas.

— Ei. — Ele desatou a correr atrás dela. — Também sei fazer outro tipo de elogios.

— Aposto que sim.

— E vou fazer-lhos. Mas entretanto ... — Abriu-lhe a porta do carro. — Há alguma arrecadação?

— Há uma casa das máquinas. Ali. — Apontou para uma porta debaixo das escadas. — Caldeira para aquecimento central e água. E uma arrecadação.

— Se precisar, posso lá enfiar umas coisas até o apartamento estar arranjado? Chegam umas coisas de Roma na segunda-feira.

— Não vejo qualquer problema. A chave está na loja. Lembre-me de lha dar amanhã.

— Obrigado. — Fechou-lhe a porta do carro quando ela entrou, depois bateu na janela. — Sabe uma coisa — disse quando ela baixou o vidro. — Gosto de estar na companhia de uma mulher esperta e confiante que sabe o que quer e faz por consegui-lo. É muito sexy, esse tipo de rumo e determinação.

Esperou que ela reagisse.

— Foi um elogio.

Ela não desviou os olhos dos dele enquanto fechava o vidro. E só se riu depois de se afastar.

A MELHOR COISA dos domingos, na opinião de Dru, era o poder acordar lentamente e depois ficar naquele estado semiacordado enquanto os raios de sol passavam fragmentados por entre as árvores, se esgueiravam pelas janelas e dançavam nas suas pálpebras fechadas.

O domingo era saber-se que não era preciso fazer nada e que podiam fazer-se milhares de coisas. Agora, não havia nenhum almoço de caridade, nenhum jantar de família obrigatório nem partida de ténis no clube a preencherem-lhe os domingos. Não havia nenhuma contenda entre os pais para arbitrar.

Só havia o domingo e o poder gozá-lo preguiçosamente.

Nunca o considerara um dado adquirido desde que ali estava. Nem nunca perdera uma parcela do enorme prazer que lhe dava ficar parada em frente à janela a olhar lá para fora. Só via uma paz encantadora.

Abriu a janela naquela manhã fresca. Daquela janela podia admirar a curva do rio que só a ela pertencia. Via as folhas manchadas da hepática que plantara à sombra com os botões rosa-vivo. E os lírios-dos-vales com as campainhas já a balouçarem. E mais além, a erva e juncos do pântano com uma pequena clareira que fizera para os íris amarelo-torrados que gostavam de ter os pés molhados.

«Seth Quinn tinha razão quanto a uma coisa», pensou. Ela era uma mulher que sabia o que queria e lutava para o conseguir. Talvez tivesse levado algum tempo a perceber o que queria, mas quando percebera, fizera o que havia a fazer.

Quisera um negócio em que se sentisse criativa e feliz. E decidira vencer sozinha. Pensara numa pequena estufa ou num serviço de jardinagem. Não estava certa das suas capacidades nesse ramo, mas percebia de flores. Quisera uma pequena vila onde o ritmo fosse lento e as exigências poucas. E quisera água. Adorava St. Christopher, com a sua disposição meticulosa e alegre e a baía sempre mutante. Gostava do tilintar das bóias de sinalização do canal e do ruído rouco do farol quando havia nevoeiro.

Já se acostumara e quase apreciava a afabilidade dos habitantes. E o bom coração que levara Ethan Quinn a ir ver se estava tudo bem com ela durante uma tempestade no ano anterior. Não, não queria voltar a viver numa cidade.

Os pais teriam de continuar a adaptar-se à distância que ela pusera entre eles, geográfica e emocionalmente falando. No fundo, estava convencida de que era melhor para todos assim.

Gostava dos bicos e das barras tolas em forma de pão de gengibre que decoravam a sua casa. Muitas pessoas considerariam a casa uma loucura por ser tão ornamentada e de um azul tão escuro no meio das moitas e do pântano, mas para ela era uma afirmação pessoal. A nossa casa pode ser exactamente onde queremos, exactamente o que precisamos, se o nosso desejo for suficientemente forte.

— Estou feliz — disse em voz alta. — Nunca fui assim tão feliz.

Trabalhou durante uma hora na parte da casa onde batia o sol e onde estava decidida a criar uma mistura de buxo e canteiro. No Inverno, passara todas as noites durante um mês inteiro a planear as flores. Queria que o seu jardim fosse simples e um pouco selvagem, tipo

jardim louco com aquilégias, esporas-dos-jardins e goivos-amarelos graciosos todos misturados.

Havia vários tipos de arte, pensou Dru enquanto plantava plantas aromáticas. Calculou que Seth aprovaria a sua escolha de tons e texturas. Não que isso interessasse, claro. O jardim era para lhe agradar a ela.

Não falara muito no dia anterior, recordou. Entrara mal ela abrira as portas, entregara-lhe a quantia combinada, assinara o contrato, agarrara nas chaves e partira. O que não deixava de ser bom. Ela não queria envolver-se com ninguém no momento.

Provavelmente, ele fora encontrar-se com uma das mulheres que haviam definhado por causa da sua ausência. Parecia o tipo de homem por quem as mulheres definhavam. Aquele cabelo comprido, o corpo esbelto. E as mãos. Como é que era possível não se reparar nas mãos: palma larga, dedos compridos.

— Bolas. As chaves da arrecadação. — Esquecera-se de lhas dar. «O problema não é meu», pensou. Se Seth não estivesse com tanta pressa, ela ter-se-ia lembrado de lhas dar.

Plantou gerânios, acrescentou umas esporas. Depois, praguejou enquanto se levantava. Ia ficar a pensar naquilo o dia todo. Intrigava-a e ficava a interrogar-se sobre o que viria de Roma. Era mais fácil agarrar no duplicado que tinha em casa, enfiar-se no carro e ir deixá-lo a casa de Anna Quinn. Não levava mais de vinte minutos.

SETH AGARROU na corda que Ethan lhe atirou e amarrou o barco de madeira ao cais. Os garotos saltaram primeiro. Emily, com o seu corpo esguio de dançarina, e Deke, desengonçado como um cachorrinho com os seus catorze anos.

Seth agarrou na cabeça de Deke e ficou a olhar para Emily.

— Não deviam ter crescido enquanto eu cá não estava.

— Não conseguimos evitar. — Ela encostou a face à dele.

— Quando é que almoçamos? — indagou Deke.

— O garoto tem que ter bicha-solitária. — Aubrey saltou agilmente Para o cais.

— Eu estou a crescer — respondeu ele, rindo.

Seth entrou no barco e agarrou na mão de Grace. Ela abraçou-o mal pisou o cais e roçou a face na dele.

— Pronto — disse baixinho. — Que bom. Agora, já está tudo bem.

— Afastou-se e sorriu-lhe. — Obrigada pelas tulipas, são lindas. Tive pena de não estar em casa.

— Também eu. Pensei que ia trocá-las pelas tuas batatas fritas caseiras. Continuam a ser as melhores.

— Vai lá jantar amanhã que eu faço-tas.

— com empadão de carne?

— Não achas que é pedir de mais por um ramo de flores? — comentou Ethan.

— Ouvi dizer que o compraste na linda florista da Rua do Mercado. — Grace pôs-lhe o braço à volta da cintura enquanto avançavam para casa. — È que alugaste o apartamento por cima da loja dela para montar o estúdio.

— As notícias correm.

— E bem depressa. Porque é que não me contas tudo?

— Não há nada para contar por enquanto, mas espero que venha a haver.

JÁ ESTAVA ATRASADA agora, e a culpa era toda dela. Não havia absolutamente nenhuma razão plausível, pensou, irritada consigo própria, para se ter sentido compelida a tomar um ducha e a tirar aquelas roupas de jardinagem. E agora já passava do meio-dia.

Não importava, disse com os seus botões. Estava um dia lindo para um passeio. Perdia dois minutos com Seth Quinn e as chaves, depois ia para a estufa.

Sentir o ar! Fresco da Primavera e húmido do mar. Os campos de ambos os lados da estrada estavam lavrados e plantados e já com fileiras verdes.

Fez a curva, viu de relance o brilho do sol a incidir sobre os terrenos pantanosos antes de as árvores passarem a dominar a paisagem com as suas sombras.

A velha casa branca enquadrava-se muito bem naquele lugar. Ladeada de bosques, com a água por trás e o relvado aparado e delimitado por canteiros de flores à frente. Já a admirara antes, tão acolhedora e confortável com as cadeiras de balouço no alpendre da frente e persianas azul-desbotado. Embora sentisse que a extravagância e privacidade da sua casa lhe convinham às mil maravilhas, também conseguia admirar o carácter da casa dos Quinns. Dava uma sensação de ordem sem uma rigidez excessiva.

O número de carros à entrada fê-la franzir o sobrolho. Um Corvette branco, um SUV com ar sólido, um descapotável pequeno e rápido, uma carrinha de caixa aberta masculina e um Jaguar luzidio e musculado. O Jag era de Seth. Dru reparara nele com alguma admiração na noite anterior. Estacionou atrás dele. Dois minutos, recordou a si própria, e agarrou na bolsa enquanto desligava o motor. Ouviu a música em altos berros. «São os adolescentes», calculou ela ao avançar para a porta da entrada.

Admirou os vasos com flores no alpendre. Sabia que Anna tinha jeito para arranjos de flores. Bateu com alguma força, depois ainda com mais força. Ninguém a ouvia com aquela música, mesmo que batesse com um maço de calceteiro.

Resignada, desceu do alpendre e contornou a casa. Ouviu mais barulhos agora. Ouviu gritos, guinchos e o que apenas podia descrever como risadas loucas.

O cão apareceu primeiro, uma bala de canhão de pêlo preto e uma

língua pendurada. Fez-lhe uma festa rápida, depois um empurrão e conseguiu avançar mais um pouco antes de o rapaz aparecer aos gritos do outro lado da casa. Embora estivesse com uma enorme pistola de plástico na mão, estava a fugir. Desviou-se dela e disse-lhe, ofegante:

— É melhor fugir.

Dru viu um movimento pelo canto do olho segundos antes de ser atingida no coração por um jacto de água fria. O choque foi tão grande que ficou de boca aberta, mas não lhe saiu qualquer som.

— Uh, uh — murmurou o rapaz que se encontrava atrás dela. Seth, de pistola de água em riste e o cabelo a pingar do ataque anterior, olhou para Dru.

— Oh, bolas.

Dru olhou para baixo sem saber o que fazer. A blusa vermelho-vivo e as calças azul-escuras estavam ensopadas. O jacto atingira-lhe, inclusivamente, o rosto.

Levantou os olhos, e o seu olhar passou de espantado a duro quando reparou que Seth tentava controlar o riso.

— Está maluco ou quê?

— Desculpe. A sério. — Engoliu em seco, sabendo que se risse estaria frito. — Desculpe. — Avançou para ela. — Eu queria acertar em Jake. Foi apanhada entre fogo cruzado. — Tentou fazer um sorriso encantador e tirou um lenço do bolso de trás das calças de ganga. — O que vem provar que não existem observadores inocentes numa guerra.

— O que vem provar — disse ela de dentes cerrados — que existem homens que se comportam como idiotas com um brinquedo de criança nas mãos.

— Ei, ei, isto é uma Super Soaker 5000. — Levantou a pistola de água, mas ao ver o brilho nos olhos dela, voltou a baixá-la rapidamente. — Mas, de qualquer maneira, quero pedir-lhe as minhas desculpas.

— Seth! -Anna apareceu a correr. — Seu louco.

Pôs o braço à volta dos ombros de Dru.

— Peço desculpa por estas crianças tontas. Coitadinha. Vamos lá para dentro mudar de roupa.

— Não, não é preciso ...

— Eu insisto — interrompeu Anna. Levou Dru para dentro de casa e para o andar de cima. — Isto hoje está uma grande confusão com toda a gente cá. Uma festa de boas-vindas a Seth. Os homens vão agora cozer uns caranguejos.

— Eu não posso ficar. — Estava a ficar envergonhada. — Só cá vim entregar uma chave a Seth.

— Vai vestir uma roupa seca, comer qualquer coisa e beber um vinhinho — disse Anna calorosamente. — As calças de ganga de Kevin devem servir-lhe. — Tirou uma blusa de algodão azul da gaveta dela.

— vou ver se consigo encontrar umas na pocilga do quarto dele.

— Foi só água. Vá ter com a sua família. Eu tenho de me ir embora.

— Está encharcada e a tremer, minha querida. Tire mas é essa roupa e pomo-la no secador enquanto almoçamos.

Dito isto, saiu e deixou Dru sozinha no quarto. A verdade é que estava gelada. Cedeu e despiu a camisa molhada. Estava a abotoar-se quando Anna voltou.

— Consegui. — Estendeu a Dru um par de Levi's. — Traga a roupa molhada para a cozinha quando estiver despachada. — Ia a sair, mas depois voltou. — Olhe, Dru, seja bem-vinda a esta casa de loucos.

Não andava longe da verdade, pensou Dru. Mais parecia que metade de St. Christopher se encontrava ali a festejar no quintal dos Quinns.

Mas quando olhou lá para fora, apercebeu-se de que eram os Quinns que faziam aquele barulho todo. Havia adolescentes de vários tamanhos e sexos a correrem pelo jardim, e dois, não, três cães.

Quatro, quando reparou num retriever enorme que saiu a correr da água e atravessou o relvado para ir sacudir-se junto às pessoas e molhar o maior número possível delas. Estavam alguns barcos amarrados ao cais — o que explicava porque é que o número de carros não condizia com o número de participantes no piquenique, reflectiu.

Os Quinns andavam de barco à vela. Também gritavam, estavam encharcados e trapalhões.

O cenário lá em baixo em nada se assemelhava aos eventos sociais no exterior, nem às reuniões familiares em casa dos pais dela. A música teria sido clássica e em surdina. As conversas, calmas e ordenadas. E as mesas, meticulosamente postas.

Vestiu as Levi 's. O garoto — Kevin, dissera Anna — era alto. Teve de dobrá-las várias vezes. Agarrou nas suas coisas e desceu as escadas.

Havia um piano na sala; parecia antigo e bastante usado. Os lírios vermelhos que vendera a Seth estavam numa jarra de cristal facetado em cima do piano e o seu aroma pairava no ar.

Havia quadros — paisagens marítimas, citadinas, naturezas-mortas — que ela teve a certeza de que eram de Seth. Mas foi um encantador esboço a lápis que lhe chamou a atenção. Era da casa de arquitectura irregular, ladeada de bosques, bordejada pela água. Dizia com enorme simplicidade: «Esta é a minha casa». E tocou-a de tal modo que ficou nostálgica.

Aproximou-se mais e examinou a assinatura num dos cantos. Uma assinatura tão bem desenhada que percebeu logo que era de uma criança antes mesmo de ler a data escrita por baixo.

Desenhara-a quando era garoto, apercebeu-se. Não passava de um garoto a desenhar a sua casa — e já reconhecia o seu valor, já tinha talento e sensibilidade suficientes para transmitir esse valor, a ternura e a estabilidade com o seu lápis. Involuntariamente, o coração dela amoleceu. Podia ser um idiota com uma pistola de água enorme nas

mãos, mas era um bom homem. Se a obra reflecte o artista, ele era um homem muito especial.

Seguiu o barulho das vozes até à cozinha. Que era, reconheceu-o imediatamente, outro centro de reunião familiar.

Seth estava com o braço à volta dos ombros de Anna. Tinham as cabeças encostadas uma à outra. Amor. Dru sentiu-o do outro lado da cozinha, um amor simples, forte e estável. O barulho podia continuar lá fora, as pessoas podiam continuar a entrar e sair pela porta das traseiras, mas aqueles dois formavam uma pequena ilha de afecto.

Sempre se sentira atraída por aquele tipo de ligação, e deu por si a sorrir antes de uma mulher, que devia ser Grace, se afastar do frigorífico com outra travessa na mão.

— Oh, Dru. Dê cá isso. — Grace pousou a travessa; Anna e Seth viraram-se.

O coração de Dru podia ter amolecido com o artista, mas não estava disposta a dar tréguas ao idiota.

— Obrigada. Mas só estão molhadas. A camisa é que ficou pior. Seth avançou.

— Desculpe. A sério. Nem sei como é que pude confundi-la com um garoto de treze anos.

O olhar que ela lhe lançou podia ter gelado um lago a dez passos de distância.

— Porque é que não chegamos pura e simplesmente à conclusão de que eu estava no lugar errado à hora errada e não deixamos as coisas como estão?

— Não, este é o lugar indicado. — Agarrou-lhe na mão e levou-a aos lábios no que ela imaginou que ele considerava um gesto charmoso. E era mesmo.

— Os caranguejos estão prontos — disse Jake a Seth, entrando. O meu pai manda dizer para mexerem essas bundas e irem lá para fora.

— Jake!

Jake olhou com ar inocente para a mãe.

— Só estou a transmitir o recado. Estamos todos esfomeados.

— Toma. — Anna enfiou-lhe um ovo cozido na boca. — Agora, leva isto lá para fora.

— Ah, posso ajudar em alguma coisa? — perguntou Dru.

— Agarre em qualquer coisa e leve lá para fora. Vamos alimentar a multidão não tarda.

Anna franziu o sobrolho quando Seth agarrou numa travessa, depois empurrou a porta para deixar passar Dru e a taça de salada de repolho cru. Então, Anna levantou e baixou os olhos, fitando Grace.

— Formam um belo par.

— Pois formam. Gosto dela. -Avançou para a porta para espreitar com Anna. — É sempre um pouco fria a princípio, mas depois anima. É bem bonita, não achas? E tão ... elegante — comentou Grace.

— O dinheiro normalmente dá um certo fulgor. Ainda faz um pouco de cerimônia, mas se este grupo não a fizer soltar-se um pouco, não há nada que o faça. Seth está muito interessado nela.

— Já reparei. — Grace voltou-se para Anna. — Acho que devemos tentar saber mais sobre ela.

— Era mesmo isso que eu estava a pensar. — Anna voltou atrás para ir buscar o vinho.

Os IRMÃOS QUINN eram uns exemplares impressionantes da espécie humana individualmente. Como grupo, eram estonteantes, concluiu Dru. Podiam não partilhar do mesmo sangue, mas eram extraordinariamente fraternais — altos, esbeltos, bonitos e, sobretudo, másculos.

O quarteto em redor do panelão fumegante exalava masculinidade como os outros homens exalavam talvez um aftershave. Eram aquilo

que eram, e estavam muito felizes com isso, pensou.

Como mulher, achava atraente aquele tipo de auto-satisfação inata. Respeitava a confiança e um bom ego saudável. Foi até aos tijolos que circundavam a fogueira onde coziam os caranguejos a vapor para, a pedido de Anna, entregar quatro cervejas geladas.

— Meus senhores — disse ela. — Uma cerveja gelada para um trabalho que faz transpirar.

— Obrigado. — Phillip tirou-lhas das mãos. — Ouvi dizer que já se refrescou hoje.

— Inesperadamente. — Olhou para Ethan, ignorando Seth. — Foram vocês que os apanharam? — perguntou, apontando para a panela.

— Fomos, eu e Deke. — Sorriu maliciosamente quando Seth pigarreou. — Levamos Seth conosco como lastro. Ficou cheio de bolhas naquelas mãos todas finas.

— Uns dias no estaleiro fazem dele um homem — especulou Cam.

— Mas sempre foi um mariquinhas.

— Só estão a tentar insultar-me para verem se eu vou para lá fazer o vosso trabalho duro. — Seth inclinou a cerveja. -Vão sonhando.

— Mariquinhas, mas esperto. Sempre foi — disse Phillip.

— Estava a pensar ir lá um dia dar uma olhadela. Cam olhou para Dru, inclinando a cabeça.

— Gosta de barcos, é?

— Gosto.

— Porque é que não vamos andar de barco? — propôs Seth.

— Vá sonhando — sugeriu ela, e foi-se embora.

— Tem classe — foi a opinião de Phillip.

— É simpática — disse Ethan, olhando para dentro do panelão.

— Tens um fraquinho por ela? — Cam abanou a cabeça como se estivesse com pena dele. — Não me parece que seja para o teu bico, pá.

— Pois. — Seth deu um trago na cerveja. — Eu gosto de desafios. Phillip viu Seth sair dali e riu-se.

— O nosso irmãozinho vai fartar-se de gastar dinheiro em flores nos próximos tempos.

— É cautelosa. — Ethan encolheu os ombros à maneira dos Quinns. — Observa tudo, incluindo Seth, mas de pé atrás, sabem. Não por ser tímida ... pois não é. É cautelosa.

— Vem de uma família rica e de políticos. — Phillip olhou para a cerveja. — O que torna qualquer um cauteloso.

— É estranho ter vindo parar a St. Chris, não? — No entender de Cam, era a família que forjava as pessoas: a família onde se nascia ou a família que se construía. Ficou a pensar como Dru teria forjado a dela.

NÃO TENCIONARA ficar mais de uma hora, por cortesia, enquanto a roupa secava. Mas sem saber como, viu-se envolvida numa conversa sobre Nova Iorque com Emily. E noutra sobre jardinagem com Anna. Depois, falou com Sybill sobre pessoas que ambas conheciam em DC.

A comida estava maravilhosa. Os cães chegavam-se à mesa e ordenavam-lhes com firmeza que se afastassem — normalmente, depois de lhes enfiarem comida na boca. A brisa soprou fresca vinda da água, enquanto se desenrolavam por vezes seis conversas ao mesmo tempo.

Ela bebeu um segundo copo de vinho e deixou-se ficar. Não apenas porque não conseguia encontrar uma desculpa adequada para partir, mas porque gostava deles. Estava espantada e tinha inveja da intimidade daquela família. Apesar de numerosa e das diferenças óbvias, eram firmemente unidos, como peças de um grande quebra-cabeças.

O quebra-cabeças de uma família sempre a fascinara. Por mais calorosos e alegres que parecessem, o puzzle dos Quinns devia ter a sua dose de complicações, imaginava Dru. Todas as famílias as tinham.

Assim como os homens, pensou ela, virando a cabeça para cruzar

o seu olhar com o de Seth. Estava perfeitamente consciente de que ele a observara quase constantemente desde que se tinham sentado à mesa. Sentia o olhar dele e uma espécie de calor a percorrer-lhe a pele.

— A luz ao entardecer é boa aqui. — Enfiou uma garfada de salada de massa na boca, com os olhos pregados em Dru. — Talvez o quadro possa ser pintado no exterior. Tem algum vestido comprido de saia rodada? Sem alças nem mangas para exibir os ombros. Os seus ombros são fortes — acrescentou ele, comendo outra garfada. — Condizem com o rosto.

Dru acabou o vinho que tinha no copo.

— Já alguém se recusou a ser pintado por si?

— Não, nunca.

— Então, que seja eu a primeira.

— Ele vai pintá-la à mesma. É teimoso que nem um burro — disse-lhe Cam.

— Será que alguém ainda quer sobremesa? — perguntou Anna, levantando-se.

Queriam, embora Dru não percebesse como era possível.

Vestiu outra vez a sua roupa, dobrou a camisa e as calças de ganga que lhe tinham emprestado, pô-las em cima da cama, olhou mais uma vez para o quarto acolhedor e depois desceu.

Dru parou à porta da cozinha quando deu com Anna e Cam em frente ao lava-louça beijando-se com muito mais entusiasmo do que ela esperaria de pais com filhos já adolescentes.

— Vamos lá para cima e trancamos a porta — ouviu-o Dru dizer.— Ninguém dá pela nossa falta.

— Foi o que disseste depois do jantar do Dia de Acção de Graças disse Anna num tom de voz ao mesmo tempo terno e divertido enquanto lhe punha os braços à volta do pescoço. — Enganaste-te. Oh, Dru!

Pelo sorriso descontraído deles, Dru concluiu que era a única do trio que estava embaraçada.

— Desculpem. Queria agradecer-lhes a vossa hospitalidade.

— Ótimo. Isso quer dizer que vai voltar. Cam, vai dizer a Seth que Dru se vai embora, está bem?

— Não é preciso. Têm uma família maravilhosa e uma casa linda. Agradeço-lhes por me terem deixado partilhá-las hoje.

— Ainda bem que veio — disse Anna, fazendo sinal a Cam enquanto acompanhava Dru à porta.

— A chave. — Dru enfiou a mão na bolsa. — Esqueci-me completamente do que me trouxe aqui. Importa-se de dar isto a Seth?

Anna ouviu a porta da cozinha fechar-se.

— Porque é que não lha dá pessoalmente? — perguntou, depois despediu-se com um beijo rápido.

— Vai-se embora? — disse Seth um pouco ofegante, apressando-se a ir ter com Dru ao alpendre. — Porque é que não fica? Aubrey está a organizar um jogo de sofball.

— Tenho de ir para casa. A chave. — Estendeu-lha, e ele limitou-se a olhá-la fixamente. — Arrecadação? Arrumos?

— Sim, sim. — Enfiou-a no bolso. — Ouça, ainda é cedo, mas se quer ir-se embora, podemos ir a um lugar qualquer. Podemos ir dar um passeio ou assim.

— Tenho mais que fazer. — Avançou para o carro.

— Temos de tentar estar mais sozinhos no nosso segundo encontro. Ela parou.

— Nós ainda nem sequer tivemos um primeiro encontro.

— Claro que tivemos. E com caranguejos cozidos em vapor, conforme previsto.

Ela virou-se para ele, abanando as chaves do carro.

— Vim cá para lhe dar as chaves, fui atingida por uma pistola de

água e comi caranguejos com a sua numerosa família, o que não faz disto um encontro.

— Mas isto fará.

Avançou tão rapidamente que ela nem deu por isso. Seth pôs-lhe as mãos no ombro, e ela sentiu a boca quente dele na sua.

Levantou-a ligeiramente. Inclinou a cabeça um pouco para os seus lábios roçarem nos dela — uma provocação sedutora -, e as mãos desceram pelo corpo dela, acrescentando um inesperado toque de calor.

Só pretendera apalpar terreno, talvez para mostrar a ambos o que podia estar por detrás daquela atração. Mas quando ela se encostara a ele, se abraçara a ele, ele afundara-se. As mulheres eram um leque estonteante de cores para ele. Mãe, irmã, amante, amiga. Mas nunca se sentira tão impressionado com nenhuma até ali. Queria mergulhar a fundo nela até estarem ambos ensopados.

— Deixa-me ir contigo para tua casa, Drusilla. — Aflorou-lhe a face com os lábios, descendo ao pescoço.

Ela abanou a cabeça.

— Não sou impulsiva. Não sou precipitada. Não me entrego a um homem por uma simples atração.

— Está bem. — Encostou os lábios à testa dela antes de recuar. Fica. Vamos jogar à bola ou talvez dar um passeio de barco. Vamos deixar as coisas como estão por hoje.

Para alguns homens, a sugestão teria sido outra artimanha para a convencer a ir para a cama, mas Dru concluiu que ele estava a ser sincero.

— Talvez venha a gostar de ti um dia.

— Estou a contar com isso.

— Mas não posso ficar. Deixei uma data de coisas por fazer e já fiquei muito mais tempo do que pretendia.

— Nunca faltaste à escola?

— Nunca.

Pôs uma das mãos na porta do carro antes de ela ter tempo para a abrir, e estava com um ar realmente chocado.

— Nem uma vez.

— Creio que não.

— Uma jogadora que cumpre as regras — cogitou ele. — É sexy. Ela não pôde deixar de rir-se.

— E que tal jantarmos amanhã? — sugeriu Seth.

— Não. — Fez-lhe sinal para se afastar do carro. — Preciso de pensar no que aconteceu. Não quero interessar-me por ti.

— O que quer dizer que já estás. Ela sentou-se ao volante.

— O que significa que não quero vir a estar. Eu depois digo-te se mudar de ideias. Vai ter com a tua família. Tens sorte em tê-los — disse ela, depois fechou a porta do carro.

Ficou a olhar enquanto ela fazia marcha atrás e se afastava. Ainda estava demasiado perturbado com o beijo e a pensar nela e no que poderia vir a acontecer entre ambos para reparar no carro que se afastara da berma da estrada junto às árvores e seguira o carro de Dru.

SABIA QUE ELE se mudara. Por vezes, ouvia música pelos respiradouros quando ia à divisão nas traseiras da loja. Não se surpreendia por ele a ouvir aos berros, nem por as suas preferências serem desde rock da pesada, passando pelos melodiosos blues, até à ópera apaixonada.

Nada do que dizia respeito a Seth Quinn a surpreendia.

De vez em quando, ele entrara e saíra da loja de rompante para perguntar se ela precisava de alguma coisa ou para lhe dizer que ia começar a abrir as clarabóias.

Mostrava-se sempre afável, nunca parecia estar com muita pressa. E nunca tentara repetir aquele beijo ardente.

Fato que a perturbava. Preparara-se para repudiar qualquer

tentativa, pelo menos por enquanto. Não pretendia que Seth nem qualquer outro homem partissem do princípio de que estava disponível. Era simplesmente um princípio.

E, obviamente, era expectável ele voltar a tentar. Um homem não nos convidava para ir para a cama num dia para depois nos tratar como uma mera vizinha no dia seguinte. Por isso, talvez a tivesse surpreendido afinal de contas. O que apenas servia para a irritar ainda mais.

«Melhor assim», disse com os seus botões enquanto trabalhava nos pequenos arranjos de mesa que vendia para um dos restaurantes finos à beira-mar. Estava a habituar-se a St. Chris, a começar o seu negócio e a viver a vida que sempre quisera ter. Um relacionamento, fosse ele passageiro ou duradouro, perturbaria a harmonia. E ela estava a apreciar tanto aquela harmonia.

Ouviu Seth chegar — a porta do carro a fechar-se, o barulho de passos no cascalho e depois os passos rápidos nas escadas das traseiras. Passados alguns minutos, começou a música. Rock hoje, reparou.

Agarrou na planta que seleccionara, depois saiu para as traseiras e subiu as escadas. Uma batidela delicada não serviria de nada com aquela música em altos berros, por isso bateu com o punho de lado.

— Já chega, está aberta. Desde quando é que batem à porta? Voltou-se, ainda a apertar o cinto das ferramentas, quando ela abriu a porta. — Ei. — O sorriso foi rápido e espontâneo. — Pensei que era um dos meus irmãos, mas és muito mais bonita.

— Achei que ias gostar.

— O quê? Espera. — Foi à pequena cozinha onde instalara a aparelhagem e baixou o volume. — Desculpa.

— Trouxe-te uma planta. — O tom saiu-lhe mais ríspido do que tencionara.

— Ai sim? — Apesar do tom dela, parecia muito satisfeito quando atravessou a sala e lhe tirou o vaso das mãos.

— Obrigado.

— É um trevo — disse-lhe ela. — Quinn. Pareceu-me adequado.

— Acho que sim. — Depois, aqueles olhos azuis fixaram-se nos dela. — Gostei muito.

— Não o deixes secar. — Olhou para cima. Já lá estavam as duas clarabóias. E ele tinha razão, pensou, faziam uma grande diferença. Tens andado ocupado.

— Hum. Troquei umas horas no estaleiro por trabalho aqui. Cam vem dar-me uma mãozinha hoje, e devemos acabar.

— bom. — Olhou à sua volta. Afinal, o apartamento era dela. Podia mostrar-se interessada pelo que lá estavam a fazer.

Tinha umas telas empilhadas junto a duas das paredes. Já estava um cavalete com uma tela em branco em frente às janelas. E ao centro da sala encontrava-se uma enorme mesa de trabalho coberta de espólio de artista: pincéis, tintas, recipiente com aguarrás, panos, lápis, giz.

— Parece que já estás a instalar-te. vou deixar-te entregue ao trabalho. — Mas uma das telas chamou-lhe a atenção. Um tumulto de dedaleiras sob uma luz pérola atraíram-na tanto que quase sentia o roçar das folhas e pétalas na pele.

— Uma estrada na Irlanda — explicou ele. — No County Clare.

— É maravilhoso. Nunca vi dedaleiras a crescerem espontaneamente à beira de uma estrada na Irlanda, mas agora tenho a sensação de que já vi.

Ele fitou-a durante uns segundos. A luz da manhã atravessava as clarabóias e banhava-a, acentuando-lhe o contorno do maxilar e da face.

— Não te mexas. Não te mexas — repetiu, precipitando-se para a mesa de trabalho. — Dez minutos. Não é bem verdade, mas vinte no

máximo.

— Desculpa?

Agarrou num bocado de carvão, depois arrastou o cavalete.

— Não, não olhes para mim. Olha para ali.

— Não tenho tempo para ...

— Hum-hum, hum-hum. Vira o queixo um pouco para cima, para a direita. Relaxa o maxilar. Depois, podes zangar-te à vontade, mas agora deixa-me captar isto.

Ele tinha os olhos semicerrados, o seu olhar era tão intenso, tão atento, que o coração dela saltava ligeiramente de cada vez que lhe varria o seu rosto. Dru ficou ali de pé a olhar para as dedaleiras. Começou a imaginar o quadro pendurado na parede do quarto.

— Quanto queres por ele?

Ele limitou-se a grunhir e continuou a trabalhar.

— Não mexas a cabeça, só os olhos. E olha para mim. Mas que rosto, sem dúvida.

— Pois é, e tenho a certeza de que está ruborizado com tanto interesse, mas tenho de ir lá para baixo abrir a loja.

— Só mais uns minutinhos.

— Queres saber qual é a minha opinião sobre as pessoas que não aceitam um não?

— Neste momento, não. — «Mantém-na ocupada, mantém-na a falar», pensou ele rapidamente. Era perfeito: a luz, o rosto, o olhar frio saído daqueles olhos verde-musgo. — Queres mesmo o quadro?

— Depende da influência que isso tiver no aumento do preço.

— És muito cínica.

— As pessoas já não dão o devido valor ao cinismo.

Adorava a forma como aquele cabelo curto e lustroso seguia o contorno da cabeça. Queria mais do que apenas desenhá-lo. Precisava de o pintar. E tocar-lhe. Passar a mão por aquele preto sedoso e denso

até conhecer a sua textura de olhos fechados.

— Vamos fazer uma troca. Posas para mim, e o quadro é teu.

— Acho que acabei de o fazer.

— Não. Quero pintar um quadro teu a óleo. E aquarelas. Pastel. Na cama.

Passara muito tempo a pensar nela nos últimos dias. O tempo suficiente para concluir que uma mulher como aquela devia estar habituada a ser perseguida pelos homens. Por isso, abrandara o passo deliberadamente e esperara que fosse ela a dar o passo seguinte. Ela dera-o: na forma de uma planta de interior.

— Tenho um negócio para gerir — comentou.

— Eu adequou o meu horário ao teu. Dá-me uma hora de manhã antes de abrires sempre que puderes. Quatro horas ao domingo.

Ela franziu o sobrolho. Não lhe parecia assim tanto, vistas as coisas por aquele prisma. E o quadro era fabuloso.

— Durante quanto tempo?

— Não sei ainda. Isto é arte, não é contabilidade.

Porque só uma mulher tola é que fazia um acordo sem primeiro analisar todos os termos, avançou para o cavalete e foi espreitar a tela. Estudou o seu próprio rosto. Esperara algo de tosco, bom, um esboço, pois levara apenas quinze minutos a fazê-lo. Mas, em vez disso, o desenho era detalhado e espantoso — os ângulos, as sombras, os contornos.

Parecia muito fria, concluiu. Um pouco desinteressada e tão, tão séria.

— Não estou com um ar lá muito afável — disse ela.

— Não estavas a sentir-te muito afável.

— Não posso dizer o contrário. Nem que tu não és realmente dotado. — Suspirou. — Não tenho nenhum vestido comprido de saia rodada e sem mangas.

E ele riu-se.

— Improvisamos.

— Dou-te uma hora amanhã. Das sete e meia às oito e meia.

— Está bem. — Agarrou no quadro das dedaleiras e estendeu-lho.

— Confias em mim.

— As pessoas já não dão o devido valor à confiança.

Ela estava com as mãos ocupadas, por isso ele pegou-lhe nos braços. Voltou a erguê-la ligeiramente, pô-la em bicos dos pés. E a porta abriu-se de rompante.

— Não — murmurou Seth quando Cam entrou. — Eles nunca batem à porta.

— Olá, Dru. Beija a garota à vontade, pá. — Reparou na tela e o seu rosto iluminou-se, encantado. — Foram os cinquenta dólares mais fáceis de ganhar na minha vida. Apostei com Phil que Seth te convencia a posar até ao final da semana.

— Ai sim?

— Sem ofensa. Ele é um chato, mas não é louco. Quando este nosso Rembrandt quer pintar alguma coisa, não desiste. — O seu rosto irradiava orgulho ao examinar a tela.

— Eu já me apercebi de que ele é um chato. Mas ainda não me posso pronunciar sobre se é ou não louco. Às sete e meia — disse ela a Seth ao sair. — Da manhã.

Cam não disse nada, apenas bateu com a palma da mão no coração.

SETH ERA UM HOMEM de palavra. Quando a última clarabóia ficou pronta, foi com Cam trabalhar umas horas para o estaleiro.

Tinha havido uma época em que ele achara que ia ganhar a vida ali, a trabalhar lado a lado com os irmãos a construir barcos à vela de madeira. A verdade era que algumas das suas melhores recordações

estavam ligadas àquele velho edifício de tijolo, misturadas com o odor doce e a emoção de fazer parte de alguma coisa.

As paredes estavam cobertas de molduras toscas com os esboços dos vários barcos construídos ao longo dos anos pelos Quinns. Refletiam o sucesso do negócio e os progressos do artista. Sabia, dissera-lhe Aubrey, que um colecionador de arte fora ali há dois anos e oferecera duzentos e cinqüenta mil dólares aos irmãos pelos cinqüenta esboços atualmente em exibição. Eles tinham recusado sem hesitar.

Nunca fora uma questão de dinheiro, pensou agora, embora tivesse havido tempos difíceis nos primeiros anos. E sim de união. E da promessa feita a Ray Quinn.

A zona de trabalho em si não tinha mudado muito. Era-lhe tão familiar como o seu próprio rosto.

— Pretendes ficar aí especado? — perguntou-lhe Cam. — Ou vamos conseguir que trabalhes alguma coisa hoje?

Seth voltou ao presente.

Viu Aubrey de berbequim na mão a aparafusar as tábuas do convés de um barco a remos. Ethan estava no torno mecânico a tornear um mastro, com Nigel, o seu fiel cão, esparramado aos pés.

— O casco daquele barco a remos precisa de ser calafetado para selar as juntas — disse Cam.

«Trabalho de sapa», pensou Seth.

— E tu o que é que vais fazer?

— Gozar a glória do meu pequeno império.

O gozo incluía os detalhes da antepara da cabina, o tipo de trabalho de carpintaria que Cam transformava em arte.

Seth fez o trabalho de sapa, e já não era a primeira vez. Sabia aparafusar as tábuas, pensou ele, ligeiramente ressentido, enquanto ouvia a broca de Aubrey continuamente a zumbir sobre a sua cabeça.

— Ei — disse Aubrey, inclinando-se para falar com ele. — Soube

mais umas coisitas sobre a florista.

— Que coisas?

— Coisas muito interessantes, meu amor. Soube por Jamie Styles, que soube através da prima, que trabalhou no Senado há uns anos. Dru e um certo adido importante da Casa Branca tiveram um romance na altura.

— Escaldante?

— Suficientemente escaldante para encher as colunas sociais do Post durante quase um ano e para justificar o que a prima de Jamie descreve como um anel de noivado com um diamante do tamanho de uma maçaneta. Depois, as coisas arrefeceram, e o adido importante começou a encher as colunas com uma loura. E, ao que parece, essa loura era ... é uma advogada conhecida, consultora da Casa Branca ou coisa parecida.

— Deve ter sido duro para Dru ver a vida pessoal escarrapachada nos jornais.

— Cá para mim, deve ter sabido lidar muito bem com a coisa. Não é capacho de ninguém. E aposto o meu salário todo contigo em como obrigou o sacana traidor a engolir o anel.

— Isso era o que tu farias — disse Seth com ar aprovador e todo orgulhoso. — Depois de teres esfregado o chão com a língua de mentiroso dele. Mas Dru não me parece do tipo violento, é mais provável que lhe tenha lançado um olhar gélido e dito umas palavras duras.

Aubrey resfolegou.

— Percebes muito de mulheres, não haja dúvida. As águas calmas, pá, não só são profundas como podem escaldar.

«TALVEZ», PENSOU Seth ao deixar cair o seu corpo sujo e dorido no assento do carro. Mas apostava que Dru dera cabo do tipo sem derramar uma única gota de sangue.

Olhou para o relógio quando arrancou. Apetecia-lhe uma pizza e parecia-lhe puro desperdício de energia ir até casa tomar um ducha para depois voltar à vila.

Ia ao estúdio tomar banho. Podia ser que encontrasse Dru ainda na loja e a convencesse a ir comer a pizza com ele. Seria então, pensou todo contente, o terceiro encontro deles.

Mas o carro não estava no estacionamento atrás do edifício. Pensou em telefonar-lhe, convencê-la a voltar à vila, mas depois lembrou-se de que não tinha telefone. Melhor ainda, decidiu ao subir as escadas, comprava uma pizza e ia a casa dela. com uma garrafa de Merlot.

Satisfeito com o plano, entrou e sentiu uma coisa deslizar debaixo do pé. Baixou-se, franzindo o sobrolho, e agarrou no papel dobrado que tinham enfiado por debaixo da porta.

Sentiu um aperto no estômago quando o seu mundo se desmoronou.

Dez mil bastam para me calar. Mantenho-me em contacto.

Seth amarrotou o papel.

Gloria DeLauter voltara. Não esperara que ela o encontrasse nem seguisse tão rapidamente — mal tinham passado duas semanas desde que saíra de Roma. Precisava de tempo para pensar, para decidir. Atirou a bola de papel para o outro lado da divisão. bom, dez mil compravam-lhe esse tempo.

Quando se tratava da mãe, não havia preço que Seth não pagasse para se ver livre dela. E mais ainda para a manter afastada da sua família.

E era exatamente com isso que ela contava, claro.

ESTAVA SENTADO no cais de cana de pesca na mão, com uma migalha do Brie de Anna a fazer de isco. Sentia o sol quente de Verão a bater-lhe nas costas.

Ouviu o latido de um cão, depois o ruído das patas do cão no cais. Seth não olhou para cima nem quando o focinho frio lhe lambeu o rosto. Limitou-se a levantar o braço para o cão poder enroscar-se a seu lado. Era sempre reconfortante ter um cão ao lado quando os pensamentos eram tristes.

Mas isso não bastava para o cão, cujo rabo batia no cais, qual tambor, enquanto a sua língua lambuzava o rosto de Seth.

— Pronto, pronto, calma — disse ele, depois sentiu o coração sobressaltar-se. Não era o cão de Cam, mas o dele. Bobalhão, que lhe morrera nos braços há cinco anos.

Sentiu alegria e choque dentro do peito ao apertar o focinho do cão. O pêlo estava quente, o focinho, frio, a língua, molhada.

— Mas que raio vem a ser isto?

Bobalhão voltou a ladrar alegremente e depois deixou-se cair pesadamente no colo de Seth.

— Lá estás tu, seu idiota estúpido — murmurou Seth ao ser invadido por um amor que não conseguia exprimir por palavras. — Tive tantas saudades tuas. — Sacudiu a cana antes de a largar e agarrar no cão. Viu uma mão estender-se e agarrar na cana antes de ela cair à água.

— Não queremos desperdiçar este queijo tão caro — disse a mulher que se sentou a seu lado no cais com as pernas a balouçarem. Achámos que Bobalhão ia animar-te. O peixe não está a morder hoje?

— Não ... — Engoliu novamente as palavras ao olhar para ela.

Conhecia aquele rosto; vira-o em fotografias. Comprido e fino, sardas espalhadas ao acaso pelo nariz e pelas faces. Trazia um chapéu de caqui já sem forma por cima dos caracóis ruivos salpicados de branco e todos despenteados, e os olhos verde-escuros eram inconfundíveis.

— És a Stella. Stella Quinn. — Stella Quinn, que morrera há mais de vinte anos, pensou ele, tentando perceber o que se passava.

— Tornaste-te num belo homem, não foi? Sempre achei que sim.

— Devo estar a sonhar.

— Pois deves — disse ela calmamente. — Tens os olhos de Ray. Foi por esses olhos que eu comecei por me apaixonar, sabes.

— Sempre quis conhecê-la. Nunca tinha sonhado consigo. Assim.— O fato era que Seth nunca sonhara com aquela nitidez. Sentia o pêlo quente sob a mão e o pulsar estável do coração de Bobalhão que arfava ao sol quente.

— Achámos que já era altura de eu poder fazer de avó. — Deu uma palmada terna no joelho de Seth. — Sentia falta disso quando cá estava, de te estragar a ti e aos outros com mimos. Morrer não é lá muito agradável, deixa-me dizer-te.

Quando ele se pôs a olhar fixamente para ela sem dizer nada, soltou uma gargalhada longa e límpida.

— É natural estares com medo. Não é todos os dias que se fala com um fantasma.

— Eu não acredito em fantasmas.

— Não te censuro por isso. — Olhou para a água, e algo no seu rosto revelava uma satisfação absoluta. — És neto de Ray, o que te torna meu neto também.

Ele tinha o pulso acelerado, mas não estava com medo.

— Ele foi bom para mim. Vivi com ele pouco tempo, mas ele foi...

— Decente. — Acenou com a cabeça ao dizê-lo. — Foi o que disseste a Cam quando ele te perguntou. Ray foi decente, disseste tu, e tu nunca tinhas tido ninguém que fosse decente contigo, pobrezinho.

— Ele mudou por completo a minha vida.

— Deu-te a oportunidade de a mudar. E tu soubeste aproveitá-la até agora.

— Ray acolheu-me, e foi isso que o matou. Ele não estaria naquela estrada se não fosse por minha causa.

— Ray ficaria desapontado se te ouvisse dizer isso. — Voltou a cutucá-lo. — Aquele louco sempre conduziu depressa demais. Se não tivesse sido naquela estrada naquele dia, teria sido noutra noutro dia. As coisas acontecem e pronto.

— Mas...

— E se Ray não te tivesse acolhido e não tivesse chocado contra aquele poste telefônico? Talvez Cam e Anna não se tivessem conhecido. Então, Kevin e Jake não teriam nascido. Não querias que eles tivessem nascido?

— Não, é claro que não. Mas se Gloria ...

— Ah. — Stella levantou um dedo, acenando com a cabeça, satisfeita. — É esse o verdadeiro problema, não é? Não serve de nada dizer «se Gloria» nem «mas Gloria». Gloria DeLauter existe.

— Ela voltou.

O rosto dela suavizou-se, e a voz tornou-se mais doce.

— Pois, meu querido, eu sei.

— Eu não vou permitir que ela volte a aproximar-se deles. Não vou permitir que ela dê cabo da minha família. Ela só quer dinheiro. Foi sempre isso que ela quis.

— Achas? — Stella suspirou. — bom, se achas, suponho que lho vais dar. Outra vez.

— E que mais posso eu fazer?

— Tens de ser tu a descobrir. — Entregou-lhe a cana.

Acordou sentado na beira da cama, de punho fechado como se segurasse uma cana de pesca.

«Estranho», pensou. Um sonho muito estranho. E juraria que ainda sentia o calor do cão aninhado no seu colo.

O ROMANCE de Ray Quinn anterior a Stella, com uma mulher chamada Barbara Harrow, fora breve. Ele esquecera-o de tal forma que os seus três filhos adotivos desconheciam-no por completo. Tal como

Ray desconhecia por completo o que dele resultara.

Gloria DeLauter.

Mas Gloria sabia de Ray e descobrira-o. Como era seu hábito, servira-se da extorsão e da chantagem para arrancar dinheiro a Ray. E tinha, no fundo, vendido o filho ao seu pai há dezoito anos. Mas Ray falecera repentinamente, antes de descobrir uma forma de explicar aos filhos e ao neto aquela ligação.

Os irmãos Quinn tinham ficado ligados a ele apenas pela promessa feita a um moribundo. Mas que fora suficiente. Eles tinham mudado as suas vidas por causa dele. Tinham-lhe dado uma casa, tinham-no defendido, tinham-lhe mostrado o que significava fazer parte de uma família. E tinham lutado para ficar com ele.

Anna fora a sua assistente social. Grace, a sua primeira mãe substituta. E Sybill, meia-irmã de Gloria, tinha-lhe proporcionado as únicas recordações agradáveis da sua infância.

Seth sabia o quanto se tinham sacrificado para lhe darem uma vida digna. Uma vida tão decente como a proporcionada por Ray Quinn. Quando Gloria entrara novamente em cena, esperando extorquir-lhes mais dinheiro, ele já era um deles. Um dos irmãos Quinn.

Não era a primeira vez que Gloria lhe pedia dinheiro. Tivera três anos para se esquecer dela, para se sentir seguro quando a nova família se formara à sua volta. Depois, ela esgueirara-se outra vez para St. Chris e extorquira dinheiro a um rapazinho de catorze anos.

Seth nunca lhes contara. Pagara-lhe sempre até viajar para a Europa. A viagem não tinha sido só para trabalhar e estudar, mas também para fugir. Ou, pelo menos, assim pensara.

O seu grande sucesso como artista e a publicidade que daí resultara tinham suscitado grandes ideias a Gloria. E exigências ainda maiores.

Sabia como ela funcionava. Não iria aparecer à soleira da porta de

imediato. Deixá-lo-ia a matutar, a preocupar-se e a imaginar coisas até os dez mil lhe parecerem uma bagatela por um pouco de paz de espírito. Não ficaria em St. Chris, não se arriscaria a ser vista e reconhecida pelos irmãos nem pelas irmãs. Mas ficaria por perto.

Ele não ia fugir novamente. Ela não ia privá-lo novamente de uma casa e de uma família.

CONSEGUIRA CONVENCER Dru a conceder-lhe uma segunda sessão matinal. Ela esperava que ele estivesse pronto quando ela chegasse às 7.30 em ponto. E que acabasse exatamente sessenta minutos depois. Para se assegurar disso, levou um relógio de cozinha. Quando ele olhou para ela, sentiu que todos os modelos que utilizara ao longo da carreira tinham sido simples precursores de Drusilla. Batera à porta; mantinha essa distância formal entre eles.

— Muito pontual. Que surpresa. Queres um café? — Tinha cortado o cabelo. Continuava comprido, mas já não tinha o rabo-de-cavalo.

— Não, obrigada. Já bebi um hoje de manhã.

— Um? — Fechou a porta depois de ela entrar. — Eu mal consigo proferir uma frase com nexo só com um café.

Ela dirigiu-se ao banco que ele lhe arranjara e sentou-se.

Reparou imediatamente nas mudanças. Comprara uma cama. A estrutura era antiga — uma cabeceira de ferro simples preta -, e os pés estavam um pouco amachucados. O colchão não tinha nada em cima e ainda se viam as etiquetas.

— Vais-te mudar, afinal? Ele olhou para a cama.

— Não. Mas é melhor do que dormir no chão se trabalhar até tarde e decidir cá ficar. Além disso, é um bom adereço.

Ela levantou o sobrolho.

— Ai sim?

— O sexo preocupa-te sempre assim tanto ou é só quando estás

comigo? — Riu-se quando a viu de queixo caído. — É um adereço como aquela cadeira ali, aquelas garrafas velhas. Eu pego nas coisas que me chamam a atenção. Acontece o mesmo com as mulheres.

— Mas que discurso tão grande só porque eu disse «Ai sim».

— Pode haver muita coisa escondida por detrás de um «Ai sim», minha querida. Lembras-te da pose? — perguntou, dirigindo-se ao cavalete.

— Lembro. — Pôs obedientemente o pé na trave do banco, entrelaçou os dedos das mãos à volta do joelho, depois olhou por cima do ombro esquerdo como se alguém tivesse acabado de a chamar.

— Estive sentada assim uma hora há bem poucos dias.

— Uma hora — repetiu ele, começando a trabalhar. — Antes do grande deboche do fim-de-semana.

— Estou tão habituada à libertinagem que não tem assim um embace tão grande na minha vida.

Era a vez dele.

— Ai sim?

Imitou-a tão bem que Dru abandonou a pose e olhou para ele a rir.

— Tive más notas em libertinagem na universidade.

— Se fosse só nisso. — Os dedos dele apressaram-se a captar aquele riso alegre e lindo.— Eu conheço o teu tipo, minha querida. Andas por aí toda linda, esperta, sexy e intocável a fazer os homens sofrerem e sonharem. Era óbvio que não devia ter dito aquilo, pois o humor dela foi-se.

— Não sabes nada sobre mim, nem sobre o tipo de mulher que sou.

— Não disse aquilo para te magoar. Desculpa. Ela encolheu os ombros.

— Não te conheço suficientemente bem para me poderes magoar.

Só me chateias.

— Então, peço desculpa. Eu estava a brincar. Gosto de ouvir-te rir.

— Intocável — resmungou ela. — Achavas que eu era assim tão intocável quando me agarraste e beijaste?

— Acho que o ato fala por si. Ouve, muitas vezes, quando um tipo vê uma mulher ... uma mulher bonita por quem se sente atraído, é desajeitado. É mais fácil achar que ela não está ao seu alcance do que analisar o seu comportamento. As mulheres assustam-nos muito.

— Estás mesmo à espera de que eu acredite que as mulheres te assustam?

— bom, foi uma vantagem para mim ter aquelas irmãs todas. Mas com a primeira garota por quem me apaixonei? Levei duas semanas a arranjar coragem para lhe telefonar.

— Quantos anos tinhas?

— Quinze. Marilyn Pomeroy, uma moreninha leviana. Ela recurvou os lábios.

— Eu apaixonei-me por um rapaz quando tinha quinze anos. Wilson Bufferton Lawrence IV. Os amigos tratavam-no por Buff.

— O que é que se faz com uma pessoa chamada Buff? Joga-se pólo ousquash?

— Joga-se ténis. No nosso primeiro encontro, jogámos ténis no clube, ganhei-lhe os sets todos, e assim acabou o nosso lindo romance. Fiquei desfeita, depois zangada. Gostei mais de ficar zangada.

— O que aconteceu ao Buff?

— Segundo fui informada pela minha mãe no fim-de-semana, vai casar-se pela segunda vez no Outono. E aproveitou para me recordar, no mínimo umas cinco vezes, acho eu, de que tenho de dar aos meus pais o prazer de gastar uma grande fortuna num casamento para mostrar umas coisas não só aos Lawrences, mas aos outros também.

— Então, tu e a tua mãe passaram um agradável Dia da Mãe. Ela respirou fundo.

— As visitas que faço à minha mãe raramente podem ser apelidadas de «agradáveis». Calculo que tenhas passado o domingo a visitar todas as tuas mães-irmãs.

— Passei algum tempo com cada uma delas. Levei-lhes os presentes. E, como todas choraram, acho que acertei em cheio.

— O que é que lhes ofereceste?

— Fiz pequenos retratos de família para cada uma delas ... Anna e Cam e os rapazes, e assim por diante.

— Que simpático. Encantador — disse baixinho. — Eu dei um vaso de Baccarat e uma dúzia de rosas vermelhas à minha. Gostou muito.

Ele pousou os pincéis e foi ter com ela. Agarrou-lhe no rosto.

— Então, porque é que estás com esse ar tão triste?

— Não estou triste. — Não se lembrava de alguma vez ter tido uma conversa assim com alguém. — Seria difícil para ti compreenderes uma família com conflitos quando a tua é tão unida.

— Nós temos muitos conflitos — corrigiu ele.

— Não, conflitos sérios não têm. Tenho de descer.

— Ainda me resta algum tempo — disse ele. — Se há alguma coisa em que eu seja perito, é em conflitos familiares e em como podem afetar-nos. Passei os primeiros anos da minha vida numa atmosfera de conflito constante.

— Antes de vires viver com o teu avô? Li histórias sobre ti, mas não falas nisso — disse ela.

— Sim, antes, quando vivia com a minha mãe biológica.

— Estou a ver.

— Não, meu amor, não estás. Ela era uma pega, bêbada e drogada e fez dos meus primeiros anos de vida um pesadelo.

— Sinto muito. — Tocou-lhe na mão num gesto instintivo de

consolo. — Deve ter sido horrível. Mas é óbvio que ela não tem nada a ver contigo.

— Foi isso que concluíste de uma frase minha e de uma mão-cheia de artigos?

— Não. Foi o que concluí depois de comer caranguejo e salada contigo e com a tua família. Agora, és tu que estás triste. — Abanou a cabeça. — Não sei porque é que estamos a falar destas coisas.

— É isso que as pessoas fazem quando se interessam umas pelas outras. Falam do que são e de onde vieram.

— Já te disse ...

— Sim, que não te queres interessar. Mas estás interessada. — Passou-lhe um dedo pelo cabelo. Da franja curta e espetada à nuca suave.

— E já saímos juntos há várias semanas ...

— Nós nunca saímos juntos.

Ele debruçou-se e deu-lhe um beijo ardente, mas curto.

— Estás a ver? — Antes de ela poder responder, a boca dele pousou na dela novamente. Mais suavemente, mais lentamente e com maior intensidade, e aquelas mãos maravilhosas a roçarem-lhe o rosto, a garganta e os ombros.

Todas as promessas que fizera em relação aos homens e aos envolvimentos caíram por terra.

Quando a largou, ela respirou lentamente.

— Posso acabar por ir para a cama contigo, mas não temos namoro.

— Então, sirvo para ir para a cama contigo, mas não para um jantar à luz das velas? Sinto-me tão reles.

— Está bem. És divertido. O que é agradável. Admiro o teu trabalho e gosto da tua família. vou pensar nisso.

O relógio tocou mesmo a tempo, pensou ela. Levantou-se do

banco, depois aproximou-se do cavalete. Viu o seu rosto uma meia dúzia de vezes. De diferentes ângulos, com diferentes expressões.

— Pensei que estavas a fazer um esboço meu sentada no banco. Começaste, mas depois desenhaste isto tudo à volta.

— Não estavas com disposição para posar hoje. Estavas com o pensamento ocupado. Portanto, aproveitei-me disso. Disseste que me davas quatro horas no domingo — lembrou-lhe ele. — Gostava de trabalhar no exterior se o tempo o permitir. Já estive em tua casa. Pões alguma objeção a trabalharmos lá? Seria mais simples para ti. Às dez horas, está bem?

— Suponho que sim.

— Oh, e as dedaleiras? Se mas trouxeres, eu emolduro-as e depois decides o que me vais dar em troca. Achas justo?

— Estão lá em baixo na loja. Ia levá-las a uma casa de molduras.

— Eu vou lá buscá-las antes de me ir embora. — Passou-lhe os dedos pelo braço. — Podia passar por tua casa logo à noite para fazermos amor rapidinho e reles.

— Não me parece. — Foi até à porta, depois olhou para trás, para ele. — Se e quando fizermos, Seth, posso prometer-te que não vai ser reles. Nem rapidinho.

Quando a porta se fechou, ele voltou a olhar para a tela. Ela era várias mulheres ao mesmo tempo numa embalagem fascinante, concluiu. E todas elas lhe agradavam.

— ALGUMA COISA anda a preocupá-lo. — Anna andava para lá e para cá na banheiro enquanto falava com a silhueta de Cam, refletida na cortina do ducha.

— Ele está ótimo. Só está a habituar-se ao ritmo novamente.

— Não anda a dormir bem. Eu sei.

— Está a pintar — disse Cam, exasperado. — Está a trabalhar no estaleiro, está a retomar o seu lugar no seio da família. Dá-lhe um

pouco de tempo.

— Já reparaste no que é que ele não faz? Não sai com os amigos. Não anda com Dru nem com ninguém. Embora seja óbvio pelo modo como olha para ela que não vai haver mais ninguém por enquanto. Nem nunca mais. — Está lá em baixo a jogar jogos de vídeo com Jake — prosseguiu ela. — Numa sexta-feira à noite. Quantos fins-de-semana passaste em casa quando tinhas a idade dele?

Mais tarde, Cam enfiou a cabeça pela porta da salinha onde o filho mais novo e Seth se confrontavam numa batalha sangrenta.

Jake soltou um grito triunfante.

— Sou eu quem manda agora, pá. Submete-te ao rei do Combate Mortal.

— Deves estar a sonhar. Vamos jogar outra vez.

— Submete-te ao rei — repetiu alegremente Jake. Cam apontou para Seth.

— Vamos.

— Aonde? — perguntou Jake, levantando-se. — Também posso ir?

— Limpaste o quarto, fizeste os trabalhos de casa, descobriste a cura para o cancro e mudaste o óleo do meu carro?

— Vá lá, pai — gemeu Jake.

— Seth, agarra numa cerveja e anda lá para fora.

— Porque é que eu não posso ir com vocês? — perguntou Jake.

— Preciso de falar com Seth.

— O que foi? — perguntou Seth, atirando uma cerveja a Cam enquanto avançavam para a porta das traseiras.

— Vamos dar uma voltinha de barco.

— Agora? — Seth olhou para cima, para o céu. — Vai escurecer daqui a uma hora.

— Tens medo do escuro? — Cam dirigiu-se ao cais e entrou agilmente no barco. Pousou a cerveja enquanto Seth o empurrava.

Tal como já fizera inúmeras vezes no passado, Seth levantou o remo para empurrar o barco para longe do cais. Içou a vela-mestra, e o barulho da lona a estender-se era doce como música. Cam manobrou o leme, enganando o vento, fazendo o barco deslizar suave e quase silenciosamente para longe da margem.

Desceram o rio, atravessaram a enseada e chegaram à baía. Seth içou a bujarrona e ajustou as velas. E Cam velejou ao sabor do vento.

Voaram no barco de madeira com os seus adornos brilhantes e as velas brancas como asas de pomba. O ar cheirava a sal, e as ondas que subiam e baixavam estavam azul-escuras como o céu.

A velocidade, a liberdade, o prazer absoluto de deslizar sobre a água enquanto o Sol se punha faziam desaparecer todas as preocupações, todas as dúvidas, todo o sofrimento do coração de Seth.

Durante o quarto de hora que se seguiu, mal falaram. Quando abrandaram, Cam esticou as pernas e abriu a cerveja.

— Então, conta lá o que se passa contigo.

— O que se passa comigo?

— O radar de Anna diz-lhe que se passa alguma coisa e obrigou-me a descobrir o que era.

Seth quis ganhar tempo e pôs-se a abrir a cerveja.

— Tenho muita coisa em que pensar, só isso. Ela não precisa de preocupar-se.

— Então, quando chegarmos, eu digo-lhe que não precisa de preocupar-se e pronto? Pois sim, vai mesmo resultar.

— Diz-lhe apenas que estou a pensar no que vou fazer a seguir. Tenho de arranjar uma casa, mais cedo ou mais tarde. O meu agente anda a chatear-me para montar outra exposição.

— Hum-hum. — Cam olhou para a margem e para a bonita casa antiga aconchegada na margem do rio.

Quando Seth seguiu o seu olhar, mudou de posição na proa. Tinha

estado tão entretido com as velas que nem reparara na direção.

— A rainha sexy das flores ainda não está em casa — comentou Cam. — Posso deixar-te aqui. Podes tentar aquela deixa: «Passei por aqui e resolvi entrar.»

— Essa alguma vez resultou contigo?

— Ah! — Cam soltou um suspiro pensativo, olhou para o céu como se estivesse a ter doces recordações. — As histórias que eu poderia contar-te. É boa como o milho.

— Não gosto que fales assim dela — retorquiu Seth com ar sério.

— Está bem. — Tendo obtido a resposta que queria, Cam acenou e disse: — Queria só ver se estavas mesmo interessado nela.

Seth assobiou e olhou para trás, para a elegante casa azul aninhada entre as árvores até ela desaparecer de vista.

— Não consigo entender. Gosto de estar com ela. Não que ela seja fácil. É quase sempre como se estivesse a lidar com um porco-espinho. com uma tiara.

— As mulheres sem espinhos são boas para dormir uma noite ou passar um bom bocado. Mas quando se anda atrás da mulher da nossa vida...

O rosto de Seth revelou espanto e choque.

— Eu não disse isso. — Tentou explicar-se novamente. — Ouve, eu quero pintá-la, quero estar com ela e quero ir para a cama com ela.

— Se fores, talvez comeces a dormir melhor.

— Dru não tem nada a ver com isso.

Cam virou o barco e rumou em direção a casa. A noite caía.

— Vais contar-me porque é que andas a dormir mal ou não? Se não contares, Anna vai transformar as nossas vidas num inferno.

Pensou em Gloria, e as palavras ficaram-lhe entaladas na garganta. Podia contar tudo a Cam. Tudo menos aquilo. Mas talvez fosse altura de falar de outra coisa.

— Tive um sonho estranhíssimo com Stella.

— A minha mãe? Sonhaste com a minha mãe?

— Sei que é estranho. Eu nem sequer a conheci.

— O que estavas a fazer no sonho?

— Estava sentado no cais lá de casa a pescar. Sentia o calor do Sol. Depois, aparece Bobalhão. Eu sabia que ele morrera ... no sonho, quero eu dizer ... por isso fiquei espantado de o ver. E a seguir vejo Stella sentada ao meu lado.

— Como é que ela estava?

Não lhe pareceu uma pergunta estranha enquanto deslizavam nas águas calmas ao entardecer.

— Estava com ótimo aspecto. Tinha um chapéu de caqui sem aba. Daqueles que se enfiam na cabeça, e o cabelo saía-lhe por todo o lado.

Cam lembrava-se daquele velho chapéu e da maneira como ela enfiava o cabelo rebelde por debaixo dele. Teriam alguma fotografia dela com aquele chapéu horrível? Não se lembrava.

— O que é que aconteceu no sonho?

— Não aconteceu lá grande coisa. Ficamos para ali sentados a conversar. Não foi tanto o que dissemos, mas o fato de parecer tão real. Até quando acordei sentado na beira da cama, tudo aquilo me pareceu real. Não sei como explicar.

— Não, eu percebo. — Não tinha ele tido também inúmeras conversas com o pai depois de Ray ter morrido?

— Sempre quis conhecê-la — prosseguiu Seth. — Parece que conheci.

— Quando é que tiveste esse sonho?

— Na semana passada. Tens de admitir que é um pouco assustador.

— Se voltares a sonhar com ela, pergunta-lhe se se lembra do pão de zucchini.

— De quê?

— Pergunta-lhe — repetiu enquanto seguiam à deriva para casa.

— com A MÃE? — Phillip estava esparramado na cadeira do escritório no estaleiro. — Ele sonhou com a nossa mãe?

— Talvez tivesse sido um sonho, talvez não. Ethan coçou o queixo.

— Disse que ela estava com aquele chapéu velho?

— Disse.

— Ela usava-o bastante — salientou Phillip. — Provavelmente, viu-a com ele nalguma fotografia.

— Ela não está com esse chapéu em nenhuma das fotografias que temos lá em casa. — Cam já verificara. — Não estou a dizer que ele não viu uma fotografia, e também não estou a dizer que não passou só de um sonho. Mas é estranho. Ela costumava sentar-se ao nosso lado no cais. Não gostava muito de pescar, mas se um de nós lá estava sentado preocupado com alguma coisa, ela vinha e sentava-se até nós despejarmos o que tínhamos.

— Era boa nisso — concordou Ethan. — Era boa a ir direita ao cerne da questão.

— Eu sei que o garoto anda preocupado com alguma coisa e não quer dizer o quê. Se há alguém que lho consegue arrancar, esse alguém é a nossa mãe. Mesmo num sonho. Entretanto, acho que devemos vigiá-lo. Vou-me embora antes que ele perceba que estamos a falar dele.

Cam ia a sair, depois parou e virou-se.

— Disse-lhe que, se voltasse a sonhar com ela, lhe perguntasse pelo pão de zucchini.

Os irmãos pareceram não compreender. Ethan foi o primeiro a lembrar-se, e riu-se tanto que teve de sentar-se na borda da secretária. Phillip recostou-se na cadeira.

— Já me tinha esquecido.

— Vamos ver se ela se lembra — disse Cam, depois desceu para a barulheira da área de trabalho. Estava no último degrau quando a porta da entrada se abriu, deixando entrar a luz do Sol seguida de Dru.

— Olá, beleza. Vieste à procura do idiota do meu irmão?

— Qual deles?

O sorriso dele foi de puro apreço.

— Tu sabes. Seth está a ganhar uns cobres.

— Para dizer a verdade, não vim ... — Mas Cam já lhe agarrara na mão e puxava-a.

Seth estava de perna aberta, de costas voltadas para ela, sentado no convés do barco, nu da cintura para cima. As costas e os braços revelavam bastante mais músculo do que se esperaria de um homem que ganhava a vida de pincel na mão. Bebeu água da garrafa. A boca dela ficou seca de o observar.

Era estouvadice, disse Dru com os seus botões. Era estouvadice estar interessada num homem só porque era sexy, durão e bonito.

Levantou o braço para limpar o suor da testa, depois viu-a. E os sentidos dela foram atingidos pelo poder letal do sorriso dele.

Viu a boca dele mexer-se — mas as palavras foram abafadas pela música. Cam avançou e baixou ligeiramente o som da aparelhagem.

— Ei! — A cabeça de Aubrey surgiu de debaixo do convés. — O que é que foi?

— Temos visitas. Seth saltou do convés.

— A combinação de amanhã continua de pé, não continua? — perguntou a Dru ao aproximar-se, tirando um lenço grande e colorido do bolso para limpar as mãos e a cara.

— Continua. — Dru reparou que Aubrey continuava a olhar para eles. — Não queria interromper o vosso trabalho. Tive de vir para estes lados e resolvi ver como é que isto funcionava.

— Eu mostro-te as instalações.

— Estás ocupado. — «E a tua companheira loura está a olhar para mim como se fosse o teu cão de guarda», reflectiu Dru. — De qualquer maneira, disseram-me que provavelmente era contigo que eu queria falar — disse ela a Cam.

Cam apontou para Seth.

— Eu bem te disse que é o que todas as mulheres bonitas dizem. Em que é que posso ajudar-te?

— Quero comprar um barco.

— Ai sim? — Cam pôs-lhe um braço à volta dos ombros e conduziu-a às escadas. — bom, minha querida, então vieste ao lugar certo.

— Ei! — gritou Seth. — Eu também sei falar de barcos.

— Ele é o sócio mais novo. Tentamos fazê-lo sentir-se bem por aqui. Então, em que tipo de barco é que estás interessada?

— Num sloop de cedro de cinco metros e meio. Uma proa bem lançada, embora eu esteja aberta a sugestões se o arquiteto tiver outras idéias. Quero um barco bem equilibrado, estável, mas que, quando eu quiser andar, ande mesmo.

Voltou-se para estudar a fila de esboços.

— Este casco, esta proa — disse ela, apontando para dois dos esboços. — Quero um barco que seja bom a bolinar e que dure.

Ela percebia de barcos.

— Uma encomenda dessas sai-te caro.

— Não estava à espera que fosse de borla, mas não é contigo que vou discutir as condições, pois não? Creio que isso é com o teu irmão Phillip ... e se houver outros detalhes no design do barco, vou ter de falar com Ethan.

— Estás bem informada.

— Gosto de saber com quem lido e prefiro lidar com os melhores.

Que neste caso são, sem dúvida, os Irmãos Quinn. Quando é que posso ter o esboço?

«Meu Deus», pensou Cam, «vais dar com o garoto em doido. E vai ser divertido assistir.»

— Vamos lá acima ver isso.

Foi ETHAN quem a acompanhou à porta e à rua meia hora depois.

Teremos o esboço pronto no final da próxima semana — disse-lhe ele. — Mais cedo ainda se conseguirmos convencer Seth a fazer grande parte do trabalho.

— Lançou um olhar para a área de trabalho que esperou parecesse casual. — Ele participa no desenho dos barcos?

Quando conseguimos convencê-lo. Sempre teve jeito. É óbvio que desenha muito melhor do que nós os três juntos. — Ethan estendeu-lhe a mão. — Vai ser um prazer fazer negócio contigo.

— Igualmente.

Acompanhou-a lá fora, depois voltou a entrar no seio do ritmo de Sugar Ray e das lixas eléctricas. Ia a caminho do torno mecânico quando Seth desligou a ferramenta dele.

— Dru está lá em cima com os outros?

— Não. Acabou de sair.

Saiu? Ora bolas, bem que me podias ter dito. — Saltou do barco e correu até à porta.

Aubrey franziu o sobrolho.

— Ele já está pelo beicinho.

- Parece que sim. — Ethan pôs a cabeça de lado ao ver a expressão dela. — Algum problema?

Não Sei — disse ela, encolhendo os ombros. — Ela não é a mulher que eu imaginei para ele, só isso. É toda empertigada, se queres saber a minha opinião.

- Vive sozinha. Nem toda a gente tem facilidade em comunicar

com os outros como tu. Além disso, o que interessa é a opinião de Seth.

— Pois — Mas não estava nada rendida a Drusilla.

ELE NÃO LHE DISSERA o que devia vestir, por isso Dru decidiu-se pelo mais simples, calças de algodão azuis e camisa branca lisa.

Ouviu os pneus dele na gravilha do carreiro de acesso a sua casa e esperou que batesse à porta. «Pronto», pensou. De fato, sentiu uma onda de calor no momento em que abriu a porta e olhou para ele. O

que só provava que era um saudável exemplar da espécie humana.

— bom dia — saudou ao recuar para o deixar entrar.

— bom dia. Eu adoro esta casa. Acabei de me aperceber de que, se não a tivesses surripiado antes de eu chegar, eu tê-la-ia comprado.

— Disseste que querias pintar lá fora.

— Pois. Oh, é verdade, o teu quadro. — Entregou-lhe o embrulho em papel pardo que trazia debaixo do braço. — Eu penduro-to se já tiveres escolhido o lugar.

— Mas que rápido. — E como não conseguia resistir, sentou-se no sofá e rasgou o papel.

Ele escolhera ripas de madeira finas pintadas de dourado-baço, que complementava os tons ricos das flores e folhagem, de modo que a moldura ficara tão simples e forte como o quadro.

— Está perfeito. Obrigada. E aceitava a oferta de o pendurares porque estou morta por ver como fica, só que não tenho prego adequado.

— Destes? — Tirou do bolso o que trouxera.

— Desses.

— Tens um martelo e uma fita métrica?

— Martelo tenho. — Levantou-se, foi à cozinha e trouxe um

martelo reluzente de novo.

— Onde é que o queres?

— Lá em cima. No meu quarto. — Deu meia volta para lhe indicar o caminho. — O que é que trazes no saco?

— Umas coisas. O tipo que restaurou esta casa percebia do ofício. — Seth examinou o acabamento acetinado do corrimão quando iam a subir. — Quantos quartos? Três?

— Quatro, embora um seja bem pequeno, mais indicado para escritório ou para uma pequena biblioteca.

Entrou num quarto, e Seth viu imediatamente que as janelas davam para o rio, um maciço de árvores e um jardim cheio de sombra. Ela escolhera azul-céu para as paredes, espalhara uns tapetes com flores no chão de pinho e mobilara-o com móveis antigos.

A cama estava bem feita, tal como ele esperara, e coberta com uma colcha branca com anéis e botões de rosa complexos entrelaçados que parecia ter sido criada especificamente para a cama em forma de trenó.

— Pensei na parede entre estas janelas. A luz é boa, e o sol não incide diretamente.

— Boa escolha. — Levantou o quadro. — É como se houvesse outra janela. Vais ter flores no Inverno.

Era exatamente o que ela tinha pensado, admitiu Dru.

— Aqui?

Ela olhou de diferentes ângulos.

— Perfeito.

— Vê se gostas do que está no saco — disse ele sem olhar.

Ela pegou no saco e abriu-o. Franziu o sobrolho ao tirar uma saia comprida e fina — amores-perfeitos contrastando com um fundo azul — e um top estreito de alças finas no mesmo tom de azul.

— Vai ficar-te bem, e é assim que eu queria pintar-te.

— E consegues sempre aquilo que queres. Então, ele olhou para trás.

— Até agora.

Ela pôs a saia e o top em cima da cama, depois afastou-se enquanto ele pendurava o quadro.

— Pintado, emoldurado e pendurado por Quinn. Não se pode dizer que tenha feito mau negócio.

O telefone tocou.

— com licença. — Agarrou no telefone da mesinha-de-cabeceira.

— Olá, princesa.

— Pai. Porque é que não está no buraco número sete a estas horas da manhã de um domingo?

— Tenho más notícias — disse Proctor, soltando um grande suspiro. — Minha querida, eu e a tua mãe vamos divorciar-nos.

— Compreendo. — Sentiu o sangue latejar na fonte. Carregou no botão para pôr a chamada em espera e virou-se para Seth. — Desculpa, preciso de atender este telefonema. Há café na cozinha. Eu não devo demorar.

— Está bem. vou beber um café antes de ir lá para fora preparar as coisas. Não tenhas pressa.

Esperou até o ouvir descer as escadas, depois sentou-se na beira da cama e reatou a conversa com o pai.

— Desculpe, pai. Mas o que é que aconteceu?

— Haja algum tempo que eu e a tua mãe não nos entendemos bem. Tentei não te maçar com os nossos problemas. Não duvido de que teríamos dado este passo há vários anos se não tivesses sido tu.

— Sinto muito, posso ajudar nalguma coisa?

— É demasiado complicado falar disto ao telefone. Porque é que não vens até cá hoje à tarde? Podíamos almoçar. Não há nada que alegre tanto o meu dia como passá-lo com a minha menina.

— Peço desculpa, mas tenho um compromisso.

— Mas com certeza que isto é muito mais importante, dadas as circunstâncias.

O sentimento de culpa corroeu-lhe o estômago.

— Não posso faltar a este compromisso.

— Está bem — retorquiu ele num tom que conseguiu ser ao mesmo tempo muito sofredor e ríspido. — Pensei que tivesses um tempinho para mim.

— Desculpe, pai. — Perdeu a conta às vezes que repetiu aquela frase enquanto a conversa durou. Mal pousou o auscultador, o telefone voltou a tocar, e ela atendeu, resignada. — Olá, mãe.

ESTENDERA uma manta vermelha na erva junto à margem do rio onde havia ao mesmo tempo raios de luz e alguma sombra. Acrescentou um cesto de piquenique de vime, ao qual encostou uma garrafa de vinho aberta e um copo de pé. Ao lado estava um livro fino com uma capa branca em mau estado.

Ela vestira a roupa que ele trouxera.

— Peço desculpa pela espera — disse ela, descendo do alpendre.

— Não faz mal. — Bastou olhar para o rosto dela para se lhe dirigir imediatamente. Pôs os braços à volta dela, ignorando o seu retraimento, e abraçou-a ternamente — Estás com um ar muito triste. — Roçou os lábios pelo cabelo dela. — Queres adiar isto para outro dia?

— Não. Não é nada, a sério. Apenas a habitual insanidade familiar.

— Eu sou bom nisso. Sou perito em insanidade familiar.

— Os meus pais vão divorciar-se.

— Oh, minha querida. — Tocou-lhe no rosto. — Sinto muito.

— Não, não, não. — Para grande espanto dele, Dru riu-se. — Não estás a perceber. Eles atiram com a palavra «divórcio» um ao outro como se fosse uma bola de pingue-pongue. De dois em dois anos, recebo a mesma chamada telefónica. «Dru, tenho más notícias.» Ou:

«Dru, não sei bem como dizer-te.»

— Parece-me mas é que a bola de pingue-pongue tens sido tu.

— Eles amam-me demasiado — disse baixinho. — Ou talvez não me amem o suficiente. Nunca consegui perceber. Acho que nem eles perceberam. E não tenho nada que estar para aqui a despejar isto tudo.

— E porque não? Somos praticamente namorados. — Ela soltou uma gargalhadinha. — Porque é que não adiamos isto e não vamos dar um passeio de barco?

— Não, tu já montaste o cenário, mas obrigada na mesma, Seth. Ele acenou com a cabeça.

— Está bem. Primeiro tira os sapatos. Ela tirou as sandálias de lona.

— Um piquenique descalça.

— Acertaste. Deita-te na manta.

Ela pensara que ia sentar-se na manta com a saia armada a ler. Mas pôs-se em cima dela.

— De barriga para cima ou para baixo?

— De costas. Baixa-te mais — sugeriu ele. — Põe o braço direito sobre a cabeça. Dobra o cotovelo, relaxa a mão.

Ele ajoelhou-se e puxou a bainha da saia para cima, de modo a expor a perna esquerda até meio da coxa.

— Não é suposto dizeres que não estás a atirar-te a mim e que isto é tudo por amor à arte?

— É por amor à arte. — Roçou os dedos pela coxa dela enquanto lutava com a saia. — Mas também estou a atirar-me a ti. — Tirou-lhe a alça do top do ombro, examinou o resultado e acenou com a cabeça.

— Vira a cabeça para mim.

Ela assim fez e olhou para o material de pintura.

— Aquilo não são aquarelas? Pensei que tinhas dito que querias pintar-me a óleo.

— Desta vez vou pintar uma aquarela. Estás a passar uma tarde tranqüila à beira do rio — comentou enquanto começava o esboço. Um pouco tonta do vinho e da leitura.

— Estou sozinha?

— Por enquanto. Estás apenas a sonhar acordada. Ela fez o que ele lhe pedia.

— Em que é que pensas quando estás a pintar?

— Acho que não sei. Na forma, acho eu. Na luz, nas sombras, na disposição. Não sei o que responder.

— Acabaste de responder a uma pergunta que não fiz: o teu talento é instintivo; tem de ser, pois já desenhavas muito bem em garoto.

— O que é que querias ser quando eras garota?

— Muitas coisas. Bailarina, atriz de cinema, exploradora. Nunca pensei foi em ser mulher de negócios.

— Mas gostas.

— Adoro. Adoro poder aproveitar o que eu achava que era apenas uma paixão e um pouco de talento para flores e fazer disso alguma coisa. — O pensamento dela começou a divagar. — Nunca consegui falar com ninguém como consigo falar contigo.

— A sério? — Parecia uma fada ... a forma exótica dos olhos, o cabelo preto sexy em forma de chapéu de duende. Uma fada adormecida sozinha na sua clareira particular. Que disposição.— E porque será? — perguntou ele.

— Não faço idéia. — E, com um suspiro, adormeceu.

ABRIU os OLHOS. Apoiou-se num ombro, embaraçada.

— Desculpa.

— Não precisas de pedir desculpa. Proporcionaste-me exatamente aquilo que eu queria.

Ela olhou para o cavalete.

— Acabaste?

— Não, mas já avancei bastante. O meu estômago diz-me que são horas do almoço. — Abriu a tampa de uma geleira. — Temos pão, queijo, uvas, um patê recomendado por Phil. — Tirou os pratos enquanto falava. — E um pouco da salada de massa de Anna, embora para isso eu tenha tido que me rebaixar e implorar. E este vinho magnífico que descobri em Veneza.

— Estás a tentar transformar isto num encontro amoroso — disse ela com ar cansado.

— Estás enganada. — Encheu o primeiro copo e deu-lho. — Isto já é um encontro amoroso. Queria perguntar-te porque saíste à pressa do estaleiro ontem.

— Já não tinha mais nada que fazer lá. — Escolheu uma uva gelada e mordiscou-lhe a pele azeda. — E tinha de voltar para a loja.

— com que então queres um barco?

— Sim, quero. Gosto de andar de barco.

— Vem andar comigo. Assim podes avaliar como os barcos Quinn são seguros no mar.

— vou pensar nisso. Ela escolheu o patê.— O teu irmão Phillip tem muito bom gosto. São muito diferentes os teus irmãos, mas são muito unidos.

— As famílias são assim.

— Ai sim? Não, nem sempre, e isso nem sequer é freqüente, pelo menos a julgar pela minha experiência. A tua família é única. Tu não ficaste marcado?

Ele olhou para cima enquanto se servia da salada de massa.

— Desculpa?

— Recolhi informações suficientes nos artigos que li sobre ti e do que ouvi desde que vivo em St. Chris para saber que tiveste uma infância bastante difícil. Tu próprio já me disseste. Como é que se passa

por isso sem se ficar com marcas?

— Eles salvaram-me — disse ele com total sinceridade. — Ray Quinn, depois Cam e Ethan e Phil. Eles mudaram completamente a vida deles por minha causa e, ao fazê-lo, mudaram a minha também. Deram-me uma casa, e nada do que aconteceu antes tem metade da importância daquilo que veio a seguir.

Extremamente comovida, ela inclinou-se e roçou os lábios nos dele.

— Tu és um bom homem. Só que eu não sei o que hei-de fazer contigo.

— Podias começar por confiar em mim.

— Não. Nada começa com a confiança. A confiança desenvolve-se.

— Posso garantir-te que sou muito diferente do tipo com quem estavas comprometida. — Ao reparar que o corpo dela se retraía, ele encolheu os ombros. — Não sou o único que é assunto de conversa e que aparece nas revistas.

— Não, não és nada parecido com Jonah. Nunca fizemos um piquenique com a salada de massa da irmã dele.

— Jantares no Jean-Louis em Watergate ou num qualquer restaurante francês da moda. Inaugurações no Centro Kennedy. Cocktails chiques e um almoço tardio de vez em quando aos domingos com amigos animados. — Esperou um segundo. -Acertei?

— Quase.

— Amava-lo?

Deu por si a responder sinceramente.

— Já não sei. Acho que sim, se não nunca teria planeado casar com ele. Era atraente, brilhante, muito sarcástico e, segundo veio a descobrir-se, fiel como um gato de sarjeta. Foi melhor descobrir antes do casamento do que depois. Ia quase deitando o diamante branco russo lapidado de três quilates pela retrete abaixo, mas a sanidade

prevaleceu.

— O que é que lhe fizeste?

— Enfiei-o num envelope, escrevi por fora «Pelos seus pecados» e deitei-o numa caixa de esmolas de uma igrejinha em Georgetown. Melodramático, mas reconfortante.

Seth baixou-se, roçou os lábios pelos dela.

— bom trabalho, garota.

— Pois, também achei. — Levantou os joelhos, beberricou o vinho enquanto olhava para o rio. — Muitas pessoas acham que saí de DC e vim para cá por causa de Jonah. Enganam-se. Gostei desta vila desde que aqui viemos pela primeira vez com o meu avô. Quando percebi que tinha de mudar de vida, recomeçar tudo de novo, tentei imaginar-me a viver em vários lugars. Mas mentalmente regressava sempre aqui. Não foi um impulso, planejei isto durante anos. É assim que faço sempre, planeio as coisas. Passo a passo. — Calou-se, olhou para ele, bebeu mais um pouco de vinho. — Tu sabes ouvir. Isso é um dom. E uma arma.

— Descansa que não vou atingir-te. — Mudou de posição e pôs-lhe as mãos em redor do rosto, levantando-o até os lábios de ambos se encontrarem.

Ela sabia ao vinho, que se entornara sem que reparassem quando a sua mão ficou inerte.

Ele deitou-a na manta, deslizando para baixo com ela. Os braços dela abraçaram-lhe o pescoço.

Dru sentiu uma onda de desejo percorrer-lhe o corpo, incitando-a a dar e a receber. Em vez disso, pôs-lhe uma mão no ombro e disse:

— Espera, Seth.

Ele engoliu uma imprecação, encostou a testa à dela com o sangue a arder.

— Pronto, está bem — conseguiu dizer. — Porquê?

— Eu não queria que isto acontecesse e não vou fazer amor com um homem que parece estar envolvido com outra.

— Envolvido com quem? Dru, eu acabei de regressar e não olhei sequer para outra mulher desde que te conheci.

— Envolveste-te com esta muito antes de me conheceres. — Ele parecia não estar a compreender. Ela manteve-se firme. — Aubrey.

— O que é que tem Aubrey? — Levou uns segundos a compreender o que ela queria dizer. -Aubrey?

— Eu não sou cega. Ele sentou-se.

— Não é nada disso, Dru, ela é minha irmã.

— Ai isso é que não é.

— Sobrinha.

— Nem isso. E talvez não te apercebas do que se passa entre vocês, mas duvido muito que se passe o mesmo com ela.

— Eu não penso nela nesses termos. E ela também não. Dru alisou a saia.

— Tens a certeza?

— Tenho. — Mas a semente fora plantada.

— O que eu acho — disse Dru calmamente — é que não vou ter uma relação com um homem que, quanto a mim, se sente atraído por outra. Talvez devesses resolver isso com Aubrey antes de as coisas avançarem entre nós. Mas por enquanto acho melhor deixar tudo como está. — Começou a arrumar a geleira. — Partindo do princípio de que queres mais uma sessão, posso posar para ti mais umas horas no próximo domingo.

Ele levantou-se e fitou-a.

— Tu és tramada. Só porque um estupor qualquer te pôs a cabeça, passamos a ser todos traidores?

— Não. Na realidade, eu acho que não deve haver homem mais honesto do que tu. Mas, tal como já disse, não estou pronta para dar

este passo contigo e tenho as minhas reservas quanto aos teus sentimentos por outra pessoa.

— Quer-me cá parecer que, em vez de teres sido tu a perguntar-me sobre as marcas deixadas pela vida, devia ter sido eu a perguntar-te a ti. — Virou-lhe as costas e começou a arrumar o material.

Dru avançou lentamente para casa, mais abalada do que queria admitir.

Era de fato uma retirada, admitiu.

MULHERES. Seth atirou a geleira para a bolsa do carro, onde também enfiou o cesto. Depois, voltou em passo pesado para ir buscar o cavalete.

— Eu devia ter em atenção por quem me sinto atraído — disse ele ao levantar o esboço e levá-lo para o carro. — Um tipo é pulha com ela, e agora os outros todos que se lixem? — Pousou a tela na manta e franziu o sobrolho. — Vamos já arrumar o assunto.

Minutos depois, entrava no caminho de acesso a casa de Aubrey, saltou do carro e avançou rapidamente para a porta.

— Aubrey? — gritou, subindo as escadas. — Está alguém em casa?

— Seth? — perguntou Grace, saindo a correr da cozinha.

— Vim falar com Aubrey. Ela está?

— Ela joga softball aos domingos à tarde.

— Pois é — resmungou Seth.

Estavam no final da oitava entrada, com duas ganhas, duas perdidas, quando Seth chegou ao parque. A equipa de Aubrey, os Caranguejos Azuis, estava a perder por um run com as rivais de longa data, os Camarões da Rocha.

Os espectadores mastigavam os seus cachorros quentes, engolipavam as bebidas geladas dos copos de papel e uivavam os esperados insultos ou encorajamentos às jogadoras. Junho aproximava-

se com o seu habitual hálito quente e mãos úmidas, reduzindo a Primavera a uma doce recordação. O sol jorrava sobre o campo, deixando-o quente e úmido.

Saía fumo do bar quando Seth passou por ele para subir para as bancadas.

Reparou que Aubrey estava a postos quando o atual batedor acertava a terceira bola. Quando anunciaram a quarta bola, a multidão desatou a berrar: «Aub-rey/ Aub-rey/», enquanto ela avançava com ar superior para a base.

Raspou os pés no chão na base. Ganhou balanço. E fez um valente lançamento.

Correu novamente para a base enquanto a bola ia fora. A cantoria ouviu-se novamente, os pés começaram a bater na madeira até os assentos começarem a vibrar.

Seth percebeu no segundo em que a bola tocou no bastão dela que já não havia nada a fazer. A multidão pôs-se de pé a gritar quando Aubrey atirou o bastão para o chão e correu, dando a volta a todas as bases.

Os Camarões da Rocha não marcaram na nona entrada, fecharam com uma bola fora e ocorreu uma jogada elegante iniciada abruptamente por Aubrey. Seth desceu até à cabina das jogadoras.

— bom jogo, sua valente.

— Ei. — Aubrey saltitou até Seth. — Eu achei que estavas a pintar a florista hoje.

— Pois é, nós realmente tivemos uma sessão de pintura hoje. Ouve, preciso de falar contigo.

— Está bem, podes dar-me boleia para casa.

— Boa. Ótimo. Vai ter ao carro.

Passou a manta e a tela para o banco de trás. Quando Aubrey avançou para ele, de luva na mão e bastão ao ombro, tentou olhar para

ela da forma que olharia se nunca a tivesse conhecido. Mas não conseguiu.

— Estou a começar a ficar preocupada, Seth — disse ela.

— Não fiques. Dá cá isso que eu ponho na bolsa.

Ela encolheu os ombros e deu-lhe o equipamento de softball. Mas ficou surpreendida quando ele lhe abriu a porta do carro.

— Estamos com pressa?

— Só porque dás umas boas tacadas não quer dizer que um homem não possa abrir-te a porta do carro. Se Will não te trata com respeito, devias mandá-lo à fava.

— Will trata-me lindamente. Porque é que estás tão agitado?

— Não quero falar disso ainda. — Arrancou com o carro e pouco depois virava para o parque de estacionamento do estaleiro.

— Vamos até ao cais, está bem?

— Claro.

Mas quando saiu, ela ficou sentada, à espera de que ele lhe fosse abrir a porta.

— O que é que estás a fazer?

— Só estou à espera que me trates com o devido respeito. — Pestanejou e saiu do carro a rir. — Claro. O que é que foi, Seth? — Desembrulhou uma pastilha elástica.

— Preciso de pedir-te um favor. Ela enrolou a pastilha na boca.

— O que é?

Ele avançou para o cais, olhou para a água e para um ninho de águia-pesqueira num poste antes de voltar-se.

— Preciso de beijar-te.

Ela levantou as palmas da mão.

— Só isso? Achei que me ias dizer que só tinhas seis meses de vida ou coisa parecida. Está bem. Já me beijaste milhares de vezes. Qual é o problema?

— Preciso de esclarecer uma coisa, para isso preciso de beijar-te. Como um namorado.

— Seth. — Ela deu-lhe uma pancadinha no braço. — Isso é um pouco estranho.

— Eu sei que é — ripostou ele. — Dru acha que eu ... que nós ... que me sinto atraído por ti como homem. E vice-versa.

Aubrey abriu e fechou os olhos duas vezes como uma coruja.

— Ela acha que eu me sinto sexualmente atraída por ti?

— Mais ou menos — murmurou ele. — Pôs-me essa ideia na cabeça. Não consigo pensar bem. E se ela tiver razão?

Ela conteve uma gargalhada.

— Põe os pés na terra, Seth.

— Ouve, não morres por me beijar.

— Pronto, está bem. Podes beijar.

— Está bem. — Ele começou a baixar a cabeça.

Um ataque de riso obrigou Aubrey a recuar. Ele endireitou-se, ficando carrancudo até ela se controlar. Ela tirou conscienciosamente a pastilha elástica da boca, embrulhou-a no papel. Pôs os braços à volta dele. Ficaram abraçados com a brisa do mar soprando em torno deles. Os olhares de ambos cruzaram-se e desataram a rir à gargalhada.

Ainda abraçados, balançavam de tanto rir. Ele encostou a testa à dela, soltando um suspiro de alívio.

— Pronto. — Ela deu-lhe um beliscão amigável no rabo.— Desejas-me, não desejas?

— Tu cala-te, Aubrey. — Deu-lhe um abraço bem apertado antes de a largar.

— Obrigado.

— Não tens de quê.

— Não vais contar isto a ninguém, pois não?

— Estás a gozar?

— COMO É QUE lhe vais chamar? — perguntou Stella.

Estavam de pé junto ao quadro, analisando-o no estúdio bem iluminado.

— Não sei. Ainda não pensei nisso.

As cores eram vibrantes — o verde da relva e das folhas, o contraste do vermelho da manta e o branco-leitoso da pele dela sobre o vermelho. O jardim florido da saia dela era audaz, contrastando com a forma delicada com que o tecido fino lhe envolvia a parte de cima da coxa.

— A Beleza a Dormir — sugeriu Stella.

Estava com uma camisa de cambraia um número acima do dela, calças de ganga largas e sapatos de lona rasos que pareciam já ter percorrido vários quilômetros. Quando enfiou o braço no dele, Seth sentiu o cheiro a limão do xampu que ela usava.

— Estamos orgulhosos de ti, Seth. Não tanto pelo teu talento, que é um dom de Deus, mas por seres verdadeiro em relação ao que tens e ao que és.

— Cam disse para lhe perguntar pelo pão de zucchini.

— Ai sim? bom, eu não era lá muito boa cozinheira, mas um dia no Outono senti um enorme desejo de comer pão de zucchini. Havíamos plantado zucchini, e já tínhamos mais zucchini do que aquele que conseguiríamos consumir em seis anos. Por isso, resolvi ir buscar o livro de receitas e tentar fazer pão. Quatro pães, para experimentar, e pu-los na prateleira a arrefecer. Estava muito orgulhosa daquele pão.— Calou-se. — Uma meia hora depois, regressei à cozinha. Em vez dos quatro pães, só lá estavam três. Pensei logo que os garotos lá tinham ido e comido o pão. Fiquei muito satisfeita. Até olhar pela janela. O que é que achas que eu vi?

— Não faço ideia.

— Os meus filhos e o meu querido marido lá fora no pátio a

jogarem futebol com o meu pão de zucchini. Saí disparada pela porta, disposta a matá-los. Nessa altura, Phil atirou o pão bem alto com força, Ethan preparava-se para o agarrar, e Cam deu um pulo e interceptou-o. O pão acertou-lhe aqui. — Bateu com a mão um pouco acima da sobrancelha. — Deitou-o ao chão. Aquilo estava duro que nem uma pedra. — Riu-se, balançando sobre os calcanhares, como se o humor pesasse. — Quando cheguei ao pé de Cam para ver como é que ele estava e dizer-lhe o que achava daquela brincadeira, ele já recuperara e estavam os quatro a rir-se que nem uns malucos. Chamaram-lhe o Pão-Bala. Foi a última vez que eu fiz pão, juro-te. Tenho tantas saudades daqueles tempos.

— Gostava de ter vivido consigo e com Ray. — Ela afastou-lhe uma madeixa rebelde da testa. O gesto foi tão terno que até doeu. Posso tratá-la por avó?

— Claro que podes, minha doçura — murmurou Stella. — Ela não conseguiu dar cabo desse coração doce, por mais que tivesse tentado. Por isso, é que tem sido sempre tão fácil para ela magoar-te.

Não estavam a falar de Dru agora, pensou ele. Mas de Gloria.

— Não quero pensar nela. Já não me pode fazer nada.

— Ai não? Vêm aí confusãos. Tens de ser forte, esperto e verdadeiro. Tu não estás sozinho, Seth. Nunca estarás.

Mas quando acordou com os primeiros raios de sol a enfiarem-se pela janela, pareceu-lhe que estava. Pior ainda, viu o bilhete dobrado por baixo da porta. Fez um esforço para se levantar, ir lá e apanhá-lo.

Restaurante Lucy, ao lado do Hotel By-Way na EN 13. Hoje, às 11 da noite. Em dinheiro.

AUBREY FICOU a matutar naquilo, analisou tudo muito bem, e quanto mais pensava e repensava, mais furiosa ficava. Drusilla Whitcomb Banks precisava de ouvir das boas, e Aubrey Quinn era a pessoa indicada para lhas dizer. Estava totalmente determinada quando

saiu do estaleiro às 5 da tarde.

Ensaiou o que pretendia dizer enquanto seguia para a vila. As palavrinhas mordazes que iriam reduzir a Menininha Perfeita à sua insignificância. A responsável pela infelicidade de Seth não ia safar-se. «Quem se mete com um Quinn», pensou enquanto estacionava a carrinha junto ao passeio, «mete-se com todos.»

De botas de trabalho, T-shirt suja e calças de ganga bem coçadas, entrou de rompante no Botão e Flor.

Sim, ela era perfeita, era verdade, pensou Aubrey, e engoliu a sua ira enquanto Dru embrulhava um ramo de margaridas. Perfeita com a sua blusa de seda cor-de-rosa e cabelo de ninfa dos bosques. As calças eram cinzento-rato e fluidas; deviam ser de seda também, pensou Aubrey, aborrecida consigo própria por admirar o ar elegantemente desportivo de Dru.

Dru olhou para a porta quando ela se abriu. O que podia ter sido um cumprimento caloroso e educado esfriou e tornou-se cauteloso quando Aubrey olhou fixamente para ela.

— Parece-me que não vieste comprar flores — disse Dru. — Em que é que posso ajudar-te?

— Podes parar de atazanar o juízo a Seth e de me pôr a mim no papel da outra.

— Para ser franca, estava com medo de que esse papel me pertencesse.

— O que é que se passa contigo? Ele nunca se atiraria a ti se estivesse a atirar-se a outra. Quem é que tu achas que ele é? Ele não é desses. E ainda te devo a resposta ao epíteto de «loura boazona vestida de preto».

Dru fez uma careta, mas manteve o mesmo tom de voz.

— Um comentário estúpido não significa que eu seja estúpida. Mas foi desnecessário e peço desculpa.

— Estás desculpada. Mas isso não tem nada a ver com Seth. Queres saber o que nós somos um para o outro? — Aubrey debruçou-se no balcão. — Somos família. E se não sabes que os membros de uma família se amam uns aos outros e se defendem uns aos outros, tenho muita pena de ti. E não tenho a certeza de que sejas boa para ele.

— Nem eu — disse Dru, calando Aubrey.

— Não te percebo — admitiu Aubrey. — Mas percebo Seth. Ele já começou a gostar de ti. Tu magoaste-o ontem.

Dru baixou os olhos e disse:

— Deixa-me perguntar-te uma coisa: se desses por ti envolvida com um homem e visses que esse homem tem uma relação com outra mulher, muito atraente, vibrante e interessante, que não consegues definir, só sabes que é especial e está fora do teu alcance, o que é que sentias?

Aubrey levou algum tempo a responder.

— Não sei. Dru, eu amo-o, mas não tem nada a ver com sexo, nem romance, nem nada disso. Ele é o meu melhor amigo. É o meu irmão. É o meu Seth.

— Eu nunca tive um melhor amigo nem um irmão. Talvez por isso me seja tão difícil compreender.

— Ficavas com uma ideia se nos visses aos dois às gargalhadas naquela cena do beijo ontem. — Aubrey fez um ligeiro sorriso. — Seth é assim, para que tu saibas. Plantaste a dúvida, e ele ficou a matutar. «Estarei a magoar pessoas de quem gosto?» Então, vai atrás de mim, diz-me que precisa de me beijar, um beijo a sério entre homem e mulher ... para termos a certeza de que não se passa nada nesse campo. Depois, desatamos os dois a rir que nem malucos, e volta tudo ao normal. Eu não tencionava contar-te isto — acrescentou Aubrey. — Mas como disseste que eu era atraente, vibrante e interessante, dei-te o privilégio.

— Obrigada. E peço desculpa, Aubrey. — Era sempre aterrador para ela ceder a um impulso. — Eu não faço amigos facilmente, não é uma das minhas especialidades. Sou ótima a arranjar conhecidos. Respirou fundo. — vou fechar um pouco mais cedo hoje. Estás com pressa ou podes ir tomar um copo comigo?

Seth estava perdido, apercebeu-se Aubrey. Nunca iria resistir àquelas sugestões de vulnerabilidade e necessidade de esconder-se atrás do verniz.

— Tens bom vinho em casa?

— Tenho — disse Dru com um sorriso, apercebendo-se de que afinal não era assim tão difícil fazer amigos.

SETH ESTAVA sentado no banco vermelho de vinil comido pelo sol bem ao fundo do restaurante. Gloria não estava lá, ia chegar atrasada. Era outra forma que ela tinha de mostrar que estava na mó de cima. Os dez mil estavam no velho saco de lona pousado no banco ao lado dele.

Estava um homem com ombros do tamanho de um armário sentado num banco ao balcão. Comia a torta de maçã da casa com a concentração de um cirurgião a fazer uma operação delicada. Por detrás do balcão, a empregada, vestida de rosa-bebé, com o nome bordado a branco sobre o seio direito, agarrou numa cafeteira com café, avançou para o cliente que comia a tarte de maçã e parou de anca inclinada enquanto lhe enchia a chávena.

Os dedos de Seth sentiram a falta do lápis e do bloco.

Depois, Gloria entrou, e o quadro desvaneceu-se.

Ela estava mais do que magra. Viam-se-lhe os ossos das ancas espetados sob as calças vermelhas justas. O cabelo tinha sido descolorado e estava de um louro quase branco, curto e eriçado, o que só lhe acentuava a magreza do rosto. As rugas em torno da boca estavam mais vincadas. Ainda não tinha cinquenta anos, calculou ele,

mas parecia que já os fizera há muito.

Sentou-se à frente dele e disse:

— Tinhas o cabelo mais comprido da última vez. — Depois, voltou-se, fazendo um sorriso à empregada. — Tem torta de quê, hoje?

— Maçã, cereja, merengue.

— Quero uma fatia da de cereja com gelado de baunilha. E tu, Seth, meu amor?

Só a voz dela fazia-o ranger os dentes.

— Não.

— Como queiras. Eu também quero café. Pronto. — Recostou-se.— Pensei que ficasses na Europa. Deves ter tido saudades. E como é que vão os felizes Quinns?

Seth levantou o saco do banco, mas quando Gloria estendeu a mão, ele agarrou-o com força.

— Pegas no dinheiro e desapareces. Se fizeres alguma coisa contra a minha família, pagas-me.

— Bonita maneira de falares com a tua mãe, não haja dúvida.

— Tu não és minha mãe. — Abriu o fecho do saco, inclinou-o para que ela visse o que estava lá dentro.— Aqui tens o dinheiro. Agora, mantém-te afastada de mim e dos meus.

— Achas que és muito importante agora, não é? Tu não és nada. Seth levantou-se, tirou dez dólares da carteira e atirou-os para cima da mesa.

— Talvez não seja, mas continuo a ser melhor do que tu.

Ela agarrou no saco, puxou-o para junto da anca quando ele saiu e pensou: «Primeira prestação.» O suficiente para a manter sossegada durante umas semanas enquanto pensava no resto.

Seth ainda não se vira livre dela. Longe disso.

ENFIOU-SE NO ESTÚDIO. Usou a pintura como evasão, desculpa e

tubo de escape para a sua frustração. Sabia que a família estava preocupada com ele. Mal os vira, a eles ou a qualquer outra pessoa, durante três dias. Não conseguira estar com eles depois de ter estado com Gloria.

Fora buscar uma tela enorme à arrecadação e pintara o que sentia. A confusão enorme de emoções e imagens tomou forma e pintava como se a sua vida dependesse disso.

Foi o que Dru pensou à soleira da porta agarrada ao vaso que levava nas mãos. Era uma batalha entre a vida e a morte, entre a sanidade e o desespero, travada com um pincel.

Ele estava de pincel em riste, trespassando e ferindo a tela. O outro estava preso entre os dentes como uma arma de reserva. A música martelava, ouvindo-se o som violento de uma guitarra que mais parecia um grito de batalha. Tinha tinta na camisa, nas calças de ganga, nos sapatos. E no chão dela.

Vê-lo naquele estado era atraente, íntimo, estranhamente erótico. Por isso, Drusilla ficou a observá-lo enquanto ele chicoteava a tela. Pinceladas audazes, quase malévolas, depois outras delicadas que pareciam encerrar uma espécie de fúria contida. Era trabalho, e não por amor.

Quando se afastou da tela, pareceu-lhe que ele a olhava como se tivesse surgido do nada. A mão que segurava o pincel caiu. Agarrou no que tinha entre os dentes e pousou-o. E depois esfregou os músculos do braço direito com uma expressão ausente.

Ela tentou sair à socapa, mas ele virou-se e olhou-a como um homem saído de um transe. Como não conseguira sair sem ser notada, fez a única coisa que lhe ocorreu: entrou.

— Peço desculpa. Não me ouviste bater à porta. — Não olhou para o quadro. — Vim interromper o teu trabalho.

— Não. Acho que acabei. O que é que te parece?

Era uma tempestade no mar. Brutal, selvagem e como que viva. Ouvia o vento a uivar, sentia o terror do homem que travava sozinho uma batalha desesperada para impedir que o seu barco fosse engolido pelas enormes vagas. Mas à distância via-se terra e luz. Havia uma casa. Ele lutava para regressar a casa.

— Tem muita força — conseguiu ela dizer. — E sofrimento. Não se vê o rosto dele. É de propósito, não é? Para olharmos e vermos o que sentiríamos se estivéssemos a lutar contra os nossos demônios sozinhos.

— Não te interrogas se ele vai ganhar?

— Sei que vai porque tem de regressar a casa. Esperam-no. Há quanto tempo estás a trabalhar nele?

— Não sei. Que dia é hoje?

— Assim há tanto tempo. Então, acho que deves querer ir para casa descansar. — Agarrou no vaso de flores que pousara junto à aparelhagem e estendeu-lho. — Vamos fazer as pazes?

Era uma mistura de botões de flores numa jarra azul.

— Obrigado. É muito bonito.

— Eu estava enganada, e isso raramente acontece. Mas quando me engano, gosto de admiti-lo, de pedir desculpa e partir para outra.

— Está bem. Porque é que não me dizes qual foi o engano?

— Enganei-me em relação a ti e a Aubrey. Não só me enganei no que diz respeito à vossa relação, como também em me ter metido nos teus assuntos pessoais.

— Hum. com que então enganaste-te duas vezes.

— Não. Foi só um engano com duas variantes. E peço desculpa. Ele pousou as flores.

— Como é que sabes que estavas enganada?

— Aubrey veio cá à loja no outro dia e explicou-me muito bem as coisas. Depois, fomos beber vinho para minha casa.

— Vamos lá rever a matéria. Eu expliquei-te tudo e tu não acreditaste. Aub explica-te tudo e ficas totalmente esclarecida.

— Pois é.

— Não sei porquê — disse ele. — Não consigo bem perceber porquê, mas isso chateia-me. vou beber uma cerveja. Queres?

— Isso quer dizer que aceitas as minhas desculpas?

— Estou a pensar no assunto — gritou ele da cozinha. Ela agarrou na garrafa que ele lhe estendeu quando voltou.

— E se pedíssemos umas pizzas? Eu estou esfomeado e gostava de estar contigo. Estás com fome?

— bom, eu...

— Ótimo. Onde está o telefone? — Acabou por encontrar o telefone debaixo de uma almofada na cama. — Olá, é o Seth Quinn. Sim, estou ótimo e tu? Podes crer. Quero uma familiar com tudo.

— Não — disse Dru, o que o fez fitá-la de sobrolho franzido.

— Espera aí — disse para o auscultador. — Não, o quê?

— Sem extras.

— Sem extras? — repetiu ele de boca aberta. — Nenhuns ? Estás doente ou quê? — disse ele, suspirando. — Pronto, faz metade desenxabida e metade com tudo. Sim, é isso mesmo. No meu apartamento por cima da florista. — Desligou, depois atirou o telefone para a cama.

— Não demoram. Ouve, vou tomar um ducha.

— Posso ver os teus outros quadros?

— Claro. Força.

E ela percebeu que as coisas tinham voltado ao normal. Ou, pelo menos, ao que sempre tinham sido.

Aproximou-se da tela que estava no cavalete junto às janelas da frente. Ficou boquiaberta. Calculou que fosse a reação típica de alguém que se via pintado numa tela. E claro que estava acabado, pois estava

perfeito. Perfeito e belo.

Ele fizera-a linda, pensou. Desejável, supunha, e mesmo assim reservada porque era evidente que queria estar sozinha.

Quem é que conseguia compreender um homem que era capaz de criar uma coisa tão bela e sonhadora numa tela e outra tão apaixonada e selvagem noutra?

Dirigiu-se às pilhas de telas pousadas no chão e começou a perceber.

Cenários cheios de sol em Florença com telhados de telha vermelha, prédios dourados, ruas sinuosas e empedradas. Uma estrada estreita serpenteando entre campos verdes luminosos. Um campo de girassóis a cozerem ao sol que era quase palpável... e o rosto sorridente de uma menina a correr por entre eles, arrastando atrás dela um balão vermelho.

Viu alegria e romance, tristeza e singularidade, desejo e desespero. Ele é que via, corrigiu ela. Ele via tudo.

Quando regressou do banho, ela estava sentada no chão com um quadro no colo.

Ele atravessou a sala e agarrou na garrafa.

— Que tal bebermos vinho em vez disto?

— Tanto faz. — Não conseguia deixar de olhar para o quadro. Era outra aquarela que ele pintara recorrendo à sua memória num dia chuvoso em Itália. Sentia-se irrequieto e cheio de saudades. Por isso, pintara o pântano que explorara em garoto com o emaranhado de árvores-da-borracha e carvalhos, com a luz luminosa encurralada ao entardecer.

— Esse lugar não fica longe da minha casa — disse.— Vendes-mo?

— Provavelmente. Viste o teu retrato?

— Vi. Está lindo. Que nome lhe vais dar?

— A Beleza a Dormir — disse ele, depois franziu o sobrolho ao

recordar-se do sonho. — Futebol zucchini — murmurou.

— Desculpa?

— Nada. Lembrei-me de uma coisa, só isso. Pizza — disse ele ao ouvir bater rapidamente à porta. — Ei, Mike, então, como é que vai isso?

— Vai-se andando.

O adolescente magricela cheio de borbulhas entregou a caixa da pizza a Seth.

— Ótimo. Toma lá, Mike. Podes ficar com o troco. vou buscar-te um copo de bom Chianti em vez da cerveja — disse Seth enquanto fechava a porta com o pé.

— Posso beber cerveja.

— Podias — comentou ele. — Mas preferes o vinho. Eu bebo a cerveja.

Ela sentou-se na cama e tirou uma fatia da pizza.

— Sabes uma coisa, nós já namoramos há algum tempo — disse ele, voltando da cozinha com pratos de papel.

— Nós não namoramos. Isto não é um encontro amoroso. Estamos só a comer pizza.

— Pois. Seja como for — sentou-se de pernas cruzadas com a camisa aberta. -, ainda não fizemos um ao outro as perguntas essenciais para saber se esta relação pode ir avante.

— Tais como?

— Fim-de-semana comprido. Na montanha ou na praia?

— Na montanha. Vivemos junto ao mar.

— Concordo. — Trincou a pizza. — Guitarrista preferido. Eric Clepton ou Chet Atkins?

— Chet o quê? Ele empalideceu.

— Vamos esquecer essa. É demasiado doloroso. O filme que mais te assustou ... os clássicos, Psycho ou Tubarão?

— Nenhum dos dois. O Exorcista.

— bom filme esse. A quem confiarias a tua vida contra as forças do mal? Ao Super-Homem ou ao Homem-Aranha?

— A Buffy ... o vampiro assassino.

— Pára lá com isso. Super-Homem. Tem que ser ao Super-Homem.

— Buffy tem um guarda-fato muito mais interessante. Ele abanou a cabeça, desconsolado.

— Ducha ou banho de imersão?

— Banho de imersão. — Ela lambeu o molho dos dedos. — Longo, quente e cheio de espuma.

— Já suspeitava. Cão ou gato?

— Gato.

Ele pousou a fatia.

— Mas isso é tão errado.

— Os gatos são autoconfiantes e não nos roem os sapatos. Ele abanou a cabeça pesarosamente.

— Isto pode significar o fim da nossa relação. Poderá a relação ser salva? Depressa. Batatas fritas ou caviar?

— Essa é ridícula. Batatas fritas, claro.

— A sério? — Apertou-lhe a mão com força, como se o seu coração tivesse sido invadido pela esperança. — Não estás a dizer isso só para conseguires o que queres de mim?

— O caviar não é um elemento essencial da vida.

Ele beijou-lhe ruidosamente a mão, depois começou novamente a comer.

— Para além de uma lamentável ignorância musical e de uma opinião errada sobre animais de estimação, saíste-te bem. Durmo contigo.

— Nem sei o que dizer. Estou muito emocionada.

— Drusilla ... — Calou-se quando o telemóvel tocou.

— Atende. Eu vou arrumar isto. — Ela levantou-se da cama e agarrou na caixa de pizza e nos pratos enquanto ele atendia o telefone.

— Está? Não, estou Ótimo. Distraí-me. Anna, eu estou Ótimo. Já acabei o quadro que estava a pintar. Acabei de comer uma pizza com a Dru. Hum. Claro. Eu vou para casa amanhã. Eu também gosto muito de ti. — Desligou quando Dru voltou. — Era Anna.

— Sim, eu percebi. — Avançou para a porta e trancou-a. Aproximou-se dele. — A última vez que fui para a cama com um homem foi uma experiência humilhante para mim. Já se passaram quase dois anos. É muito possível que, de certo modo, esteja a usar-te para recuperar algo que acho que outra pessoa me roubou.

Uma vez que ele ainda estava sentado de pernas cruzadas na cama, ela sentou-se no colo dele e pôs-lhe os braços à volta do pescoço.

— Importas-te?

— Não posso dizer que me importe. — Passou-lhe as mãos pelas costas. — Mas ouve lá, pode ser que recebas mais em troca do que esperas.

— É um risco calculado — murmurou ela, e beijou-o na boca.

TINHAM PERDIDO o pôr do Sol e já escurecia. Algures no caminho, ele apercebeu-se de que o CD parara de tocar. Agora, não se ouvia mais nada para além do vento a levantar-se e da respiração de Drusilla.

Vinha lá chuva. Ele sentia-lhe o cheiro — pressentia a tempestade bailando no ar.

Dru passou-lhe os dedos pelo cabelo. Tinha um cabelo tão macio, tão liso, tão cheio de reflexos.

— Ah ... estás bem?

— Hum-hum. Vem aí tempestade. Fechaste as janelas do teu

carro? Por que diabo estava ele a perguntar-lhe se fechara as janelas do carro quando ela acabara de passar por uma experiência que lhe ia alterar a vida?

— Fechei. — Olhou fixamente para o teto. — É melhor ir-me embora antes que comece a chover.

— Hum-hum. — Puxou-a mais para ele, depois rebolou agarrado a ela. — Deves mas é ficar, e vamos ouvir a chuva cair enquanto fazemos amor novamente.

— Está a chover — disse ela baixinho.

Ele levou as mãos entrelaçadas deles aos lábios.

— Vamos ouvi-la.

Ainda chovia quando ela se levantou. O ruído suave e constante depois de a tempestade ter transformado a sala num ninho acolhedor, no qual ela desejava poder aninhar-se.

— Passa cá a noite. Eu posso sair cedinho e trazer qualquer coisa decente para o pequeno-almoço.

— Não posso. Não tenho roupa. Roupa lavada.

Ele fazia-lhe a vontade, o que não queria dizer que não pudesse protelar.

— Trago uma muda de roupa amanhã. Vamos jantar fora, depois voltamos para aqui ou para tua casa — acrescentou ele, largando-a. Não interessa o lugar. Vamos planear o nosso encontro, em vez de termos os nossos habituais encontros improvisados.

— Isto não foi um encontro. — Esgueirou-se para abotoar a camisa. — Foi sexo.

— Desculpa lá. Comemos, bebemos bebidas alcoólicas, conversámos e fizemos amor. Isso, minha querida, é um encontro.

Dru sentiu um sorriso a formar-se nos seus lábios.

— Bolas. Apanhaste-me. Já passa da meia-noite. Eu volto amanhã por volta das oito.

— Ótimo. Queres que emoldure a aquarela? Ela sorriu-lhe.

— Posso ficar com ela?

— Estou disposto a trocar um quadro por outro. Ela calçou-se.

— Já pintaste dois meus.

— Um dia, quando eu morrer e me tornar um artista famoso cuja obra é estudada, vão chamar a isto o meu período Drusilla.

— Se é isso que queres como pagamento, eu poso novamente.

— No domingo.

— Sim, está bem. O que é que queres que eu vista?

— Sei exactamente aquilo que quero. — Aproximou-se e beijou-a.— Vais vestir-te de pétalas de rosa. Uma vez que és florista, consegues com certeza arranjar-mas.

— Admiro o teu trabalho, mas não me vais pintar nua.

— Está bem, eu pinto-te vestida, mas vais estar vestida com pétalas de rosas. Chiu. — Bateu-lhe com o dedo nos lábios antes que ela pudesse dizer alguma coisa. — É mais que óbvio que não vou obrigar-te a posar nua para ir para a cama contigo porque já fui. E já agora fica sabendo que eu não uso a arte para essas coisas. Tenho esta imagem desde a primeira vez que te vi. Quando eu acabar, decides o que fazer ao quadro.

— Pétalas de rosas vermelhas. — Inclinou a cabeça. — vou encomendar uma data delas.

SETH ENTROU a assobiar no estaleiro no dia seguinte. Levava da padaria uma caixa com donuts acabados de fazer.

Cam já estava a trabalhar, a aparafusar uns grampos num casco.

— Está lindo. — Seth avançou para a pequena embarcação à vela de linhas proporcionadas. — Peço desculpa por não ter vindo ajudar ultimamente.

— Nós safámo-nos sem ti. — A estocada não estava explícita no tom, mas era uma insinuação.

— Onde estão todos?

— Phil está lá em cima. Ethan e Aubrey foram ver panelas para caranguejos hoje de manhã. Kevin vem dar uma mão depois da escola. Mais uma semana ou duas já está livre e pode vir mais tempo.

— Disseste que a escola acaba daqui a umas semanas? Mas então que dia é hoje?

— Estavas mais a par das coisas se fosses a casa de vez em quando.

— Tive que fazer, Cam.

— Pois. — Cam fixou outro grampo. — Entras e sais conforme te apetece. Decidiste vir hoje porque tiveste finalmente sorte ontem à noite, não foi?

— O que é que tens a ver com isso?

— O que é que tenho a ver com isso? — Cam pousou o berbequim e saltou para o chão. — Tenho muito até quando desapareces quase a semana toda. Tenho muito a ver com isso quando tenho de ver Anna preocupada porque tu nem te dás ao trabalho de nos dizer o que se passa. Tratas a família como lixo.

Encontravam-se frente a frente. Dois lutadores de boxe que se estavam nas tintas para a campainha.

— Calma, calma! — Phillip saltou para o meio deles e empurrou-os. — O que é que se passa aqui? Se querem andar ao murro, vão lá para fora.

— Isto é entre mim e Cam.

— Isto é um local de trabalho — corrigiu Phillip. — O nosso local de trabalho, o que faz que eu também tenha uma palavra a dizer. Continua assim que talvez acabes por levar um soco, mas é meu. Já aturei que chegue de ti.

— De que é que tu estás para aí a falar?

— Estou a falar de te lembrares das tuas responsabilidades. Estou

a falar de uma cliente que está à espera de um esboço que concordaste em fazer. Onde é que ele está, Seth?

Abriu a boca para depois a fechar logo a seguir. O sloop de Drusilla. Esquecera-se. Como também se esquecera, recordou, que prometera a Anna ir buscar matéria vegetal para um novo canteiro. Enquanto engolia a raiva, saiu porta fora.

— Ele precisa de um pontapé — resmungou Cam.

— Porque é que não o deixas em paz? Eu estava tão preocupado e chateado como tu, mas ele já é suficientemente crescidinho para fazer o que bem lhe apetece. Quanto tempo é que vais deixá-lo lá fora a sentir-se um pulha?

— Bolas. Eu vou lá resolver o assunto — sibilou Cam. Seth ouviu os passos no cais.

— Desculpa — disse muito depressa. — Desculpa ter-te desiludido. Faço o que for preciso para vos compensar.

— Porra. — Cam passou os dedos pelo cabelo. — Tu não me desiludiste. Ninguém está à espera de que dediques o teu tempo todo ao estaleiro. Nem que passes todo o tempo em casa. Primeiro, Anna chateava-me a cabeça por estares sempre em casa. Agora, está furiosa porque nunca estás em casa. Como é que eu me deixei apanhar no meio disto?

— Foi sorte, acho eu. Tive de tratar de uns assuntos e estive a trabalhar. Envolvi-me no trabalho. A família não é lixo para mim, não podes ter dito aquilo a sério. É um milagre. Se não fossem vocês ...

— Pára lá com isso. Não estamos a discutir o passado, estamos a discutir o presente.

— Não existiria presente sem vocês.

— Não o terias se não fosse Ray. Nenhum de nós teria, e ponto final. — Enfiou as mãos nos bolsos e olhou para o mar. — Então, a coisa com a florista sexy é a sério?

Olharam os dois para o mar.

— Parece que sim.

— Que donuts é que trouxeste?

Já não estavam zangados, pensou Seth. Por mais zangados que ficassem, as coisas acabavam sempre por resolver-se.

— Trouxe vários tipos.

— Vamos antes que Phil dê com eles. Seth parou.

— Futebol zuchinni. Cam empalideceu.

— O que é que tu disseste?

— Pão-Bala. O pão de zucchini. Ela fez pão e vocês usaram-no para jogar futebol. Ela contou-me.

Cam agarrou nos ombros de Seth.

— Quando é que tu a viste?

— Não sei. Parece-me que sonhei — murmurou. — E tu ... tentaste interceptar um passe e levaste com ele no sobrolho. Foi assim, não foi?

— Foi. — Cam teve de recuperar o equilíbrio. — Ela saiu a correr pela porta das traseiras, a gritar conosco quando eu ia a saltar. Virei-me, e pum. O pão parecia tijolo. Ela nunca cozinhou lá muito bem.

— Pois, ela contou-me.

— Nós começamos todos a rir ... eu, o pai, Phil e Ethan. Que nem malucos. A mãe ficou ali a olhar para nós. Ainda vejo a cena. Estou a vê-la. — Soltou um longo suspiro. — Depois, voltou para casa e foi buscar outro pão para continuarmos a jogar. Ela contou-te essa parte?

— Não. — Seth pôs a mão no ombro de Cam quando se dirigiam para a porta do estaleiro. -Acho que queria que fosses tu a contar-me.

DRU SAIU DA LOJA para arrancar os botões murchos do canteiro ao lado da porta em forma de barril de whisky com verbena e valeriana. A tempestade daquela noite arrefecera a temperatura, varrera a

umidade e o dia amanhecera fresco e límpido.

A noite que passara com Seth fora gloriosa. Ele intrigava-a e desafiava-a. Excitava-a e divertia-a. Despertava sentimentos nela que nunca ninguém ... nem sequer o homem com quem quase casara, despertara. Dru considerava que Seth era o homem mais irresistível que conhecera. Agora, eram amantes, e ela já estava à espera dos problemas que isso iria trazer. Porque quando não se está de sobreaviso, recordou, chocamos com eles de frente e afundamo-nos.

Levou a tesoura de podar lá para dentro, para a arrecadação, onde a arrumou na prateleira.

Os sininhos da porta tocaram, avisando que entrara o primeiro cliente do dia.

— bom dia. Posso ajudá-la?

— Oh, não sei bem. Vim só dar uma vista de olhos.

— Esteja à vontade. Está um dia lindo, não está? — Dru avançou para abrir a porta de par em par. — Está de visita a St. Chris?

— É verdade — disse Gloria.

— Escolheu uma altura ótima. — Dru ignorou a sensação de desconforto causada pela forma como estava a ser examinada. — Veio com a família?-Aquela mulher não parecia o tipo de pessoa que gastasse nem tempo nem dinheiro em flores. Tinha um aspecto duro, nevrótico e ordinário. Quando Dru sentiu o que lhe pareceu cheiro a whisky juntamente com o perfume intenso dela, pensou se não iria ser roubada.

Depois, pôs a ideia de lado. Ninguém roubava uma florista, muito menos em St. Chris.

— Se veio à procura de alguma coisa para alegrar o quarto de hotel enquanto cá está, os cravos estão em promoção esta semana.

— Boa ideia. Sabe uma coisa, a sua cara não me é estranha e não me parece que seja daqui. Vai muito a DC?

Dru voltou a descontrair-se.

— Nasci lá.

— Então, é isso. Mal a vi, pensei... Espere lá! Você é filha de Katherine. Prucilla ... não, não, Drusilla.

Dru tentou imaginar a mãe a ter fosse que relação fosse com aquela mulher mal vestida. Depois, amaldiçoou-se por ser tão esnobe.

— Exato.

— bom, macacos me mordam. — Gloria pôs as mãos nas ancas e fez um enorme sorriso simpático. Andara a pesquisar. — Que raio está a fazer aqui?

— Eu vivo aqui agora. Conhece a minha mãe, é?

— Claro que conheço. Trabalhei em vários comités com a Kathy. Não a vejo já há algum tempo. A última vez que a vi foi numa recolha de fundos para fins literários. Jantar de lançamento de livro e escritor em Shorham.

O evento fora noticiado no The Washington Post, com suficientes detalhes nos arquivos on-line que Gloria consultara para fazer a história parecer verídica.

— Como é que ela e o seu pai estão?

«Não», pensou Dru, não estava a ser esnobe. Era apenas uma boa avaliadora de caracteres. Mas respondeu calmamente:

— Estão ambos muito bem, obrigada. Peço desculpa, mas o seu nome é...

— Gloria. Gloria Harrow — disse ela, usando o nome de solteira da mãe. — O Mundo é pequeno, não é? Parece-me que da última vez que falei com Kath, você estava noiva. Calculo que não tenha dado certo.

— Não, não deu.

— bom, os homens são como os autocarros. Vem sempre outro. Sabia que a minha mãe conhecia muito bem o seu avô? — E aquilo era verdade, embora a expressão «conhecia muito bem» fosse um pouco

forte. — O senador continua rijo.

— É um homem espantoso — disse Dru friamente agora. Quando um homem entrou na loja, Dru voltou-se para ele.

— bom dia.

— Olá. Não se preocupe comigo, pode continuar a atender essa senhora. Não estou com pressa.

— Quer ver mais alguma coisa, Ms. Harrow?

— Não. -A visita já durara mais do que devia. — E se eu levasse uma dúzia daqueles ... o que é que estava em promoção?

— Os cravos. — Dru apontou para o vaso.

Gloria achou que o preço a pagar era pouco para os resultados. Tirou o dinheiro da carteira e pô-lo no balcão. Agora que já fizera o contato, queria ir-se embora.

— Mande cumprimentos meus à sua mãe quando falar com ela acrescentou Gloria quando ia a sair.

— Oh, com certeza. — Dru voltou-se para o outro cliente.

— Vim em má altura? — perguntou o homem.

— Não, claro que não. Em que é que posso ajudá-lo?

— Primeiro, eu chamo-me Will. Will McLean. — Estendeu-lhe a mão.

— Oh, é amigo de Aubrey. — Bastante engraçado, dissera Aubrey. E tinha toda a razão, decidiu Dru quando apertaram as mãos. — Muito prazer.

— Igualmente. Acabei de sair do meu turno, apeteceu-me ir ver Aub ... e conversar um pouco com Seth antes de ir para casa e apagar-me durante umas horas. As flores que Seth deu à minha namorada aqui há umas semanas foram um sucesso. Não posso deixá-lo ficar a rir-se. O que é que tem que possa compensá-la de eu ter de fazer turnos duplos durante quase toda a semana?

— Como é que está o seu orçamento?

— Acabei de receber o ordenado. — Bateu no bolso de trás das calças.

— Sente-se — disse-lhe ela enquanto se dirigia a uma arca frigorífica. Tirou uma única rosa com um pé grande da cor de algodão doce.

— Uma dúzia destas e ela fica anestesiada.

— Talvez devesse levar duas dúzias. Tive de cancelar dois compromissos com ela nos últimos dez dias.

— Duas dúzias deixam-na em coma.

— Perfeito. Pode pô-las numa dessas caixas todas chiques?

— Sem dúvida. — Avançou para o balcão. — Você e o seu irmão mais velho, Dan, e Seth já são amigos há muito tempo.

— Desde garotos. Nem acredito que ele já voltou há um mês e eu ainda nem consegui vê-lo. Ah, posso perguntar-lhe uma coisa? Aquela mulher que aqui estava? Estava a chateá-la?

— Porque é que pergunta?

— Não sei, foi um pressentimento. Além disso, ela tinha qualquer coisa. Acho que a conheço de algum lado, não sei bem de onde, mas há qualquer coisa que não encaixa. Percebe o que eu quero dizer?

— Percebo perfeitamente o que quer dizer. — Olhou para ele. Era amigo de Aubrey e de Seth.

— Ela disse que conhecia a minha mãe, mas não conhece. — Ninguém, pensou Dru, mas ninguém, tratava a mãe dela por Kathy. Tratavam-na por Katherine e em ocasiões muito raras por Kate. — Não sei o que é que ela queria, mas fiquei contente por você ter entrado.

— Quer que fique mais um pouco?

— Não, mas obrigado na mesma. Ela não me preocupa.

— Chamou-lhe Harrow? — Will abanou a cabeça. — Não conheço ninguém com esse nome. Mas conheço-a de algum lugar.

DRU APERCEBEU-SE imediatamente de que fora um erro ter

telefonado à mãe. Mas não conseguira esquecer a cliente daquela manhã. E a única forma de confirmar se a história era ou não verdadeira era perguntando.

A mãe disse-lhe logo que não conhecia ninguém chamado Gloria Harrow, embora conhecesse uma Laura e uma Barbara Harrow. Dru deixou-se levar pelo bom humor da mãe e pela notícia de que ela e o Pai se tinham reconciliado. Por enquanto, pelo menos.

Mas a conversa tomou rapidamente o rumo habitual. Porque é que não ia passar o fim-de-semana, ou, melhor ainda, o Verão, a casa? Porque é que não iam todos passar uns dias ao enclave da família em North Hampton?

Os motivos que Dru evocava eram rebatidos, as desculpas, ignoradas, até que, quando desligaram, Dru ficou com a certeza de que a mãe ficara tão irritada e infeliz como ela própria.

O que a fez pensar que era melhor deixar as coisas como estavam.

No FINAL DA TARDE, as campainhas da loja tocaram. Dru olhou para a porta.

— Seth — disse ela, contente.

— Achei melhor passar por cá. Apanhei uma desanda de Cam hoje de manhã por não ter aparecido ultimamente em casa deles.

— E já resolveram a coisa?

— Já, já está tudo bem. Mas preciso de lá ir rastejar aos pés de Anna, e achei melhor passar por cá primeiro. Está tudo confirmado para logo à noite?

— Queres manter o combinado?

— Durante todo o dia não pensei noutra coisa a não ser em estar contigo.

Ela sentiu-se muito bem com aquelas palavras.

— Acho que pensei em ti de passagem. Embora tenha tido um dia

bastante ocupado hoje.

— Foi o que me constou. Will foi ao estaleiro e quase que provocou um ataque de coração a Aubrey com aquela floresta de rosas.

— Gostei dele. É uma sorte ter amigos de infância.

— Tu não tens?

— Nem por isso. bom, de qualquer maneira — prosseguiu ela para evitar o assunto enquanto fechava a caixa -, tive uma visita estranha antes de ele entrar. Uma mulher que disse que conhecia a minha mãe, mas quando começou a falar, percebi que não era verdade. Não só pelo que disse, mas pelo aspecto dela.

— Que aspecto?

— Duro, ordinário, e não parecia nada que tivesse trabalhado em obras de caridade com a minha mãe. Fez-me um interrogatório, estava a apalpar terreno — rematou Dru, encolhendo os ombros.

Seth sentiu uma sensação de frio na boca do estômago.

— O que é que ela disse?

— Nada de mais. Acho que estava a preparar terreno para alguma coisa, mas depois Will entrou, ela comprou uns cravos e foi-se embora. Ele disse-me que lhe parecia conhecê-la de algum lado.

Seth sentiu uma impressão na garganta.

— Ela disse-te como se chamava?

— Hum? Disse. — Dru lançou um último olhar em volta, agarrou na carteira e nas chaves. — Gloria Harrow. Tenho mesmo de ir andando.

Ele agarrou-lhe com força no braço.

— Se ela cá voltar, quero que me chames.

— Porquê? Ela não passa de uma mulher qualquer que me quer arrancar uns cobres ou pedir-me para a apresentar ao meu avô. Acredita em mim, eu tive de lidar com esse tipo de coisa a vida toda.

— Quero que me prometas. Estou a falar a sério. Se ela cá voltar, vais lá atrás, agarras no telefone e chamas-me.

Ela ia dizer-lhe que não precisava de proteção, mas o tom de voz dele era tão impetuoso e insistente que acabou por acenar afirmativamente com a cabeça. — Está bem. Eu prometo.

MAL CONSEGUIRA dormir. Nem o prazer de ter Dru enroscada a seu lado pudera gozar plenamente.

Embora algo lhe dissesse que Gloria invadira outra parte da sua vida, foi a casa dos irmãos McLean. Precisava de ter a certeza. Dan veio abrir, já vestido para ir trabalhar.

— Ei, o que é que foi? Apanhaste-me por pouco. Estou de saída para uma reunião.

— Preciso de falar com Will.

— Ei, Seth, ouve lá, o tipo está exausto. — Como Seth já avançava por entre os detritos da sala, Dan seguiu-o. Resignado, apontou com o polegar para uma porta.

Seth não se deu sequer ao trabalho de bater e empurrou a porta. O quarto quase cabia dentro de um armário, e a cama ocupava o espaço todo.

Will estava deitado de barriga para cima, com os braços abertos como se tivesse caído assim e nem sequer se tivesse mexido. Dan avançou para a janela.

— Ele não deve dizer coisa com coisa. — Abriu cruelmente as cortinas.

O sol inundou a cama. Will nem se mexeu. Dan aproximou-se da cama.

— Só funciona assim. — Pôs a boca junto ao ouvido de Will e gritou: — Código azul! Dr. McLean à Sala Número Três. Urgente!

— O que foi? — Will sentou-se rapidamente. — Onde está a maca? Onde está ... — Parte do seu cérebro desobstruiu-se quando olhou, pestanejando, para o rosto de Seth. Seth agarrou-lhe no braço.

— Preciso de falar contigo.

— Estás com alguma hemorragia interna?

— Não.

— Então, vais ficar se não saíres imediatamente daqui e me deixares dormir. — Agarrou numa almofada para tapar a luz.

— Foste à loja de Dru ontem — disse Seth, arrancando-lhe a almofada. — A mulher que lá estava quando entraste ... disseste que achavas que a conhecias de qualquer lado.

— Neste preciso instante, nem sequer a minha mãe eu reconheceria. Por falar nisso, quem és tu e o que é que estás a fazer no meu quarto?

— Diz-me como é que ela era.

— Se eu te disser, vais-te embora?

— Vou. Por favor.

— Deixa-me pensar. — Will abriu a boca num bocejo e esfregou o rosto com as mãos. — Alguma coisa nela me pareceu estranho. Estava vestida como se trabalhasse numa esquina em Baltimore. Descorada, magríssima, loura. O que o meu pai diria: gasta por exposição prolongada. O diagnóstico de relance seria alcoolismo em grau avançado juntamente com drogas recreativas.

— Idade? — perguntou Seth.

— A caminho dos cinquenta, mas bem vividos. Se doar os órgãos, não se deve aproveitar grande coisa.

— Pois. — Seth sentou-se pesadamente na beirinha da cama.

— Tal como disse a Dru, houve qualquer coisa nela que me pareceu familiar. Não sei bem o quê. Talvez fosse só o tipo de mulher. O que foi? Ela assaltou Dru? — Depois, ficou de queixo caído quando as peças se encaixaram na sua cabeça. — Oh, caneco. Gloria DeLauter.

— Esperem aí, esperem aí — disse Dan, levantando ambas as mãos. — Estão a dizer que Gloria DeLauter esteve na loja de Dru? Ontem? Não pode ser. Ela já não aparece há anos.

— Era ela — disse Will. — Só agora é que percebi. Ela mudou, mas não tanto.

— Pois não. — Seth deixou cair as mãos. — Não tanto.

— O que é que ela veio cá fazer? — perguntou Will. — Tu já não és nenhum garoto. Já não pode tentar arrastar-te daqui para poder arrancar um resgate aos teus irmãos. Não pode querer um encontro emocionante entre mãe e filho. Então, para que é que ela cá veio?

— Will é um pouco lento — comentou Dan. — Especialmente quando se trata do lado obscuro das pessoas. Ela veio por causa de dinheiro, não foi, Seth? O nosso amigo aqui é um artista conhecido que está a subir a escadaria da fama e da fortuna. Ela voltou para receber a sua parte dos lucros.

— É mais ou menos isso — resmungou Seth.

— Continuo sem perceber. — Will puxou o cabelo para trás. — Tu não lhe deves nada. Ela não pode arrancar-te nada.

— Há anos que lhe dou dinheiro. É estúpido da minha parte, mas não arranjei outra maneira de impedir que ela incomodasse a minha família.

— Eles não sabem? — perguntou Will.

— Não, nunca contei a ninguém. Ela descobriu-me em Roma há uns meses. Foi nessa altura que achei que não valia a pena estar a cinco mil quilómetros de distância. Quis voltar para casa. Ela veio ter comigo há uma semana ou coisa parecida. Achei que conseguira mantê-la afastada por uns tempos. Mas se foi à loja de Dru, não foi para comprar margaridas.

— O que é que queres que o pessoal faça? — perguntou-lhe Dan.

— Não há nada que possam fazer. Entretanto, vou ficar à espera do próximo passo dela.

DISSE A si PRÓPRIO que ela se tinha ido embora. Que agarrara nos dez mil e desaparecera. Apalpara terreno junto de Dru, o que era preocupante, mas Seth achou que Gloria, depois de ter conhecido Dru, pusera de parte qualquer ideia de poder existir entre eles qualquer tipo de relação.

A realidade era que nem ele sabia muito bem como iam as coisas com Dru. Ela não era do tipo de mostrar o que lhe ia no coração. Mas o fascínio que sentia por ela não residiria precisamente em parte no fato de ela ser tão contida?

Uma das formas que ele tinha de conhecer as pessoas era pintando-as.

Sabia que ela não estava nada convencida a posar novamente principalmente como ele queria que ela posasse. Mas montou o estúdio no domingo de manhã como se ela tivesse concordado.

— Porque é que não me deixas simplesmente pagar o quadro?

— Não quero dinheiro. — Pôs os lençóis na cama. O tecido era macio e caía fluido. E a cor, madressilva-pálida, seria um contraste perfeito com o vermelho audaz das pétalas de rosa e o branco delicado da pele de Dru.

— Mas é para isso que se vendem os quadros, não? — Aconchegou bem o roupão junto ao pescoço e olhou desconfiada para a cama. Para ganhar dinheiro?

— Eu não pinto pelo dinheiro. O dinheiro é um derivado útil que deixo ao cuidado do meu agente. — Abriu o primeiro saco de pétalas e atirou-as para cima dos lençóis, formando o que parecia padrões ao acaso. — Relaxa e deixa o resto comigo.

— Como é que posso relaxar quando me vou deitar numa cama cheia de pétalas de rosa e tu vais estar a olhar para mim?

— Claro que podes. — Atirou mais pétalas e recuou.

— Uma hora? E fico com o quadro?

— Negócio fechado. Mas vamos tirar isto. — Desabotoou o roupão e tirou-lho meigamente. — Adoro olhar para ti. Quero mostrar-te como te vejo. Deita-te. Quero que te vires de lado, a olhar para mim. com o braço assim. — Levantou-o e pousou-o um pouco abaixo dos seios.

Ela tentou ignorar o melhor que pôde a sensação provocada pelos dedos dele a roçarem-lhe na pele.

— Sinto-me exposta.

— Revelada — corrigiu ele. — É diferente. Levanta este joelho. Mantém o braço dobrado. com a palma de mão aberta e virada para cima. Ótimo. — Enfiou a mão no saco, espalhou pétalas por cima dela, deixando algumas caírem na palma da mão aberta antes de colocar deliberadamente algumas no cabelo, na curva dos seios, no braço e ao longo da anca e da perna. Recuou. — Tenta não te mexeres muito.— Retirou-se para trás da tela.

— E faço o quê? Penso na figura ridícula que estou a fazer?

— Porque é que não vamos andar de barco hoje à noite? Jantamos em casa de Anna e partimos depois?

— Não consigo pensar em jantar e é óbvio que não quero pensar na tua irmã enquanto estou ... Nua.

— As pessoas vão simplesmente ver um quadro de uma mulher deslumbrante.

— A minha mãe — disse Dru, repentinamente horrorizada.

— Como é que ela está? O teu pai e ela ainda estão juntos?

— Tanto quanto sei. Mas não estão contentes comigo.

— É difícil contentar toda a gente ao mesmo tempo. — Desenhou a curva do ombro dela, o pescoço, a linha esguia do torso. Depois, começou a pintar.

O contraste do vermelho com a pele branca, o raio de luz, a delicadeza dos lençóis com as suas sombras mais escuras nas dobras suaves. Ali estava a sua rainha das fadas novamente, mas agora

encontrava-se acordada.

Parou de pensar na pose, na modéstia. Era emocionante vê-lo trabalhar. Uma alegria. Aperceber-se-ia ele da intensidade com que trabalhava?, pensou. Esqueceu-se do limite de tempo que tinham imposto. Fosse qual fosse a fantasia que ele criara na sua mente, ela transformara-se demasiado nessa fantasia para poder quebrar o encanto.

O modelo apaixonar-se-ia sempre pelo artista?, interrogou-se Dru. Seria apenas a ordem natural das coisas sentir aquela intimidade ultrajante com ele e aquele desejo entorpecedor.

Quando o olhar de Seth pousou nela como se estivesse a absorver o que ela era, Dru estremeceu.

— Estou a morrer de desejo. — Inclinou-se repentinamente, com os lábios a centímetros dos dela. — E tu sabes. Basta sorrires.

Formou-se um sorriso nos lábios dela, como que admitindo. Nos olhos vislumbrava-se um convite ao mesmo tempo luminoso e lânguido.

Seth viu tudo o que queria naquele preciso momento: a consciência, a confiança, o desejo e a promessa.

Recuou, quase sem se aperceber do movimento da sua própria mão. Que misturou as tintas, mergulhou o pincel nas tintas e as espalhou tão ao de leve na tela que o rosto dela floriu só para ele.

— Eu vou conseguir — disse ele, e pousou o pincel. — Quando o fizer, será a coisa mais importante da minha vida. Sabes porquê?

Ela mal conseguia respirar, tão agitado estava o seu coração. Apenas conseguiu abanar a cabeça.

— Porque é isto que tu és para mim. Aquilo que, por qualquer razão, eu desde o primeiro momento soube que tu virias a ser para mim, Drusilla. — Avançou para a cama. — Amo-te.

— Eu sei — respondeu ela com a respiração alterada. Levou a mão ao coração com medo de que ele lhe saltasse do peito de tanta

felicidade. — Eu sei. Estou aterrada. Oh, meu Deus, Seth, estou aterrada porque também te amo.

Levantou-se de um salto, espalhando as pétalas de rosa, e atirou-se para os braços dele.

O FURACÃO ANNA circulava pela casa fazendo que os seus homens se abrigassem. Atravessou a sala de rajada, apanhando meias, sapatos, copos vazios. Quando chegou à cozinha, os sobreviventes escasseavam. Até o cão foi esconder-se.

Seth pigarreou do que achou ser uma distância segura.

— Hum, Anna, é só um jantar. Ela voltou-se para ele.

— Só um jantar? — repetiu.

— Qualquer coisa serve ... ou melhor, é excelente — corrigiu.

— Dru não é nada esquisita.

Anna abriu energicamente os armários e voltou a fechá-los.

— E achas que não tem importância nenhuma dizeres-me uma hora antes do jantar que temos visitas?

— Não é bem uma visita. Achei que podíamos comer qualquer coisa e depois ...

— Oh, achaste que podiam comer qualquer coisa. — Avançou para ele. — Fica aqui! — ordenou-lhe quando Seth tentou escapulir-se.

— Está bem, está bem. Ouve, que mal é que tem? Vem cá sempre alguém jantar.

— Isto é diferente. — Como Anna acabara de tirar uma enorme faca de cozinha, Seth decidiu não argumentar.

— Está bem. Desculpa, eu ajudo.

— Claro que vais ajudar. Batatas roxas. Esfrega-as.

— Sim, minha senhora.

— Jake! Vai arrumar as coisas que deixaste no chão da salinha. Kevin! Vai aspirar.

— Porque é que queres que eles fiquem a odiar-me? — implorou Seth.

A única resposta foi um olhar gélido.

— Quando acabares de esfregar as batatas, quero que as cortes aos quadrados. Deste tamanho — disse ela, fazendo o gesto com o polegar e o indicador.

— Para já, não são só as minhas coisas que estão no chão da salinha — disse Jake, entrando em passo pesado e lançando um sorriso desdenhoso a Seth.

— Vai pôr a mesa. Põe o serviço bom. Vai primeiro lavar as mãos. Jake avançou para o lava-louça.

— Eu cá é que nunca vou trazer uma namorada cá a casa.

— Eu próprio vou pensar duas vezes — murmurou Seth.

— Como?

Ele fez uma careta.

— Nada. Só que eu já cá trouxe outras garotas. Dru até já cá almoçou e tu não ficaste histérica.

— Foi diferente. Ela apareceu sem eu esperar, e tu mal a conhecias. E podes já cá ter trazido namoradas, mas nunca convidaste para jantar a mulher por quem estás apaixonado. Os homens não percebem nada de nada, e não sei porque é que me foi calhar uma mão-cheia deles disse Anna, fungando.

— Não chores. Oh, meu Deus. Por favor, não faças isso. — Seth largou as batatas, desesperado, e foi a correr fazer festinhas no cabelo de Anna. Recuou repentinamente. — Eu nunca disse que estava apaixonado por Dru.

— O quê? Agora também sou cega e estúpida? Ele agarrou-lhe nas mãos.

— Eu ainda nem sequer lhe disse a ela como deve ser. Como é que , tu já sabes?

— Porque gosto muito de ti, seu idiota. — Abraçou-o. — Quero que sejas feliz. Quero que sejas muito feliz.

— E sou. — Encostou o rosto ao cabelo dela. — E estou um pouco assustado com isso.

— A coisa não é séria quando não se fica assustado. — Abraçou-o durante mais uns segundos, depois largou-o. — Agora, sai-me daqui. Vai buscar os sabonetes e as toalhas das visitas. Vai fechar as tampas das sanitas.

— AGRADEÇO-TE mais uma vez teres-me recebido assim tão de repente, sem avisar.

Anna escolheu uma jarra azul para os alegres girassóis que Dru lhe levara.

— É um prazer receber-te. Não deu trabalho nenhum.

Jake rebolou os olhos dramaticamente nas costas de Dru. — Posso ajudar nalguma coisa?

— Está tudo sob controle, obrigada. — Anna levantou com perícia a tampa de uma panela e espetou o frango com um garfo.

— Sabes cozinhar?

— Tornei-me adepta de cozer massa, comprar aqueles frascos de molhos, e sou perita na mistura.

— Oh, minha querida — disse Anna, rindo. — Uma novata. Adoro ensinar novatas. Um destes dias, ensino-te a fazer um bom molho de tomate e depois veremos o que se segue. Seth. — Anna sorriu-lhe quando ele entrou. — Abre o vinho, sim? E oferece um copo a Dru. Vai mostrar-lhe como estão as minhas plantas perenes enquanto eu acabo de preparar o jantar.

— Eu gostava muito de ajudar — protestou Dru.

— Para a próxima. Vai lá para fora com Seth beber o teu vinho. O jantar está pronto daqui a dez minutos. — Anna enxotou-os lá para fora— MAIS TARDE, Seth seguiu Dru até casa, onde se sentaram nos

degraus do alpendre gozando a noite quente de Verão, olhando para os pirilampos a dançarem na escuridão.

— Divertiste-te?

— Imenso.

— Ótimo. — Levou a mão dela aos lábios. — Porque Anna vai passar palavra, e vão todos esperar que vás também a casa de Grace e de Sybill.

— Oh, não tinha pensado nisso ... vou ter de retribuir. vou precisar de convidar toda a gente para ... — Ia ter de encomendar o jantar, claro, e decidir como melhor entreter os adolescentes. — Sinto-me um pouco perdida — confessou. — O tipo de jantares que estou habituada a dar não são bem iguais ao que vou ter de dar à tua família.

— Queres convidar toda a gente? — A ideia agradava-lhe. — Vamos arranjar um grelhador e cozinhar cá fora. Fazemos uns bifes e milho. Uma coisa simples.

«Vamos», pensou ela. Tinham passado de indivíduos a nós.

— Se isso te acalma um pouco, fica a saber que Anna estava histérica uma hora antes de tu chegares.

— Ai sim? — Saber aquilo consolava-a. — Faz-me mesmo sentir melhor. Ela parece sempre tão senhora da situação.

— E é. Mete-nos cá um medo a todos.

— Tu adora-la. Todos vocês a adoram. É verdadeiramente fascinante. Tudo isto é novidade para mim, Seth.

— Para mim também.

— Não. — Ela virou a cabeça para ele. — Ai isso é que não é. Tu já estás mais que habituado às reuniões familiares, quer sejam esporádicas ou tradicionais, repentinas ou planeadas. Não precisas de que ninguém te explique como são. Tens muita sorte em ter essas coisas.

— Eu sei. — Pensou na sua família de origem. Pensou em Gloria.—

Eu sei.

— Vê-se. Vocês gostam todos tanto uns dos outros. Eles aceitaram-me porque tu lhes pediste; tu gostas de mim, por isso eles também gostam. Não vai ser assim com a minha família. Vais ser cuidadosamente interrogado, analisado, e o teu passado investigado.

A idéia de investigarem o seu passado gelou-lhe o sangue nas veias.

— Se não gostarem do que encontrarem, as coisas acabam entre nós?

— Eu afastei-me daquela casa, deles, porque não conseguia viver daquela maneira. Sou eu que tomo as minhas decisões e comando o meu coração.

— Então, não precisamos de preocupar-nos. — Puxou-a para si. Amo-te e não me interessa o que os outros pensam.

ELE QUERIA MESMO que as coisas fossem assim simples. Aprendera que o amor era a força mais poderosa, mas o amor raramente era simples. Eram as suas facetas, as suas complexidades, que o tornavam numa força tão poderosa. Por isso, amando Dru, ele tinha de enfrentar o fato de ter de lhe contar tudo. Ela tinha o direito de saber as origens dele. Um dia.

Achou que merecia tempo para estar com ela e para gozar a frescura dos sentimentos que nutriam um pelo outro. Inventou desculpas. Queria que ela conhecesse e ficasse mais à vontade com a sua família. Precisava de acabar o quadro.

Os dias e as semanas foram passando, e Gloria não o contatou. Talvez daquela vez tivesse desaparecido para sempre.

Negociava consigo próprio. Só pensaria no assunto depois do dia 4 de Julho. Todos os anos, os Quinns faziam um piquenique para toda a gente, como costumavam fazer quando Ray e Stella eram vivos.

Mas antes da cerveja e dos caranguejos, iriam beber champanhe e comer caviar. com óbvia relutância e depois de muita insistência de ambos os pais, Dru concordara em ir a uma das galas em Washington acompanhada por Seth.

— Bolas, olhem-me só para ele. — Cam estava à porta do quarto e assobiou quando viu Seth de smoking. — Todo aperaltado com o seu fato-macaco.

— Estás mas é com inveja de o smoking não te assentar assim ripostou Seth. — Estou com a sensação de que vou ser o artista em exibição esta noite. Estive quase a comprar uma boina em vez de um smoking, mas contive-me. — Começou às voltas com a gravata. Esta fatiota foi obra de Phil. Clássico, segundo ele, mas ainda muito usado. vou estar rodeado de sangue azul hoje à noite, não quero fazer figuras tristes.

Os olhares de ambos cruzaram-se.

— Dinheiro não significa classe. És tão bom como qualquer um deles e melhor que muitos deles. Os Quinns não ficam atrás de ninguém.

— Eu quero casar-me com ela, Cam.

— Pois, já percebi.

— Quando se casa com alguém, casa-se com a família, com a bagagem, com tudo.

— É verdade.

— Se eu me sair bem hoje à noite, se ela conseguir agüentar toda a insanidade aqui no 4 de Julho, vou ter de lhe contar o passado. Falar-lhe de Gloria, tudo.

— Se estás a pensar que ela se põe a andar, é porque não é mulher para ti. Conhecendo as mulheres como conheço, digo-te que esta não é do tipo de fazer isso.

— Não estou a pensar que ela vai pôr-se a andar. Não sei o que

ela vai fazer. Nem o que eu vou fazer. Mas vou ter de lhe contar e dar-lhe a oportunidade de decidir. Eu já adiei demasiado.

— São coisas do passado, mas do teu passado, por isso vais ter de lhe contar. Depois, deves esquecer novamente. — Cam recuou. — Que janota. -Apertou os bíceps de Seth, sabendo que iria aliviar-lhe a tensão do rosto. — Oh, tens andado a fazer pesos.

— Vai-te lixar.

Seth saiu de casa a rir, e ao abrir a porta do carro ainda sorria. Mas o pânico atingiu-o no peito como um soco quando viu o bilhete no banco da frente.

Amanhã à noite, 10 horas. Miller's Bar, St. Michael. Para conversarmos.

Sim, iam conversar. Sem dúvida que iam conversar.

LEMBROU-SE DE LHE DIZER que ela estava linda. E estava, com o seu vestido vermelho semáforo que deslizava pelo corpo deixando as costas nuas, à exceção de umas tiras finíssimas e brilhantes que cruzavam atrás.

Lembrou-se de sorrir, de fazer conversa no caminho até Washington. Deu ordem a si próprio para relaxar. Ia lidar com Gloria como sempre lidara. Disse a si próprio que ela só lhe podia arrancar dinheiro e mais nada.

E sabia que era mentira. Não era só dinheiro que Gloria queria. Queria apertar-lhe o coração até arrancar de lá toda a felicidade. Odiava-o por ele ser completo.

— Agradeço-te teres querido vir comigo hoje à noite. Ele fitou-a e fez-lhe uma festa na mão.

— Não é todos os dias que estou com as pessoas importantes deste país numa festa toda elegante.

— Eu preferia estar em casa sentada no balouço do alpendre.

— Não tens balouço no alpendre.

— Mas tenciono comprar um.

Passava-se qualquer coisa. Dru conhecia bem o rosto dele.

— Duas horas — disse ela. — Ficamos duas horas. Os meus pais atacaram-me em duas frentes desta vez. O que me faz pensar se alguma vez conseguiremos ultrapassar o ponto em que os pais nos chantageiam emocionalmente.

As palavras dela fizeram-no pensar em Gloria, e sentiu o medo no estômago.

— É só uma festa, meu amor.

— Oh, se fosse só isso. Uma festa é onde vamos para nos divertirmos. A minha mãe quer exibir-te, e eu vou deixá-la fazer isso.

— bom, tens de admitir que estou bonito esta noite.

— Não posso negar. E estás a tentar animar-me, por isso, obrigada. Prometo fazer o mesmo no regresso, quando estiveres tonto e não conseguires dizer coisa com coisa depois de tanto interrogatório.

— Importas-te com o que eles vão pensar de mim?

— Claro. Quero que todas aquelas pessoas que se mostraram tão amáveis quando rompi com Jonah olhem para ti. Quero que pensem, bom, Dru acabou por safar-se, não?

Seth sentiu o pescoço começar a ficar tenso, demasiado tenso para conseguir relaxar.

Os GRUPOS DE PESSOAS misturavam-se ao som abafado da música de uma orquestra de doze instrumentos. A decoração era patriótica, toda em vermelho, branco e azul, tanto nas flores como nas toalhas de mesa, nos balões e nas bandeiras. Havia uma enorme escultura da bandeira americana em gelo.

As convidadas também tinham bastante branco em forma de diamantes e pérolas. O vestuário era conservador, tradicional e muito, muito caro.

Pintaria aquele cenário em acrílicos, pensou ele. Tudo em cores e

formas fortes sob uma luz cintilante de cristal.

— Drusilla. — Katherine apareceu de rompante, resplandecente de azul-escuro. — Estás encantadora. Mas achei que tínhamos combinado que vinhas com o Valentino branco. — Beijou Dru e com um «tch-tch» indulgente passou os dedos pelo cabelo dela. — Quando é que o deixas crescer novamente? Tens um cabelo tão bonito e andas para aí com ele cortado à rapaz. — Seth. — Estendeu-lhe a mão. — É um prazer enorme conhecê-lo. E eu que estava à espera de que você e Dru viessem cá passar o fim-de-semana conosco para evitar o cansaço da viagem.

Era a primeira vez que ele ouvia falar naquilo, mas portou-se à altura.

— Agradeço o convite, mas não podia ausentar-me nesta altura. Espero que me perdoe e me reserve uma dança para eu poder dizer que dancei com as duas mulheres mais bonitas da festa.

— Mas que charmoso. — Ela corou, o que a tornava mais atraente.

— Pode ter a certeza que sim. Agora, venha comigo que eu quero apresentá-lo a umas pessoas.

Antes de ter tempo para se voltar, apareceu o pai de Drusilla. Era um homem muito elegante de cabelo preto, já com algum branco, e olhos castanhos profundos.

— Aqui está a minha princesa. — Deu um abraço forte e possessivo a Dru. — Chegaste tão atrasada que eu já estava a começar a ficar preocupado.

— Nós não chegámos atrasados.

— Por amor de Deus, deixa a garota respirar — ordenou Katherine. — Proctor, apresento-te Seth Quinn, o acompanhante de Drusilla.

— Muito prazer em conhecê-lo. Finalmente. — Proctor apertou a mão de Seth com firmeza. Os seus olhos escuros fixaram-se em Seth,

estudando-o.

— Muito prazer.

— Foi uma pena não ter podido vir passar o fim-de-semana.

— Pai, a culpa não foi de Seth. Eu disse-lhe que não podia vir.

— A loja de Dru é fantástica, não é? — interrompeu Seth num tom alegre enquanto tirava champanhe de um tabuleiro transportado por um empregado, passando uma taça a Katehrine, a Dru e a Proctor antes de tirar uma para si. — Tenho a certeza de que os aspectos do negócio são complicados e constituem um desafio, mas estou a falar a nível estético. A utilização do espaço e da luz, a mistura envolvente de cor e textura. Um olhar de artista a admirar outro — disse ele descontraidamente. — Devem estar muito orgulhosos dela.

— Claro que estamos. — O sorriso de Proctor foi cortante, letal. Drusilla é o nosso tesouro mais precioso.

— Está ali o meu avô, Seth. — Dru estendeu a mão e agarrou na de Seth. — Tenho de apresentar-te.

— Claro. — Fez um sorriso aos pais dela. — Desculpem, nós já voltamos.

— És muito bom nisto — disse-lhe Dru.

— Podias-me ter informado do convite para o fim-de-semana.

— Pois podia, desculpa. Achei que nos poupava aos dois, e em vez disso pus-te na berlinda. Olá, avô. — Beijou o homem bem constituído e elegante.

Tinha um aspecto duro e cauteloso, pensou Seth. Como um lutador de boxe que dominava no ringue tanto com a inteligência como com os músculos. Os olhos eram do mesmo verde-cintilante dos da neta.

— Aqui está a minha menina. Onde está o pintor de quem a tua mãe não pára de falar? É este? — Apertou a mão a Seth, mantendo a outra no ombro de Dru. — bom, não tem nada ar de idiota.

— Tento não ser.

— Avô.

— Calada. Tem cabeça suficiente para andar com esta beleza?

Seth sorriu.

— Tenho.

— Senador Whitcomb, Seth Quinn. Por favor, avô, não me embarace.

— É um privilégio dos velhos poderem embaraçar as netas. Eu até gosto do seu trabalho — disse ele a Seth.

— Obrigado, senador. Eu também não desgosto do seu. Whitcomb cerrou os lábios por instantes e depois sorriu.

— Parece que tem fibra. Dizem as minhas fontes que até ganha bem com os quadros.

— Calma — disse Seth a Dru quando ela abriu a boca. — Tenho a sorte de poder ganhar a vida a fazer aquilo de que gosto. Como, segundo consta, tem sido um grande patrono das artes, é óbvio que compreende e aprecia que se fale da arte pela arte.

— Também constrói barcos, não é?

— Construo quando posso. Os meus irmãos são os melhores desenhadores e construtores de barcos à vela de madeira do Leste.

— O seu avô era professor. Não era?

— Sim, era — respondeu Seth calmamente.

— Uma das mais nobres profissões. Conheci-o uma vez num comício político na universidade. Era um homem interessante e excepcional. Adoptou três filhos, não foi?

-Foi.

— Mas você é filho da filha.

— De certo modo. Não tive a sorte de ter o meu avô sempre ao pé de mim, como Dru teve a sorte de o ter a si. Mas a influência dele foi igualmente profunda. Espero que tivesse metade do orgulho em mim

que eu tenho nele.

Dru pôs a mão no braço de Seth e sentiu-o tenso.

— Se já acabou o interrogatório, eu gostava de dançar. Seth?

— Claro. com licença, senador.

— Desculpa. — Dru avançou para os braços de Seth. — Peço muita desculpa.

— Não peças. Eu gostei dele. — Isso era parte do problema, pensou Seth. Vira um homem astuto e inteligente que amava a neta e esperava o melhor para ela. E o melhor não seria certamente um vagabundo que nem sabia quem era o pai e cuja mãe tinha queda para a chantagem.

Ela recuou quando a música acabou e viu Jonah por cima do ombro dele.

— Vejam só — disse ela baixinho. — Olá, Jonah. E Angela, não é?

— Dru. — Jonah baixou-se como se fosse dar-lhe um beijo, mas parou imediatamente quando viu o brilho nos olhos dela, e a transição para um aperto de mão educado foi imperceptível. — Estás linda, como sempre. Jonah Stuben — disse, estendendo a mão a Seth.

— Quinn, Seth Quinn.

— Sim, o artista. Eu já ouvi falar em si. A minha noiva, Angela Downey.

— Parabéns.

— E como vai o teu negocio, Dru? — perguntou-lhe Jonah. E a vidinha calma?

— Ambos são extremamente recompensadores. Estou a gostar de viver e trabalhar entre pessoas que não põem um ar pretensioso logo de manhã.

— Ai sim? — O sorriso de Jonah tornou-se tenso. — Fiquei com a impressão, pelo que os teus pais me disseram, de que ias regressar em breve.

— Estás enganado. E eles também. Seth, apetece-me ir apanhar ar fresco.

— Ótimo. Oh, Jonah, queria agradecer-lhe ser completamente cretino. — Seth sorriu alegremente a Angela. — Espero que sejam muito felizes os dois.

ESTAVA ESTAFADO quando regressaram a casa de Dru. Da viagem, da tensão e dos pensamentos às voltas que nem abutres.

— Fiquei em dívida contigo.

Ele virou-se e olhou para ela com ar ausente.

— O quê?

— Estou em dívida por teres tolerado tudo. Não foi pêra doce.

— bom, tu já me tinhas avisado — disse ele, abrindo a porta do carro.

— Eu não sou quem eles pensam que sou. Eu não quero o que eles continuam a acreditar que quero. Nunca vou agradar-lhes da forma que eles esperam que agrade. Isto é a minha vida agora. Ficas?

— Para passar a noite? — Seth avançou com ela para a porta da entrada.

— Para começar.

Entrou com ela. Não sabia o que fazer com o desespero, com o medo repentino e premente de perder tudo aquilo a que tentara agarrar-se com tanta força.

Puxou-a a si, como se quisesse provar que podia agarrar-se a ela.

— ARRANJASTE UMA MULHER bem inteligente — comentou Stella. Atravessaram a neblina densa junto à margem do rio de Dru.

— Tem uma cabeça forte e complicada. Tudo nela tende para o forte e complicado.

— O forte é sexy — ripostou Stella. — Não achas que ela procura o mesmo em ti? Força de espírito, de carácter e de coração?

— Apaixonei-me por ela tão depressa. Num minuto estava de pé,

e no seguinte, completamente curvado aos pés dela.

— E o que vais fazer?

— Não sei. — Agarrou numa pedra e atirou-a ao rio preto-retinto.— Se ficamos com alguém para sempre, ficamos com a sua bagagem também. A minha bagagem é muito pesada, avó. E tenho o pressentimento de que vai ficar bastante mais pesada.

— Tu algemaste-te a essa bagagem, Seth. Tens a chave, sempre tiveste. Não achas que chegou a altura de a usar e atirar o fardo borda fora?

— Ela nunca vai desaparecer para sempre.

— Talvez não. O que fazes com o fardo é que determina o seu tamanho. És demasiado teimoso para o partilhar. Tal e qual como o teu avô.

— A sério? — Só o pensar assim aqueceu-lhe o coração. — Acha que sou parecido com ele nalgumas coisas?

— Tens os olhos dele. — Estendeu a mão e tocou-lhe no cabelo. E o seu lado teimoso. Achava sempre que conseguia resolver tudo sozinho. E tu cometeste exatamente os mesmos erros que ele com Gloria. Estás a deixar que ela use como arma o amor que sentes pela tua família e por Dru.

Ele cerrou os dentes.

— Eu não vou arrastar Dru para o meio disto.

— Bolas. A garota não quer um mártir. — Pôs as mãos nas ancas e ralhou-lhe. — És teimoso a ponto de te tornares estúpido, tal como o teu avô — murmurou ela.

E desapareceu.

O BAR ERA UMA espelunca, o tipo de lugar onde beber era uma ocupação séria e sobretudo solitária. A cortina azul de fumo transformava tudo numa cena de um filme mau a preto e branco. Cheirava a cigarros do ano passado e a cerveja da semana anterior.

A zona de socialização consistia numa faixa lateral onde tinham enfiado uma mesa de bilhar. Um grupo de homens jogava uma partida de oito bolas, enquanto os outros bebiam cerveja à volta deles.

Seth sentou-se ao fundo do bar e pediu uma cerveja.

Refletiu que era expectável ela arrastá-lo para um lugar daqueles. Gloria crescera num ambiente de classe alta, mas todos os benefícios e vantagens dessa educação tinham sido desperdiçados num espírito que procurava e encontrava sempre pessoas do nível mais baixo.

Quando entrou, alguns dos jogadores de bilhar olharam e examinaram-na. Estava de calças de ganga que lhe apertavam as ancas ossudas. O top rosa-vivo justo expunha vários centímetros de barriga. Tinha um piercing no umbigo. As unhas das mãos e dos pés estavam pintadas com um verniz brilhante que parecia preto sob aquela luz feia.

Sentou-se num banco. Bastou ele olhar-lhe para os olhos para perceber que, no mínimo, grande parte do dinheiro que lhe dera tinha sido enfiada pelo nariz.

— Um gin tónico — disse ela ao barman. — Cuidadinho com a água tónica. — Tirou um cigarro, acendeu um isqueiro prateado, depois expeliu lentamente o fumo em direção ao teto.

— Tens cinco minutos.

— Para quê tanta pressa? — Tamborilou rapidamente com as unhas brilhantes no balcão. — Bebe a cerveja e relaxa.

— Eu não bebo com pessoas de quem não gosto. O que é que tu queres?

— Quero este gin tónico. — Agarrou no copo quando o barman lho pôs à frente. Deu um grande gole. Lançou outro olhar aos jogadores de bilhar, lambeu os lábios de um modo que deu a volta ao estômago de Seth. — Ultimamente, tenho pensado que preciso de uma casinha junto à praia. Daytona, talvez. — Deu outro gole. — Tu, por exemplo, não queres uma casa tua, pois não? Continuas a viver naquela casa cheia de

garotos e de cães. Já entraste na rotina.

— Deixa a minha família em paz.

— Se não deixar, o que é que acontece? — Lançou-lhe um sorriso tão brilhante e negro como as unhas. — Vais fazer queixinhas minhas aos teus irmãos mais velhos? A única coisa esperta que eles fizeram foi ter-te aceitado para ficarem com o dinheiro do velho. — Engoliu de um trago o resto da bebida e fez sinal a pedir outra. — Aquele dinheiro devia ter sido meu. — Acendeu outro cigarro. — Tu és esperto. Agarraste uma gaja recheada de massa, não foi? Drusilla Whitcomb Banks. Uau. Coisa fina. Uns ricalhaços.

Seth pôs-lhe a mão no pulso e agarrou-o com tanta força que a fez estremecer.

— Vê se percebes bem o que vou dizer-te: se te aproximas da minha família ou de Dru, ficas a saber do que eu sou capaz.

Ela encostou o rosto ao dele.

— Estás a ameaçar-me? Filho? Queres que me afaste dos teus entes mais próximos e queridos?

— Isso mesmo.

— Então, eu vou dizer-te o que quero. — Libertou a mão. — Já jogámos a feijões o tempo suficiente, eu e tu. Agora, quero a minha parte da fortuna. Um negócio da China, uma boa quantia e eu desapareço. É isso que tu queres, não é?

— Quanto?

Satisfeita, deu outro grande gole. Ele sempre fora fácil de convencer.

— Um milhão.

Ele nem sequer pestanejou.

— Queres um milhão de dólares.

— Eu andei a fazer as minhas pesquisas, meu queridinho. Tu recebes umas boas massas quando aqueles sacanas te compram os

quadros. E é preciso não esquecer a namorada ricaça, ela nada em milhões, há muito dinheiro na família dela. E são o tipo de pessoas que não gostam de escândalos. As coisas não iam correr bem para ti se aparecesse nos jornais que a netinha do senador andava com um bastardo. Posso apresentar as coisas de muita maneira — acrescentou ela. — E tu e os Quinns não saem ilesos. — Gloria atirou a cabeça para trás e desatou à gargalhada. Era um som tão cheio de malícia e escárnio que os jogadores de bilhar pararam de jogar para olhar. — A imprensa lambia-se, mas estou a dar-te a oportunidade de seres tu a comprar a história primeiro. Podes considerar isto um investimento.

Seth estava pálido, permanecera assim durante a bazófia toda dela. Ela engolipou mais gin.

— Dou-te uma semana para arranjares o dinheiro ... em notas. Mas quero uma entrada. Dez mil. Trá-los aqui amanhã à noite. Às dez. Se não vieres, agarro no telefone.

Ele limitou-se a virar-lhe as costas e avançar para a porta.

SERVIU-SE DE OUTRO Jameson e examinou o seu brilho âmbar-escuro sob a única luz que acendera no estúdio.

Já há muito tempo que ele não se questionava sobre o que Gloria DeLauter era. Parte dela encontrava-se dentro dele, e Seth aceitava-a como a qualquer outra marca de nascença. Não acreditava em sangue manchado. Todos os seus irmãos tinham vindo de um passado horroroso e eram, sem dúvida, os melhores homens que ele conhecia.

Ficou sentado a beber, iluminado por aquele único candeeiro numa sala cheia de quadros pintados por ele e das ferramentas da profissão que amava. Já tomara uma decisão e iria até ao fim. Mas naquela noite ia toldar o futuro com whisky escocês.

Quando o telemóvel tocou, ignorou-o.

DRU DESLIGOU e pôs-se a andar de um lado para o outro na sala de estar. Tentara ligar para Seth meia dúzia de vezes, já quase fizera

um sulco no chão nas últimas duas horas desde que Aubrey lhe telefonara a saber dele.

Não estava com Aubrey, como dissera a Dru que estaria naquela noite. Nem estava com Dru ... como dissera a Aubrey e à família que estaria. Então, onde diabo estaria?

Ele estava distante. Notara uma distância desde a noite anterior, concluiu ela. Ela deixara passar. Não era seu costume fazer perguntas. Se estava a passar-se alguma coisa, ela precisava de ajudar. Não era esse um dos deveres do amor? Passava da meia-noite. E se ele estivesse ferido?

Havia um lugar onde ela imaginou que ele pudesse estar.

Ela já estava bastante ansiosa quando virou para o parque de estacionamento nas traseiras da loja e viu o carro dele lá estacionado. E se ele não conseguisse chegar ao telefone? E se não conseguisse atender por estar inconsciente ou doente?

Dru estacionou o carro, saltou imediatamente lá de dentro e subiu as escadas a correr.

A imagem dele estendido no chão tinha sido tão forte que, quando entrou e o viu sentado na cama a servir um copo de whisky, a sua mente não registou.

— Tu estás bem. — Primeiro foi o alívio que lhe pôs os joelhos a tremerem. — Oh, Seth! Eu estava tão preocupada.

— Porquê? — Olhou para ela com os olhos turvos. Então, ela percebeu o que se passava.

— Estás bêbado.

— Estou a fazer tudo por isso. O que é que vieste cá fazer?

— Aubrey telefonou à tua procura há horas. As tuas duas histórias não condiziam, e como não atendias o telefone, fui suficientemente tonta para me preocupar contigo.

— Se vieste para cá a correr à espera de me veres na cama com

outra mulher, lamento muito ter-te desapontado.

— Nunca me ocorreu que estivesses a enganar-me. — Quase tão estupefata quanto zangada, avançou para a cama para ver o whisky que havia na garrafa. — Mas também nunca me ocorreu que precisasses de me mentir. Nem que estarias para aqui sozinho a tentar embebedar-te.

— Já te disse que há muita coisa que ainda não sabes a meu respeito, meu amor. Isto faz mais o meu estilo que algumas tacinhas de champanhe numa qualquer gala política enfadonha. Se não consegues aceitar, o problema não é meu.

Aquilo doeu.

— Eu era obrigada a ir, tu não. A escolha foi tua. Se queres afogar-te numa garrafa de whisky, a escolha também é tua. Mas não aceito que me mintam, nem que façam de mim tola.

Mais umas tacadas no orgulho e ela ia-se embora, pensou ele.

— Não consegues deixar as coisas correrem, pois não? — Abanou a cabeça e serviu-se de mais whisky. — Tens sempre de ver mais adiante. Estás a planejar um futuro, minha querida, mas eu não sou assim. És muito divertida quando estás descontraída, mas o melhor mesmo é acabarmos.

— Tu estás ... a mandar-me passear?

— Oh, não é preciso pores as coisas nesses termos, meu amor. Só precisamos de ir devagar com o andor.

O desgosto dominou-a, paralisando-a.

— Tudo isto, tudo isto foi só pelo sexo e pela arte? Não acredito nisso. Não acredito.

— Não vamos dramatizar as coisas. -Agarrou outra vez na garrafa. Tudo para não ter que olhar para ela, para os seus olhos marejados de lágrimas.

— Eu amo-te — disse ela calmamente. — Mas esse problema é meu. vou deixar-te com os teus.

— Dru ... não vás — disse ele quando ela se virou para a porta. Por favor, não vás. Acho que não aguentava. — Tudo dentro dele, o sofrimento, a culpa, o ódio e o amor, fê-lo sentir um nó na garganta que o sufocava. — Achei que era melhor enxotar-te antes de seres arrastada para isto. Não consigo. Não consigo deixar-te ir embora.

Dru olhou para ele, para a tristeza nua e crua estampada no seu rosto, e o seu coração, já estalado, quebrou-se.

— Seth, por favor, conta-me o que se passa. Diz-me o que está a fazer-te sofrer.

— Não devia ter-te dito aquelas coisas. Foi uma estupidez.

— Conta-me porque as disseste. Diz-me porque estás sentado aqui sozinho a embebedar-te.

— Não sei por onde começar. Pelo princípio, acho eu. — Apertou as pálpebras com força. — vou precisar de café. Tudo o que te disse desde que entraste por aquela porta era mentira. Ela respirou fundo.

— Pronto, está bem. Eu faço-te um café, depois podes contar-me a verdade.

— COMEÇOU TUDO há muitos anos — disse ele. — Antes de o meu avô aparecer. Antes de Ray Quinn se casar com Stella. — Bebeu o café. — Ray conheceu uma mulher e tiveram um romance. Eram ambos jovens e solteiros, porque não? bom, mas ele não era o tipo de homem que ela procurava, entendes? Ele era professor, ela era de uma família como a tua. O que eu quero dizer é que ...

— Eu sei. Tinha certas aspirações sociais.

— Sim. — Soltou um suspiro. — Ela rompeu com ele e foi-se embora. Estava grávida e não ficou muito satisfeita quando soube. Conheceu outro tipo com quem se entendeu, por isso decidiu deixar a gravidez seguir adiante e casou-se com ele.

— Nunca disse nada ao teu avô da criança.

— Não, nunca lhe disse. Passados uns anos, ela teve outra filha.

Teve a Sybill.

— Sybill, mas ... oh. — Dru deixou a coisa assentar e as peças encaixarem no lugar. — Estou a ver. A filha de Ray Quinn, ou seja, a tua mãe é meia-irmã de Sybill.

— Isso mesmo. Ela ... Gloria, chama-se Gloria, não é como Sybill. Gloria odiava-a. Acho mesmo que ela já nasceu a odiar toda a gente.

Ele estava pálido e parecia exausto e doente. Dru teve de controlar-se para não o abraçar e reconfortar.

— Acabou por fugir com um tipo qualquer e engravidou. O filho fui eu. Acontece que ele se casou com ela, mas isso não é importante, eu nunca cheguei a conhecê-lo. Quando Gloria ficava sem dinheiro, voltava para casa da mãe e levava-me. Não me lembro de nada disso. Não era propriamente bem recebida. Gloria gostava da bebida e de vários estimulantes químicos. Acho que passou alguns anos nesse vaivém. Sei que, quando Sybill arranjou uma casa em Nova Iorque, ela me largou lá, mas quase não me lembro disso. Não me lembrava nada de Sybill quando voltei a encontrá-la. Eu era muito pequeno. Sybill deu-me um cão de peluche a que eu chamava Teu, porque quando lhe perguntava de quem era o cão, ela respondia ...

— Teu — disse Dru.

— Não me lembro de grande coisa, só de me sentir seguro quando estava com ela. Sybill recebeu-nos, alimentou-nos, vestiu-nos, tomou conta de mim quando Gloria deixou de aparecer durante uns dias. E Gloria pagou-lhe roubando tudo que conseguiu quando Sybill não estava e fugindo comigo.

— Tu não tinhas alternativa. As crianças nunca têm.

— Não sei porque é que ela não me deixou lá e se foi embora sozinha. A única explicação é eu e Sybill termos estabelecido uma relação, porque...

— Porque começaram a gostar um do outro. — Dru agarrou-lhe na

mão. — E ela ficou com inveja de ambos, por isso não aceitou.

Ele fechou os olhos um segundo.

— É bom tu compreenderes.

— Achaste que não ia compreender.

— Não sei o que achei.

— Conta-me o resto. Seth pousou o café.

— Vivemos em muitos lugares. Ela teve muitos homens. Embebedava-se ou drogava-se, por isso eu ficava quase sempre sozinho. Quando ficava sem dinheiro e não podia drogar-se, desforrava-se em mim.

— Batia-te.

— Por mais perceptiva que sejas, não conheces aquele tipo de mundo. Batia-me quando lhe apetecia, deixava-me passar fome se não lhe apetecia dar-me comida. E se pagava a droga com sexo ... Não havia muita coisa que eu não tivesse visto com seis anos.

Apetecia-lhe chorar, mas Seth precisava que ela fosse forte.

— Porque é que a Segurança Social não fez nada para te ajudar? Ele limitou-se a fitá-la uns segundos, como se tivesse falado numa língua que ela desconhecia.

— Nunca me ocorreu contar a ninguém. — Encolheu os ombros.— Era a vida, e pronto. E, além disso, eu tinha tanto medo dela ... Depois ... acho que tinha sete anos da primeira vez. Um dos homens que ela trouxe com ela ... — Abanou a cabeça, levantou-se. Mesmo passados tantos anos, as recordações faziam-no transpirar.

O coração de Dru parou e recomeçou a bater com força na garganta.

— Não. Não.

— Eu safava-me sempre. Eu era rápido e era mau. Arranjava lugares para me esconder, mas sabia o que aquilo era. Passou muito tempo até eu deixar que alguém me tocasse.

Dru abraçou-o.

— Meu pobrezinho — disse ela, cantando e embalando-o. — Pobre rapazinho.

Seth, desfeito, encostou o rosto ao ombro dela.

— Eu não queria que soubesses.

— Achavas que te amaria menos por isso?

— Só não queria que tu soubesses.

— Mas já sei e estou maravilhada com a pessoa que tu és. Achas que isto não está ao alcance da minha compreensão por causa do meu passado, mas enganas-te. -Abraçou-o com força. — Enganas-te. Ela não conseguiu dar cabo de ti, Seth.

— Podia ter dado, se não fossem os Quinns. Deixa-me acabar. Sentaram-se na beira da cama. — Durante uma das cenas com a mãe, Gloria ficou a saber da existência de Ray. Era mais uma pessoa para odiar e culpar. Ele lecionava aqui na universidade quando ela o encontrou. Já foi depois de Stella morrer, já os meus irmãos eram adultos. Cam estava na Europa, Phil em Baltimore e Ethan tinha uma casa em St. Chris. Ela chantageou Ray.

— com base em quê? Ele nem sabia que ela existia.

— Isso não importava. Exigiu dinheiro, ele pagou. Ela queria mais, foi ao reitor dizer uma mentira qualquer sobre abuso sexual. Tentou fazer-me passar por filho de Ray. A coisa não pegou, mas foi ganhando raízes aqui e ali. Então, Ray fez um acordo com ela: queria ficar comigo, e ela vendeu-me.

— bom, isso foi um erro da parte dela — disse Dru em voz baixa.— E a única coisa decente que fez por ti.

— Pois. — Soltou um longo suspiro. — Já percebeste. Eu não sabia quem ele era. Só sabia que aquele velho enorme me tratava decentemente e que queria ficar naquela casa junto ao mar. Quando me fazia promessas, ele cumpria-as e nunca me bateu. E, acima de tudo,

estava longe dela pela primeira vez. Não ia voltar. Ele disse que eu não precisava de voltar, e eu acreditei nele. Mas voltou ela.

— Apercebeu-se do erro.

— Apercebeu-se de que me vendera muito barato. Queria mais dinheiro ou levava-me. Ele deu-lhe mais e continuou a dar-lhe. Um dia teve um acidente no regresso a casa depois de lhe ter ido pagar. Foi grave. Chamaram Cam, que veio da Europa. Ainda me lembro da primeira vez que os vi juntos, à volta de Ray naquela cama de hospital. Ray fê-los prometer que cuidariam de mim e que ficariam comigo. Não lhes falou em Gloria nem no laço que nos unia. Estava a morrer e sabia-o, e só queria ter a certeza de que eu ficava bem.

— Ele conhecia os filhos que tinha — disse Dru em voz alta.

— Quando morreu, achei que iam mandar-me embora. Nunca pensei que me deixassem ficar, mas cumpriram a promessa feita a Ray. Alteraram as vidas por ele e por mim. Construíram um lar ... bem grande a princípio, comandado por Cam.

Pela primeira vez desde que começara, parte da tristeza desvaneceu-se.

— Eu pressionei-os, atirei-lhes ... principalmente a Cam, com toda a dor que consegui tirar cá de dentro. Estava sempre à espera de que me mandassem embora, mas não o fizeram. Defenderam-me, e quando Gloria tentou arrancar-lhes massa como fizera com Ray, eles lutaram por mim. Mesmo antes de descobrirmos que eu era neto de Ray, eles aceitaram-me como um deles.

— Eles amam-te, Seth. Toda a gente percebe que o fizeram por ti tanto como pelo pai deles.

— Eu sei. Não havia nada que eu não fizesse por eles. Incluindo pagar a Gloria como tenho pago desde os catorze anos.

— Ela não se manteve afastada.

— Não. E voltou agora. Foi com ela que eu estive hoje à noite. Ela

foi à tua loja.

— Aquela mulher. — Dru ficou tensa e esfregou os braços, que tinham esfriado repentinamente. — Harrow, disse ela. Glo Harrow.

— É DeLauter. Harrow é nome de solteira. Ela conhece a tua família. O dinheiro, as relações, as implicações políticas. Fará os possíveis por prejudicar-te se eu não lhe der o que ela quer.

— É apenas outra forma de chantagear. Está a usar o teu amor como arma, e tu estás a entregar-lho. Tens de contar à tua família. Já.

— Dru, ainda nem sequer decidi se devo contar-lhes ou não. Quanto mais contar-lhes às duas da manhã.

— Sabes muito bem que deves e que é a única coisa a fazer. Achas que vão importar-se com as horas? — Atravessou a sala até à mesa de trabalho onde ele largara o telefone. — Acho que primeiro deves falar a Anna, e ela depois contata os outros. — Estendeu-lhe o telefone. Queres telefonar a dizer-lhe que vamos a caminho ou queres que seja eu a fazê-lo?

— Estás muito mandona, de repente.

— Porque neste momento precisas que alguém te diga o que fazer. Achas que vou ficar de braços cruzados e deixar que ela te faça isto? Achas que algum de nós vai?

— Mas é que eu não quero que ela se vingue em ti e na minha família. Preciso de proteger-te.

— Proteger-me a mim? Tens muita sorte de eu não te atirar com este telefone à cara. A tua solução era mandar-me embora. Achas que eu quero um cavaleiro branco que se auto-sacrifique?

Ele quase sorriu e perguntou:

— Seria como que um mártir?

— Bastante parecido. Estendeu-lhe a mão.

— Dá-me cá o telefone. Não me atires com ele à cara.

A COZINHA SEMPRE fora o local das reuniões de família. Foi lá que

se juntaram, com café no fogão e as luzes todas acesas para afastar a escuridão.

Tinham todos acorrido sem hesitar, arrastando-se, a eles e aos filhos ensonados, para fora das camas. Obviamente, estavam alarmados, mas ninguém atordoou Seth com perguntas. Dru sentia a tensão vibrar no ar lento da noite.

Os mais novos foram levados para o piso de cima e deitados nas camas vazias, com Emily a comandar.

— Peço desculpa pelo incómodo — disse Seth.

— Se nos tiraste a todos da cama às duas da manhã, é porque tens um motivo. — Phillip deu a mão a Sybill. — Mataste alguém? Porque se temos de nos livrar de um corpo a esta hora da noite, é melhor lançar mãos à obra.

Grato pela tentativa de aliviar a tensão, Seth abanou a cabeça.

— Desta vez, não. Talvez fosse mais fácil se o tivesse feito.

— Diz lá o que se passa, Seth — disse-lhe Cam.

— Encontrei-me com Gloria hoje à noite. — Fez-se um longo silêncio. — Desculpem. Eu estava a tentar arranjar maneira de não vos dizer, mas é impossível.

— E porque haverias de não nos dizer? — Sybill apertou com força a mão de Phillip.

— Não é a primeira vez.

— Mas vai ser a última — disse Cam num tom furioso. — O que é que se passa, Seth? Ela apareceu outras vezes e não nos contaste?

— Desde os meus catorze anos. Cam afastou-se da mesa.

— Ela tem-te chateado este tempo todo, durante estes anos todos, e tu não dizes nada?

— Não vale a pena gritares. — Ethan encostou-se à mesa, e embora a voz estivesse calma, havia algo no seu olhar que avisou Dru de que a fúria sentida seria tão letal como a do irmão. — Ela pediu-te

dinheiro?

Seth ia a responder, mas depois limitou-se a encolher os ombros.

— Agora, já podes gritar com ele — resmungou Ethan.

— E tu pagaste-lhe? Tens-lhe dado dinheiro? — O choque fazia vibrar o ar enquanto Cam olhava fixamente para Seth. — O que é que se passa contigo? Nós fizemos tudo o que era legalmente necessário para ficar contigo. Porque é que a deixaste arrancar-te dinheiro?

— Teria feito tudo o que fosse preciso para que ela vos deixasse em paz. Era só dinheiro.

— Mas ela não se foi embora, pois não? — perguntou Anna baixinho.

— Pois não, mas ...

— Devias ter confiado em nós, devias ter percebido que nós te defenderíamos.

— Eu dei-lhe dinheiro. — Seth estendeu as mãos. — Só dinheiro. Era a única coisa que eu achava que podia fazer para vos proteger. Precisava de fazer alguma coisa, tudo o que pudesse para vos pagar.

— Pagar? O quê?

— Vocês salvaram-me. Deram-me uma família. Cam, tu fizeste de mim o que eu sou hoje.

Cam levou algum tempo a conseguir falar, mas quando o fez, a voz saiu-lhe rouca mas firme.

— Eu não quero ouvir essas estupidez da tua boca. Eu não quero ouvir falar em deve e haver.

— Não era isso que ele queria dizer — disse Grace baixinho, lutando contra as lágrimas. — Senta-te, Cam. Ele tem razão.

— O que é que queres dizer com isso? — Cam voltou a sentar-se na cadeira.

— Ele nunca me deixa dizer — conseguiu Seth dizer.

— Pronto — disse Grace. — Eles salvaram-te. Começaram por

fazê-lo quando não passavas de uma promessa feita ao pai, que eles amavam. Depois, fizeram-no por ti porque te amavam. Todos nós te amávamos. Se não estivesses grato pelo que eles fizeram por ti, era porque se passava alguma coisa de errado contigo.

— Eu queria...

— Espera. — Bastou Grace levantar o dedo para que ele se calasse.— O amor não requer pagamento. Cam tem razão.

— Eu precisava de dar qualquer coisa em troca. Mas não foi só por isso. Ela falou na Aubrey.

Aubrey, que estivera a chorar em silêncio, recuperou a voz.

— O quê?

— Coisas do gênero que seria uma pena se lhe acontecesse alguma coisa. A ela ou à irmãzinha dela, ou aos primos dela. Fiquei aterrado, eu tinha catorze anos. Fiquei cheio de medo de dizer alguma coisa a alguém e de ela descobrir maneira de atingir Aubrey ou um dos garotos.

— Claro que ficaste. E ela estava mesmo a contar com isso — disse Anna.

— E quando disse que eu tinha uma dívida para com ela por todo o trabalho que lhe dera e que precisava de umas centenas de dólares para viajar, eu achei que essa seria a melhor maneira de me ver livre dela. Só queria que ela se fosse embora.

— Ela sabia — disse Sybill, suspirando e levantando-se para ir buscar a cafeteira. — Sabia como a família era importante para ti, e foi isso que ela usou. Ela sempre foi boa a descobrir os pontos fracos.

— Ela desaparecia durante meses a fio às vezes — prosseguiu Seth. — Até anos. Mas voltava sempre. Eu tinha dinheiro, que era a minha parte do estaleiro, o que me tinham dado que pertencia a Ray e o que recebia dos quadros. Sabia que era uma estupidez continuar a dar-lhe dinheiro. Surgiu a oportunidade de ir para a Europa estudar,

trabalhar e. agarrei-a. Não valia a pena ela cá vir se eu cá não estivesse.

— Seth. — Anna esperou que ele olhasse para ela. — Foste para a Europa para te veres livre dela? Para a afastares de nós?

O olhar que ele lhe lançou foi tão intenso, tão carregado de amor, que Dru sentiu um aperto na garganta.

— Eu queria ir. Tinha de descobrir o que era capaz de fazer com o meu trabalho, sozinho. Mas no fundo ... bom, ela pesou, pronto.

— Muito bem — disse Ethan, rodando a caneca. — Fizeste o que achavas que tinhas de fazer. E agora?

— Há cerca de quatro meses, ela bateu-me à porta em Roma. Ouviu falar em mim e achou que devia ter muito mais dinheiro agora. Disse que ia aos jornais e às galerias contar-lhes a história toda. A versão dela — corrigiu. — Dei-lhe dinheiro e regressei. Mas acontece que a trouxe de regresso comigo.

— Tu nunca a trouxeste — corrigiu Phillip.

— Está bem, ela voltou. Só que desta vez o dinheiro não serviu para a manter afastada. Foi à loja de Dru.

— Tentou fazer-te alguma coisa? — A ira invadiu o rosto de Cam novamente.

— Não — disse Dru, abanando a cabeça. — Acrescentou-me à lista, usando-me como outra arma para ferir Seth. Para vos ferir a todos. Não concordo com o que Seth fez, mas compreendo os motivos que o levaram a fazê-lo. — Olhou para todos os rostos sentados à volta da mesa. — A verdade é que ele vos amava demasiado para agir de outro modo ... e ela sabia. Agora, a coisa tem de parar.

— É a isto que eu chamo uma mulher inteligente — disse Cam. Deste-lhe dinheiro hoje, garoto?

— Não, ela pôs novas condições. Vai para os jornais contar a história. — Encolheu os ombros e apercebeu-se de que grande parte do

fardo já se evaporara. — Mas tem mais um trunfo: arrastar Dru.

— Quanto é que ela quer desta vez? — perguntou Cam.

— Um milhão.

Cam engasgou-se com o café que estava a beber.

— Não vai levar nem um tostão. — Anna deu uma palmada nas costas de Cam de rosto cerrado. — Nem desta vez, nem nunca mais. Não é, Seth?

— Eu percebi, sentado com ela naquela espelunca, que ela vai fazer o que tiver de fazer.

— Mas nós não vamos ficar sentados de braços cruzados — prometeu Phillip. — Quando é que vais encontrar-te com ela outra vez?

— Amanhã à noite, com a primeira parcela de dez mil dólares.

— Onde?

— Num bar reles em St. Michaels.

— Phil está a pensar — disse Cam, sorrindo maliciosamente. Adoro quando isso acontece.

— Sim, estou a pensar.

— E se eu fizesse o pequeno-almoço — disse Grace, levantando-se. — Depois, conta-nos o que pensaste.

DRU ouviu as idéias, os argumentos e, o que era incrível do ponto de vista dela, as gargalhadas e insultos casuais enquanto gizavam o plano. O bacon foi frito, os ovos, mexidos, e o café, feito.

Quando ia levantar-se para ajudar a pôr a mesa, Anna deteve-a, pondo-lhe a mão no ombro.

— Deixa-te estar, querida. Estás com um ar exausto.

— Eu estou bem. Só que me parece que deviam falar com a Polícia ou com um advogado em vez de tentarem resolver isto sozinhos.

A conversa parou.

— bom — disse Ethan com o seu ar pensativo. — Isso seria uma opção. Mas é preciso ver que os chuis diriam a Seth que tinha sido uma

idiotice ter-lhe dado o dinheiro.

— Ela fez chantagem.

— De certo modo — concordou Ethan. — Mas não vão prendê-la por isso, pois não?

— Não, mas...

— Nós tratamos dos assuntos da família — disse Cam num tom que não permitia discussão. — A família apoia-se mutuamente. Só isso.

Dru inclinou-se na direção dele.

— E achas que eu não vou apoiar. Cam também se inclinou.

— Dru, tu és muito bonita, mas não estás aqui por causa disso. Vais apoiar. Os Quinns não se apaixonam por mulheres que não tenham fibra.

Ela recostou-se, acenando com a cabeça.

— Está bem. Então, tratem do assunto à vossa maneira. Mas acho que seria útil descobrir se ela não terá nenhum mandado de captura, dado o seu estilo de vida e os seus hábitos. Se eu telefonar ao meu avô, devo conseguir essa informação para amanhã à tarde. Não seria mau que ela percebesse que também sabemos jogar duro.

— Gosto dela — disse Cam a Seth.

— Eu também. — Mas Seth agarrou na mão de Dru. — Não quero arrastar a tua família para isto.

— Foi por não teres querido arrastar a tua família nem a mim para isto que estamos aqui sentados às quatro da manhã. — Agarrou na travessa com ovos que Aubrey lhe passou e serviu-se. — Não te aconselho a entrares novamente por esse caminho. Passa-me o sal.

Ele estendeu os braços, agarrou-lhe no rosto e beijou-a. com força e demoradamente.

— Dru — disse ele. — Eu amo-te.

— Ótimo. Eu também te amo. — Agarrou-lhe no pulso, apertando-o ao de leve. — Agora, passa-me o sal.

— Tu FICAS AQUI. Ponto final.

— Mas já chegamos ao ponto em que ditas aonde posso ir ou o que posso fazer?

— Não vou discutir isto contigo.

— Ai isso é que vais — disse Dru quase com ternura.

— Por favor. — Seth mudou de tática, pousou-lhe uma mão ao de leve no ombro. — Fica aqui e deixa-me fazer aquilo que é preciso.

Os olhos dele revelavam tumulto, e não ira, agora, e ela reagiu de forma diferente.

— bom, já que me pedes com bons modos.

DRU DEIXOU-O IR e ficou no alpendre com as outras mulheres Quinn enquanto os dois carros se afastavam.

Anna baixou a mão que levantara para dizer adeus.

— Lá vão os nossos bravos e corajosos homens para a batalha. E nós, as mulheres, ficamos para trás.

— Ponham os aventais — resmungou Aubrey. — Toca a fazer salada de batata.

Dru olhou à sua volta. O olhar das companheiras era sem dúvida igual ao seu.

— Não me parece.

— Então, quanto tempo de avanço lhes damos? — perguntou Sybill, olhando para o relógio.

— Quinze minutos devem chegar — decidiu Anna. Grace acenou com a cabeça.

— Vamos na minha carrinha.

SETH ESTAVA sentado ao balcão, a pensar, enquanto olhava para a cerveja por beber. O local era o ideal para o último combate com ela, com a sua infância e os seus próprios demônios, refletiu. Pretendia sair dali quando tivesse terminado o assunto, deixando para trás toda aquela miséria.

— Estás com mau aspecto — disse Gloria a Seth quando entrou.— Tiveste uma má noite?

— Tu estás igual. Sabes, estava para aqui sentado a pensar que tu foste criada num ambiente bem bom.

Ela embalou o gin tónico que o barman lhe pôs à frente. — Sabes muito, não haja dúvida.

— Uma casa grande, dinheiro em barda, uma boa instrução.

— A minha mãe era um bloco de gelo, o meu padrasto, um idiota. E depois havia Sybill, a filha perfeita. Eu estava ansiosa por me pôr a mexer dali para fora.

— Quanto aos teus pais, não sei. Também não têm nada a ver comigo. Mas Sybill nunca te fez mal nenhum, acolheu-nos aos dois quando lhe foste bater à porta, sem cheta nem lugar para onde ir.

— Para mo atirar à cara.

— Foi por isso que a roubaste quando estivemos lá em Nova Iorque?

— Eu tiro o que preciso. Tinha de sustentar-te, não tinha?

— Tu nunca te importaste comigo. Roubaste-a porque a odiavas. Roubavas para poderes comprar droga.

— Tudo o que levei da casa dela era meu por direito. É preciso ter em conta as prioridades. Nunca consegui ensinar-te isso.

— Ray nem sabia da tua existência, mas tu odiava-lo. Quando descobriu, quando tentou ajudar-te e tu ainda ficaste a odiá-lo mais.

— Ele estava em dívida comigo.

— Ele nem sabia que tu existias, mas quando lhe disseste, deu-te dinheiro. E não foi suficiente. Tentaste arruinar-lhe a vida com mentiras. Depois, vendeste-me como se eu fosse um cachorrinho de que já estivesses farta.

— Mantive-te ao pé de mim durante dez anos, só serviste para atrapalhar. O velho Quinn estava em dívida comigo por eu lhe ter dado

um neto. E a coisa correu bem para ti, não correu?

— Acho que também estou em dívida contigo por isso. — Levantou a cerveja em jeito de brinde e deu um gole. — Quanto é que achas que conseguiste arrancar-me durante estes anos todos, Gloria? Entre o que sugaste a Ray e o que me tens sugado a mim? Devem ter sido algumas centenas de milhares, pelo menos. É claro que nunca conseguiste arrancar nada aos meus irmãos. Tentaste, mas eles não são fáceis de espremer.

Ela sorriu maliciosamente.

— Eles teriam largado a guita se eu quisesse. Se queres continuar a tua carreirazinha de artista que conseguiste por teres sido espremido, se queres ficar com a neta do senador, tens de pagar.

— Tu disseste, está dito. Vamos ver se compreendo as condições. Pago-te um milhão de dólares, começando hoje com uma primeira parcela de dez mil...

— Em dinheiro.

— Pois, em dinheiro, senão vais aos jornais e à família de Dru contar mais um rol de mentiras sobre como os Quinns te usaram e abusaram de ti, começando por Ray. Arrastas-me a mim, a eles e a Dru para a lama. Uma pobre mulher lutando para criar um filho sozinha, implorando ajuda, e eles obrigaram-te a dar-lhes o teu filho.

— Soa bem. O filme semanal dos Casos da Vida.

— Sem mencionar as coisas que fazias quando a criança estava no quarto ao lado ... nem os homens que deixavas tocar-lhe. Sem mencionar a droga, a bebida, os espancamentos.

— Tragam os violinos. — Ela aproximou-se dele. — Tu eras um chato. Tens sorte de eu te ter aguentado tanto tempo.

— Tu arrancas-me dinheiro desde os catorze anos. Dei-to para proteger a minha família e a mim. Paguei-te sobretudo porque a paz de espírito vale muito mais do que o dinheiro. Permiti que me chantagea-

se.

— Estou a propor-te um negócio. Uma boa maquia e podes seguir com essa tua vida enfadonha. Se me pregares uma partida, perdes tudo.

— Um milhão de dólares, senão farás os possíveis e os impossíveis para atingir a minha família, arruinar a minha carreira e dar cabo da minha relação com Dru.

— Precisamente. Passa para cá a massa. Ele encarou-a de frente.

— Nem agora, nem nunca mais.

Enfiou a mão no bolso e tirou um mini-gravador.

— Tudo o que dissemos ficou gravado aqui. Podes arranjar confusãos com a justiça se eu for com isto à Polícia.

Quando ela tentou agarrar no gravador, ele apertou-lhe o pulso.

— Por falar em chuis, eles iam gostar de saber que saíste sob fiança de St. Worth. Foste dentro por prostituição e posse de droga. Se eu abrir a boca, vai haver quem dê pulos de contente por conseguir pôr-te as mãos em cima e arrastar-te novamente para o Texas.

— Seu filho da puta.

— Não podia ser mais verdade — disse ele calmamente.

— Quero o meu dinheiro — disse ela num tom esganiçado.

O quarteto que jogava bilhar olhou para eles. O maior deles bateu com o taco na palma da mão enquanto media Seth com o olhar. Ela saltou do banco, e a fúria quase a fazia chorar.

— Ele roubou-me dinheiro.

Os quatro homens avançaram. Seth levantou-se. Os irmãos entraram e puseram-se ao lado dele.

— Parece-me que assim fica mais equilibrado. — Cam enfiou os dedos nos bolsos e fez um sorriso duro a Gloria. — Já não nos víamos há uns tempos.

— Seus estupores. Eu quero aquilo que é meu.

— Não temos nada que seja teu — disse Ethan. — Nunca tivemos.

— Eu roubei-lhe alguma coisa? — perguntou Seth ao barman.

— Não — disse ele, limpando o balcão. — Se querem armar confusãos, vão lá para fora.

Phillip olhou para os quatro homens e perguntou-lhes:

— Querem confusãos?

O maior bateu duas vezes com o taco na mão.

— Bob disse que ele não tinha roubado nada.

— E tu Gloria? Queres confusãos? — perguntou-lhe Phillip.

Antes de dizer fosse o que fosse, a porta abriu-se. As mulheres entraram.

— Era de esperar — disse Cam por entre dentes. Dru aproximou-se de Seth e enfiou a mão na dele.

— Olá outra vez, Gloria. É engraçado, mas a minha mãe não se lembra de ti. Não está minimamente interessada em ti. Mas o meu avô está. — Tirou um papel do bolso. — Este é o número de telefone dele. Terá todo o prazer em falar contigo se lhe ligares.

Gloria arrancou o papel da mão de Dru, depois recuou rapidamente quando Seth deu um passo em frente.

— Vocês vão arrepender-se disto. — Passou por eles a correr. Vão arrepender-se amargamente. — Lançou-lhes mais um olhar azedo e saiu de rompante porta fora.

— Devias ter ficado em casa.

— Ai isso é que não devia — disse Dru, tocando-lhe no rosto.

A CASA E o PÁTIO estavam a abarrotar de gente. Os caranguejos coziam em vapor, e havia meia dúzia de mesas de piquenique cheias de comida. A celebração do 4 de Julho dos Quinns estava no auge.

Seth serviu uma cerveja do barril, foi para a sombra descansar da conversa e desenhar um pouco. O seu mundo, pensou. Amigos, família. Dia da Independência. Ia recordar aquele dia para o resto da vida.

— Começamos a fazer isto ainda tu nem eras nascido — disse Stella a seu lado.

O lápis saltou dos dedos de Seth. Não era sonho daquela vez, pensou, ofegante e atordoado. Estava sentado meio à sombra, rodeado de pessoas e de barulho.

E a falar com um fantasma.

— Quase ias estragando tudo, o que me chateou bastante. Mas acabaste por compreender.

Ela estava com o velho chapéu de caqui, uma camisa vermelha e calções azuis largos. Sem sequer pensar, Seth agarrou no lápis, virou a página do bloco e começou a desenhá-la.

— Parte de mim sempre teve medo dela, por mais que tentasse não ter. Mas já passou.

— Ótimo. E continua assim, porque ela vai sempre causar problemas. Meu Deus, olha-me bem para o Júnior Crawford. Como é que ele envelheceu tanto? O tempo passa, faça-se o que se fizer. Algumas coisas deixamos passar, mas há outras que vale a pena repetir. Como esta festa.

Ele continuou a desenhar, mas sentia um nó na garganta.

— Não vai voltar, pois não?

— Não, meu querido. Eu não vou voltar. É altura de olhar em frente, Seth. Não podes esquecer o que se passou, mas é preciso olhar em frente. Olha para os meus filhos. — Soltou um longo suspiro enquanto olhava para Cam, Ethan e Phillip. — Já adultos e com família. Estou feliz por lhes ter dito que os amava, que estava orgulhosa deles, enquanto ainda era viva.

Sorriu e deu uma palmadinha no joelho de Seth.

— Fico feliz por ter tido a oportunidade de dizer-te que te amo e tenho orgulho em ti.

— Avó...

— Tem uma vida boa, se não aborreço-me contigo outra vez. Lá vem a tua namorada — disse ela, e desapareceu.

Dru sentou-se ao lado dele.

— Queres companhia? — perguntou ela.

— Desde que seja a tua.

— Tantas pessoas. — Deitou-se, apoiando-se nos cotovelos.

— Quase toda a gente passa por cá e fica pelo menos um bocadinho. Ao fim da tarde, a coisa abranda, e só ficamos poucos a ver o fogo-de-artifício.

«Algumas coisas deixamos passar», recordou ele. «Há outras que vale a pena repetir.»

— Amo-te, Drusilla. Achei que valia a pena repetir.

Ela inclinou a cabeça e ficou a olhar para o estranho sorrisinho nos lábios dele.

— Podes repetir sempre que quiseres. E se vieres para casa comigo depois da festa, podemos lançar o nosso próprio fogo-de-artifício.

— Está combinado.

Voltou a sentar-se e olhou para o desenho.

— Que maravilha. Um rosto tão forte ... e amável. — Olhou à sua volta à procura do modelo. — Onde está ela? Não me lembro de a ver.

— Ela já cá não está. — Olhou uma última vez para o desenho, depois fechou o bloco devagarinho. — Queres ir ao banho?

— Está calor para isso, mas eu não me lembrei de trazer o fato de banho.

— A sério? — Levantou-se, sorrindo maliciosamente, e puxou-a para cima. — Mas sabes nadar, não sabes?

— Claro que sei. — Mal proferiu as palavras, reconheceu o brilho nos olhos dele. — Nem penses.

— Tarde demais. — Agarrou nela ao colo. — Não te esqueças de

suster a respiração.

Correu pelo cais fora e saltou para o mar.

— É UMA COISA que os Quinns têm — disse Anna, dando uma camisa seca a Dru. — Não sei explicar. Estão sempre a fazer isso.

— Perdi um sapato. Os homens são tão estranhos.

— Estas sandálias devem servir-te.

— Obrigada. Oh, são lindas.

— Adoro sapatos. Sou louca por sapatos.

— Eu cá adoro brincos. Não consigo resistir-lhes.

— Gosto muito de ti.

Dru parou de admirar as sandálias e olhou para cima. — Obrigada. Eu também gosto muito de ti.

— Tu és um brinde. Eu teria acolhido qualquer mulher que Seth amasse. Todos nós teríamos. Por isso, tu és um brinde extremamente agradável.

— Eu ... não sei muito bem funcionar com famílias como a vossa.

— Quem é que sabe? Vai escurecer em breve. Vamos beber um copo de vinho e arranjar um bom lugar para ver o fogo-de-artifício.

Quando saiu lá para fora, Seth foi ter com ela com um sapato de lona encharcado e um sorriso embaraçado.

— Encontrei-o.

Ela arrancou-lho da mão e colocou-o ao lado do par.

— Mrs. Monroe trouxe gelado de pêssego caseiro. — Tirou a outra mão de trás das costas e estendeu-lhe um cone com duas bolas.

— Hum — desdenhou ela, mas agarrou no cone.

— Queres ir sentar-te na relva comigo a ver os foguetes? Ela deu uma grande lambedela no gelado.

— Talvez.

— Vais deixar-me beijar-te quando ninguém estiver a ver?

— Talvez.

— Vais dividir esse gelado comigo?

— Nem pensar.

ENQUANTO SETH tentava comer a sua parte do gelado, Gloria DeLauter entrou no parque de estacionamento dos Barcos Quinn. Parou e ficou ali a remoer a sua raiva aumentada pelo gin.

Saiu de rompante do carro, tropeçando, com o gin a toldar-lhe os pensamentos.

Abriu o porta-bagagem, gritando de contentamento enquanto arrastava de lá para fora os dois bidões de gasolina.

— Vai haver fogo-de-artifício, olá se vai.

Voltou a tropeçar, perdeu um dos sapatos, mas estava demasiado bêbada para reparar. Acertou com os bidões até a porta, coxeando. Levou algum tempo a tirar a tampa do primeiro e a espalhar a gasolina nas portas. Espalhou-a pelos tijolos, pelo vidro, nos lindos arbustos de bérberis que Anna plantara ao longo da fachada. Quando o primeiro ficou vazio, agarrou no outro.

Foi uma emoção atirá-lo ainda meio cheio pela janela da frente.

Depois, voltou ao carro a coxear para ir buscar as duas garrafas que enchera de gás e tapara com trapos.

— Cocktail Molotov. — Soltou uma gargalhadinha, desequilibrando-se.

Tirou o isqueiro e acendeu-o. E sorria quando incendiou um trapo. Pegou fogo mais depressa do que esperava e queimou-lhe as pontas dos dedos. Soltou um gritinho e atirou-o em direção à janela, mas acertou no tijolo.

Aproximou-se com o rosto a transpirar do calor e incendiou o segundo trapo. Desta vez, a pontaria foi melhor, e ouviu o ruído de vidro e das chamas quando a garrafa se partiu lá dentro.

Permitiu-se o prazer de ver o fogo a atear-se antes de correr para o carro.

O FOGUETE explodiu no céu, transformando-se numa fonte dourada contra o preto. com Dru enroscada entre as suas pernas e os braços à volta da cintura dela, Seth sentia-se quase estupidamente feliz.

— Tive muitas saudades disto quando estive fora — disse-lhe ele, mas a sua voz foi abafada. Já estava de pé a puxar Dru quando Cam chegou a correr.

— O estaleiro está a arder.

Os BOMBEIROS já estavam a combater as chamas. As portas e as janelas tinham desaparecido, e o tijolo em torno delas estava preto. Seth ficou parado de punhos cerrados. Pensou no trabalho que estava dentro daquele velho armazém de tijolo. No suor e sangue que custara a construir, na determinação pura e no orgulho da família.

Depois, baixou-se e apanhou o sapato de salto alto aberto atrás que estava a seus pés.

— É dela. Fica com Anna e com os outros — disse ele a Dru, e foi ter com os irmãos.

— Uns garotos ouviram a explosão e viram o carro afastar-se. Cam esfregou os olhos que picavam do fumo. — Não há dúvida de que foi fogo posto, porque ela deixou os bidões. Têm a marca e o modelo do carro e uma descrição. Não vai longe.

— Ela acha que isto foi a paga — disse Seth.

— bom, vai ter uma surpresa. Desta vez, vai parar à cadeia.

— Mas antes conseguiu dar-nos cabo da vida.

— Está tudo no seguro. — Cam olhou fixamente para o edifício de tijolo agora escurecido. A dor no coração foi como uma punhalada. Já pusemos isto de pé uma vez, vamos conseguir outra vez. E se estás a pensar que a culpa é toda tua ...

— Não — disse ele, abanando a cabeça. — Isso é coisa do passado.

— Que caos — disse Phillip ao aproximar-se. Tinha o rosto

manchado de fuligem e a roupa toda suja. — Mas está extinto. Os garotos que telefonaram para os bombeiros salvaram-nos. Ethan está a falar com o comandante dos bombeiros. Ele depois diz-nos quando é que podemos entrar.

Phillip cruzou os braços e examinou o edifício.

— Podíamos dizer que se lixe, mudar-nos para o Taiti e abrir um bar tiki. Passar os dias a pescar até ficarmos castanhos como os macacos.

— Não. Quando se vive numa ilha, acaba-se a beber rum. Nunca gostei de rum.

Phillip deu uma palmada no ombro de Seth.

— Então, acho que ficamos. Querem ir dizer a Ethan? — Acenou em direção ao irmão, que atravessava a relva enlameada.

— Ele não se vai importar. Ele também não gosta de rum. — Mas o otimismo a que Seth tentava agarrar-se vacilou quando viu o rosto de Ethan.

— Apanharam-na. — Ethan passou o braço pela testa suada. Sentada num bar a menos de dez quilómetros da cidade. Não te importas? — perguntou a Seth.

— Nada.

— Está bem, então. Talvez devesses convencer a tua garota a ir para casa. A noite vai ser longa.

Foi UMA NOITE longa e seguiu-se-lhe um dia longo. E passariam várias longas semanas até os Quinns voltarem em pleno ao trabalho.

Tropeçara por entre os destroços e aquele cheiro horrível do edifício. Sofreu ao ver os desenhos que fizera na infância todos reduzidos a cinzas. Podia e ia reproduzi-los. Mas não podia substituí-los, nem à alegria que cada um deles lhe dera.

Já escurecera quando se dirigiu a casa de Dru na noite seguinte. Estava completamente exausto, mas tinha os pensamentos claros como

nunca na vida. Tirou o balouço que comprara da carrinha que pedira emprestada a Cam e agarrou nas ferramentas.

Quando ela veio cá fora, ele estava a aparafusar o primeiro parafuso.

— Disseste que querias um balouço.

— É o lugar ideal. — Aproximou-se, tocou-lhe no ombro. — Conta-me.

— Já conto. Desculpa lá não te ter telefonado hoje.

— Eu sei que estiveste ocupado.

— O fogo não atingiu o primeiro andar. O andar de baixo está um caos. Depois do fogo, do fumo, da água, vamos ter de tirar aquilo tudo de lá. Perdemos quase todas as ferramentas. O perito da companhia de seguros foi lá hoje. Vai correr tudo bem.

— Sim, vai correr tudo bem.

Ele avançou para o segundo parafuso.

— Prenderam Gloria. Deixou as impressões digitais nos bidões de gasolina que largou ao pé do edifício. E quando a prenderam para a interrogar, ainda só tinha um sapato.

— Sinto muito, Seth.

— Eu também, mas sei que a culpa não foi minha. Ela só conseguiu dar cabo do edifício. Não nos fez mal a nós. Construímos uma coisa que ela não é capaz de destruir. — Pôs a corrente e prendeu um dos lados. — Mas ela não vai deixar de tentar. — Deu a volta e prendeu a outra corrente. — Agora, vai para a cadeia.

Dru pensou se ele acharia que ela não lhe via a fadiga no rosto.

— Mas ela não vai mudar — prosseguiu Seth. — Não vai mudar porque não se enxerga. E quando sair, aposto que vai voltar, mais cedo ou mais tarde, para tentar arrancar mais dinheiro. Ela faz parte da minha vida, e eu vou saber lidar com isso. — Deu um empurrãozinho ao balouço, que se pôs a balouçar. — É pedir muito a outra pessoa que

aguente isto.

— Pois é. Tenciono ter uma longa conversa com os meus pais, mas não acho que isso vá mudar grande coisa. São demasiado possessivos, pessoas insatisfeitas, que muito provavelmente vão continuar a usar-me como arma um contra o outro. Eles fazem parte da minha vida.

— Eu aguento.

— É pedir muito a outra pessoa que aguente isto — disse Dru, inclinando a cabeça.

— Acho que sim. Queres experimentar?

— Quero.

Sentaram-se, a balouçarem suavemente enquanto a escuridão aumentava e a água lambia a terra. — Achas que vai resultar? — perguntou-lhe ele. — Claro que acho. — Dru, casas comigo? Formou-se um sorriso nos seus lábios. — O plano é esse.

— É um bom plano. — Agarrou-lhe na mão, levou-a aos lábios. Queres ter filhos meus?

Os olhos ardiam-lhe, mas ela manteve-os fechados e continuou a balouçar suavemente.

— Quero. Essa é a segunda fase do plano. Bem sabes como sigo sempre os planos à risca. Seth virou-lhe a mão e beijou-lhe a palma. — Envelhece comigo aqui, na casa junto ao rio.

Ela abriu os olhos agora, deixando cair a primeira lágrima. — Tu já sabias que isso me faria chorar.

— Mas só um pouquinho. Toma. — Tirou um anel do bolso, um anel simples de ouro com um rubi redondo. — É muito simples, mas era de Stella ... era da minha avó. — Enfiou-lho no dedo. — Os meus irmãos acharam que ela gostaria que ficasse para mim.

— É a coisa mais bonita que me podias ter dado.

Seth pousou os lábios nos dela, puxando-a para si enquanto ela o

abraçava.

— Alguém muito inteligente disse-me que tem de olhar-se em frente. Não pode esquecer-se o passado, mas tem de avançar-se. Começa agora o futuro. Para nós, começa agora.

— Neste preciso momento.

Dru pousou a cabeça no ombro dele e apertou-lhe a mão com força. Ficaram sentados no balouço sob o ar pesado da noite, enquanto a água escurecia com o cair da noite e os pirilampos começavam a dançar.

***

Fim